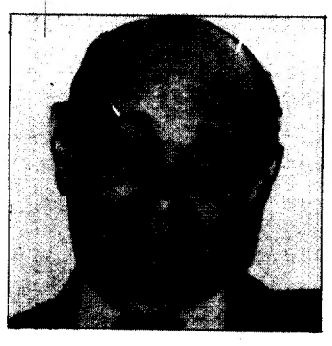


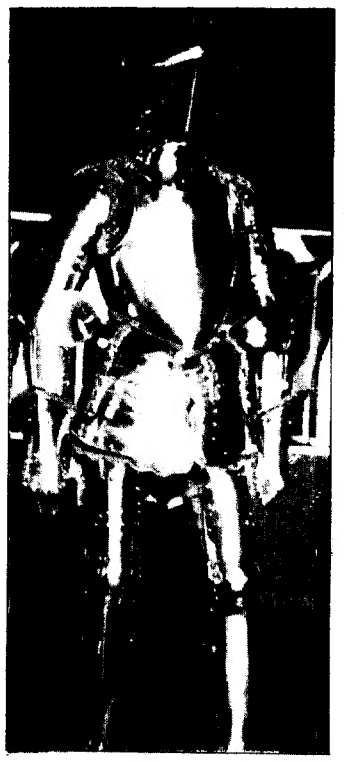
Já se preparam funerais de Tancredo que sobrevive ligado a máquinas

Basta desligar as máquinas e Tancredo Neves, presidente eleito do Brasil, morrerá. A partir de agora, não há mais ilusões: só um milagre o poderá salvar. O presidente em exercício, José Sarney, e as mais destacadas figuras do Estado brasileiro fizeram já todos os preparativos de pormenor para os funerais. O povo continua a orar e a invocar Deus (vários deuses, aliás).

Pág. 14

Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 734 Segunda-feira, 15 de Abril de 1985 PREÇO 30$00



A História que Mattoso escreve

Hoje no sete Ponto Sete, entrevista com o historiador José Mattoso

Ganha ele e mais três sócios

Totoloto dá 31 mil contos a industrial

Francisco Pontes, que jogou com três sócios, um dos quais seu irmão, era até ao fim desta manhã o único totalista do concurso do Totoloto. Mais de 31 mil contos, resultantes da acumulação de um primeiro, dois segundos, dois terceiros, quatro quartos e um quinto prémio, é o valor ganho por esta sociedade de industriais de lavandaria da Póvoa de Varzim. Este é o prémio mais elevado até agora conseguido no jogo das bolas numeradas nos três concursos já realizados. Esta semana, o montante destinado a prémios ultrapassou os 121 mil contos, correspondentes a mais de 19 milhões de apostas. Até ao fim desta manhã, para além do totalista da Póvoa de Varzim, estavam já escrutinados 21 segundos prémios, 255 terceiros, mais de 22 mil quartos e 394 255 quintos prémios. De acordo com os serviços do Totoloto, aos segundos, terceiros, quartos e quintos prémios cabem respectivamente, as somas de 253 mil escudos, 66 contos, 1100 escudos e, finalmente, 100 escudos. Recorda-se que os números da sorte foram 1, 7, 13, 16, 17 e 34, sendo o número suplente o 45.

A nova face do "DL"

Balanço de uma experiência e das primeiras reacções: a nova imagem do «Diário de Lisboa» foi bem recebida pelos leitores e satisfaz os objectivos para que a criámos: maior legibilidade, melhor arrumação de assuntos, mais informação

Pág. 3

Conselho Nacional do PSD

Jardim torce por Soares

O líder do PSD na Madeira torceu sábado por Soares no Conselho Nacional do seu partido. Alberto João Jardim (que na foto se vê com João Salgueiro, a outra intervenção polémica dos trabalhos) pôs à consideração daquele órgão a hipótese dos socias-democratas virem a apoiar Soares a Belem, caso este se disponha a negociar a revisão da Constituição. João Jardim «aqueceu» assim (começou por zurzir Carlucci) uma reunião morna, na qual as principais questões ficaram adiadas: o cumprimento mas medidas calendarizadas e a definição da estratégia presidencial depois da recusa de Firmino Miguel. O problema das medidas estruturais será discutido quinta-feira na «cimeira» com o PS, enquanto o candidato do PSD a Belém só no congresso será (em princípio) conhecido. Entretanto, Machete admitiu candidatar-se à liderança do PSD no congresso, na Figueira da Foz, para o qual começou hoje a eleição de delegados.

Págs, 4 e 5

O quase ex-candidato civilista cumprimentando efusivamente João Salgueiro

Praticantes de artes marciais faziam chantagem

Pág. 9

GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO

ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE

☎ 88 27 86
89 98 26

A MELHOR ASSISTÊNCIA TÉCNICA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO

18 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA ● SONORIZAÇÕES PARA TODOS OS FINS

AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B ● R. DE MACAU, 8, 1.º — LISBOA

Política e veracidade (2)

Antonio de Sequeira Zilhao

Como vimos o PSD de hoje, dentro da política portuguesa parece culminar uma evolução em que na realidade, deixa de ser social-democrata no sentido conotável, **de qualquer forma,** com o socialismo, **ainda que encarada a finalidade socialista segundo um critério moderado e através, portanto, de uma estratégia de reformismo gradualista. E no que pese, especificamente, à circunstância de o mesmo partido ter tentado filiar-se na Internacional Socialista; e no que pese, também, à circunstância de o mesmo partido ter votado e ter aplaudido a Constituição de tipo socializante, isto é,** pró-socialista, **que saiu da Constituinte proporcionado pelo 25 DE ABRIL.**

No momento actual procura o PSD inserir-se numa «estratégia de mudança» (sic) que se traduz na alteração, melhor, na substituição da Constituição da República (aliás, já algo mutilada na «revisão» de 1982); tudo, enfim, no sentido da «modificação profunda» **(re-sic)** do sistema económico da ordem jurídico-constitucional formalmente estatuída (embora sem posterior, inteira e consequente aplicação).

Essa a tendência que se tem preconizado e expandido nos órgãos partidários e como orientação que **parece** agora assente, como constantemente se ouve exprimir pelos seus líderes, acrescentando-se (como o faz, o próprio vice-primeiro-ministro em exercício no governo de colisão com o Partido Socialista...) que se torna necessário enfrentar dois inimigos ou adversários: travar o «eanismo» (talvez com alusão indirecta ao PRD, Partido Renovador Democrático, recentemente criado) e, por outro lado, contrariar o «soarismo» na medida e no pressuposto de que este apenas vise o aperfeiçoamento e não a substituição do sistema instituído, instituído, repita-se, sem consequente e coordenada aplicação) na parte económica daquela ordem jurídico-constitucional.

*

Mas Vejasmos:

O PPD de 1974 foi em dada altura crismado como PSD, mantendo-se a simbologia e o Programa que logo, literal e frisantemente, propugna «A SOCIAL-DEMOCRACIA PARA PORTUGAL».

No traçado e sistematização da ideologia e da política de um partido que se apresentava desse modo, que desejava então (deseja-o ainda...?) uma social-democracia para o nosso país, surpreendem-se trechos de prosa como os que se seguem:

No preâmbulo do programa

«(...) **traduzir, claramente e sem ambiguidade, as linhas fundamentais de um projecto de transformação global da nossa sociedade,** (...) **pela opção do socialismo democrático e humanista no plano ideológico e político, pela adequação constante e realista da acção política à realidade portuguesa concreta, pela especial atenção aos aspectos económicos e do bem-estar social da população, em particular à educação, saúde, habitação e segurança social».**

«Um projecto de transformação estrutural da sociedade deverá (...) conter uma larga e corajosa visão do futuro, possuir a virtude de mobilizar o querer do povo para a sua realização e mover os recursos indispensáveis, em vontade humana e em capacidade técnica, para ser levado a cabo com eficiência e a tempo (...)

Na I Parte — Valores e opções fundamentais

«Em 25 de Abril de 1974 o Movimento das Forças Armadas (...) derrubou uma longa ditadura vazia de apoio popular, que escravizou os portugueses através da injustiça social, os sujeitou e manipulou por meio das mais variadas formas de alienação (...). Os protagonistas da hora histórica do 25 de Abril e o programa que ofereceram a Portugal não limitam as suas opções e propósitos a profundas mutações no corpo político de Portugal. Pelo seu conteúdo inequivocamente progressista, implica o Programa do MFA a consolidação irreversível dessas mutações na esfera económica e social. Só este caminho salvará a dinâmica das transformações desencadeadas pela revolução de Abril do perigo de se esvaírem na esterilidade de manifestações superficiais de carácter mais ou menos verbalista, demagógico e alienante.

Em resposta a este desafio histórico o Partido Popular Democrático (hoje, digamos... PPD/PSD) propõe a todos os portugueses uma nova ordem da sociedade, em que cada indivíduo possa realizar-se como **pessoa** na liberdade, na igualdade e na justiça, em solidariedade com todos os homens, participando democraticamente na vida política, económica e cultural da Nação e da Humanidade. A sua criação obedece ao reconhecimento da necessidade de oferecer aos portugueses a possibilidade de tornarem efectiva e actuante uma vontade política dirigida pelos **valores do socialismo** (...)). Sublinhado nosso.

Logo um pouco adiante, ao caracterizar os objectivos de **construção da democracia** no seu tríplice aspecto e sob a mobilização da solidariedade de todos os portugueses, pode ler-se no mesmo Programa do PPD/PSD:

«A democracia política, a democracia económica e a democracia social e cultural condicionam-se mutuamente, porque todas as formas de desigualdade tendem a produzir diferenças de poder, domínio do homem sobre o homem e, afinal, limitação ou supressão da liberdade em todos os sectores da vida social.

Liberdade, igualdade e solidariedade são as grandes teses do socialismo e realizam-se na democracia. **Não há verdadeira democracia sem socialismo, nem socialismo autêntico sem democracia.**

Estes ideais são a herança de uma complexa tradição cultural historicamente alimentada pelos contributos do humanismo, do cristianismo e da filosofia ocidental, das lutas das classes trabalhadoras, da análise das formas de contradição da sociedade capitalista e do combate contra o fascismo, os imperialismos e os totalitarismos. O Partido Popular Democrático (hoje, digamos... PPD/PSD) pretende reunir todos os que aceitem os ideais do socialismo e procuram realizá-lo pela construção da democracia, independentemente da sua crença religiosa ou formação filosófica. A sua unidade baseia-se em ideais e objectivos políticos comuns e consolida-se na prática quotidiana da luta pela democracia e pelo socialismo.

O socialismo democrático é um desafio constante à dedicação e à generosidade dos seus militantes (...).

Para o Partido Popular Democrático a construção da democracia em Portugal, aqui e agora, exige uma transformação profunda das estruturas da sociedade portuguesa (...)».

Leia-se no mesmo programa, a propósito da **crítica ao sistema capitalista**:

«O capitalismo desencadeou tremendas transformações económicas, sociais e culturais em função exclusivamente do lucro. Um sistema económico baseado no lucro individual revelou-se incapaz de, por si só e sem intervenção do Estado, assegurar o pleno emprego e planear a satisfação das necessidades colectivas (...).

Os objectivos a longo prazo foram geralmente sacrificados ao lucro imediato. A exemplo da evolução anterior do capitalismo mundial e sem aprender as suas lições, o desenvolvimento capitalista em Portugal preferiu, sempre que pôde, explorar o trabalhador em vez de alargar o mercado interno, aproveitar a dominação dos produtores de matérias-primas em vez de progredir tecnologicamente, exaurir os recursos em vez de planear a produção. (...)»

Ao redor dos objectivos essenciais do socialismo democrático e humanista, diz o Programa:

«Nas sociedades históricas as pessoas não têm gozado de igualdade real e efectiva, dispondo algumas da possibilidade de se realizarem livremente, enquanto outras — a maioria — suportam uma vida que não puderam escolher para si. Mas o modo como uma sociedade histórica se encontra em dado momento estruturada não constitui uma fatalidade que haja de ser sofrida passivamente. Porque agentes e autores da História, os homens podem modificar (...) a sociedade em que vivem, refazendo-lhe a estrutura (...) num programa de acção política ajustado às condições concretas.

(...) Se o objectivo fundamental de uma política socialista reside na construção de uma sociedade que permita a cada um a liberdade efectiva de escolher a sua própria vida e o vivê-la com independência e dignidade, então um objectivo desses situar-se-á sempre para além do que vai sendo historicamente conseguido em cada momento. Trata-se, na verdade, de objectivo que só se alcança no momento em que tiverem desaparecido todas as situações sociais de **agressão,** de **alienação** e de **exploração** do homem, e em que forem postos à disposição de cada um os meios de satisfazer as suas necessidades espirituais e materiais.

A vontade firme de caminhar nessa direcção implica a opção por transformações sociais, em cada momento tão profundas quanto o consentirem as condições objectivas da sociedade, e o respeito pelos valores fundamentais da pessoa humana e da democracia. Nisto se caracterizará um projecto socialista de cunho democrático e personalista».

Quanto à via social-democrata do PPD/PSD:

«A via para atingir o socialismo democrático em Portugal há-de corresponder, também, às peculiares características do seu povo e da sua sociedade. (...) «O Partido Popular Democrático, que adopta uma via social-democrata, está aberto a todos os homens, como partido do povo e para o povo, que quer ser. Não é um partido com orientações dogmáticas, para além do necessário e permanente compromisso de todos os seus militantes e aderentes nos valores fundamentais do socialismo democrático e humanista. Pretende aproveitar, pois, as contribuições de qualquer corrente de pensamento político válido, **incluindo as análises económicas e sociológicas do marxismo (sic),** sem se deixar enfeudar a nenhuma delas (...)».

«... Os trabalhadores não poderão continuar a ser sacrificados à eficiência nem a ser utilizados como instrumento ao serviço de alguns. Há que dar-lhes o lugar a que têm direito, transformando a empresa numa comunidade à medida do homem, por forma a que cesse a alienação nas relações de trabalho e na economia. (...) Um pacto social equilibrado e cujo dinamismo planificado favoreça os interesses dos trabalhadores, um consenso fundamental sobre os valores e regras do processo democrático, o respeito rigo-

Continua na pág. 4

JOVENS PUBLICOS SEM...

Manuel Salgueiro, 15 anos, estudante

"A Segurança Social anda muito esquecida"

— Que ano frequenta?

— Estou no 7.º ano de escolaridade.

— Com que problemas se debate o ensino português?

— Acho que o principal é a falta de condição da maior parte das escolas. Por exemplo, no meu liceu ainda há pouco tempo caiu o tecto da biblioteca; foi uma sorte não estar ninguém lá dentro.

— Na sua opinião que medidas deviam ser tomadas pelo Governo para solucionar esse tipo de problemas?

— Acho que em vez de dar verbas para coisas menos importantes, como o armamento, devia gastá-las com as escolas.

— O Estado apoia o ensino?

— Não tanto como devia apoiar.

— Como está o País?

— Está mal.

— Qual a situação mais grave que se vive actualmente?

— O elevado custo de vida, está tudo muito mais caro.

— Os ordenados deviam acompanhar a inflação?

— Acho que sim. Em relação aos aumentos que houve nos últimos tempos os ordenados estão muito mais baixos.

— Como vive a população portuguesa?

— Vive tentando ganhar o suficiente para as coisas necessárias como a alimentação, não se alargando muito em tudo o resto.

— E os trabalhadores com salários em atraso?

— O que é que eles hão-de fazer? Não têm hipóteses de reagir, a única coisa que podem ter é esperança de que lhes paguem ou de arranjar um novo trabalho onde recebam os salários.

— O Governo deveria intervir em situações como essa?

— Penso que sim, deviam ter consciência de que estão lá para pensar na vida dos portugueses e agirem de acordo com os nossos interesses. Só que em vez de o fazerem preferem pensar em obter lucros através de acordos com o estrangeiro, que só a eles interessam.

— Não acha que alguns desses acordos podem beneficiar também a população?

— Talvez beneficie em termos de futuro, mas acabam por ser sempre eles os mais beneficiados.

— A adesão à CEE vai ser benéfica à população portuguesa?

— Acho que sim, pelo menos tenho esperança disso.

— Se pudesse governar o que começava por mudar?

— Começava pela Saúde, pois há hospitais em muito mau estado, e sítios onde eles nem existem. Pensava também na segurança social, que anda muito esquecida.

— Que medidas tomava?

— Equipava melhor os hospitais e decretava maiores descontos nos medicamentos, que estão caríssimos.

Do golpe de Estado permanente

"Faz hoje, precisamente, um ano, não havia um monárquico em Portugal; todos eram republicanos, todos tinham estado na Rotunda, todos haviam nascido, encarapuçados num barrete frígio..."

Joaquim Madureira (Braz Berity)

O verrinoso autor dessas «Notas de um diário subversivo», crónicas, comentários, breves entrevistas que Joaquim Madureira publicou com o título, por Francisco Xavier de Oliveira celebrizado, "Na Famosa Estrivaria», se recolheu a citação. À distância temporal e histórica que vai de Outubro de 1910 a Outubro de 1911, a verdade surge flagrante: onde estavam, nos dias 4 e 5 de Outubro de 1910, os «monárquicos» portugueses? Onde estavam os «monárquicos» portugueses no dia **6 de Outubro** de 1910?

Perguntas análogas apetece fazer agora, neste mês de Abril, a onze anos de distância, no tempo e na História, da manhã de 25 de Abril de 1974. Onde estavam os «fiéis» do ditador Oliveira Salazar? Onde estavam os «servidores» do ditador Marcelo Caetano? Onde estavam os «reaccionários» do «Estado Novo»? Onde estavam os «desenvolvimentistas» do «Estado Social»? Quantos caíram a defender a política que era a sua, as ideias que eram as suas, os interesses que eram os seus?

Não. Ninguém morreu a combater pelo regime que durara quarenta e oito anos. O «Estado Novo» tinha-se esgotado. O «Estado Social» não tinha heróis. Tal como acontecera em Outubro de 1910: «não havia um monárquico em Portugal». Tal como acontecera em Outubro de 1910: «todos eram republicanos». Só **democratas** na manhã de Abril. Todos **antifascistas** de berço e mentalidade, alguns até de ignoradas militâncias. Uma surpresa. Uma festa que das almas transbordou para as ruas. Da noite para o dia, voltada uma página de história que durara 48 anos — opressivos, trágicos, sangrentos — o País acordava democrático.

Refeitos da surpresa, foram os aplausos. Depois vieram as adesões. Só mais tarde surgiram críticas ocasionais, contestações pálidas, lamentos. Aqui e além, com o tempo rápido e lentas decepções, manifestaram-se saudades e saudosismos. Muita contestação «da direita» enroupava-se em argumentos radicais. Manifestou-se, seguidamente, o «realismo político», aquele bom-senso de experiência alheia feito que aconselha a que se guardem ideias e programas nas gavetas dos partidos e do Poder. Logo que esta operação (de prudência política, de «sentido da responsabilidade do Poder») se tornou pública, verificaram-se, sem rebuço, infiltrações e regressos. Mais tarde declarou-se a nova vaga: o «restauracionismo». Ele aí está. Não se oculta. De inicialmente tímido, sinuoso e vagaroso, ei-lo desembaraçado de prudências e de disfarces, a assumir-se programaticamente, tomando a forma de discurso político. Não se pretende apenas explorar as brechas da democracia instituída. Pretende-se, através de uma «revisão constitucional» desfiguradora, criar um «regime» diferente. A «restauração» não é uma aspiração vaga, é o denominador comum de forças que se conjugam para suprimir o regime democrático que resultou da Revolução de Abril.

Um. antigo ministro de Oliveira Salazar, o dr. Adriano Moreira, que por mérito intelectual na falange «restauracionista» avulta, explicava há dias, com clareza, aos seus entrevistadores de o "Semanário": «O que é que quero dizer com isto? Não é para abundar numa queixa, que já parece a algumas pessoas excessiva, de que é necessário rever a Constituição. Mas não tenho dúvidas nenhumas sobre que é necessário rever a Constituição.» (13/4/1985).

A «necessidade» de rever a Constituição inspirou as cartas que o dr. Francisco Lucas Pires endereçou aos dirigentes dos dois maiores partidos parlamentares: dr. Mário Soares, secretário-geral do Partido Socialista e actual Primeiro-Ministro; dr. Rui Machete, presidente da Comissão Política do Partido Social-Democrata e actual vice-primeiro-ministro. Consta que ao dr. Mário Soares teria sido comunicado, ou insinuado como forte probabilidade, o apoio do CDS à sua candidatura presidencial sob condição de anuir a uma imediata «revisão constitucional».

Não é impossível que tenha sido o conhecimento desta «proposta» do dr. Francisco Lucas Pires que levou o dr. Alberto João Jardim a formular, no Conselho Nacional do PSD, a estratégia insólita: convergir para a eleição do dr. Mário Soares para Presidente da República pelo preço da «revisão constitucional». Numa altura em que é patente a desorientação nas fileiras do PSD e em que o CDS se prepara afanosamente para as eleições autárquicas, a estratégia de Alberto João Jardim afigura-se como uma fuga à realidade: «a desistência» de Firmino Miguel tendo deixado vazia a consulta-referendo aos militantes sociais-democratas.

Contudo, o dr. Rui Machete, fazendo uma síntese dos trabalhos do Conselho Nacional do PSD, pronunciou-se pela exigência, ao Partido Socialista, da «revisão constitucional». Exigência que só é possível partindo da suposição de que o secretário-geral do Partido Socialista e Primeiro-Ministro estaria disposto a suportar os custos da sua candidatura presidencial com abdicações políticas, com a destruição do regime constitucional democrático.

A perspectiva da «eleição presidencial» abre novas possibilidades à campanha «restauracionista». Já o «restauracionismo» evoluiu, da reconstituição da «Aliança Democrática» com a consequente bipolarização, para uma manobra mais larga... à custa do Partido Socialista. Paradoxalmente anunciada — no espírito da «estratégia» Lucas Pires-Alberto João Jardim — com o propósito não oculto de apagar os resultados políticos, económicos e sociais da Revolução de Abril com a borracha da «revisão constitucional».

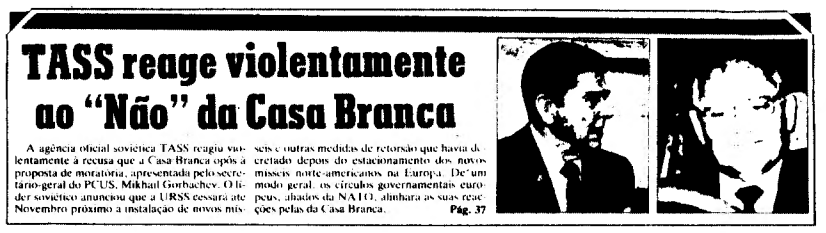
O «programa de mudança» do CDS tem como objectivo **libertar** a Democracia do Socialismo. O dr. Francisco Lucas Pires, nas suas afirmações, é claro e categórico: «... a revisão constitucional é o primeiro problema português. A intenção da minha carta ao Primeiro-Ministro era exactamente esta: ver as presidenciais através da revisão e não o contrário. Receio que o Primeiro-Ministro vá responder a essa carta como secretário-geral do PS e não como guia do País. A esquerda ainda pensa mais em quadros partidários do que em quadros nacionais e rejeitará provavelmente o acto de coragem patriótico que lhe é proposto».

E, acentuando a intenção de um verdadeiro «golpe de Estado» (contra Abril), o dr. Francisco Lucas Pires disse no Porto, falando convidado pelo «Forum Portucalense»: «a mudança é a revisão e não o mero preenchimento das instalações de Belém».

Novamente em tribunal

Al-Awad ou Rachid, o homem que poderá ter morto Sartawi em Montechoro, voltou esta manhã ao tribunal de Albufeira. O seu novo julgamento está a suscitar a maior expectativa.

Pág. 8



TASS reage violentamente ao "Não" da Casa Branca

A agência oficial soviética TASS reagiu violentamente à recusa que a Casa Branca opôs à proposta de moratória, apresentada pelo secretário-geral do PCUS, Mikhail Gorbachev. O líder soviético anunciou que a URSS cessará até Novembro próximo a instalação de novos mísseis e outras medidas de retorsão que havia decretado depois do estacionamento dos novos mísseis norte-americanos na Europa. De um modo geral, os círculos governamentais europeus, aliados da NATO, alinhara as suas reacções pelas da Casa Branca.

Pág. 37

Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 729 Terça-feira, 9 de Abril de 1985 PREÇO 16$00

Zita Seabra à Mesa DL

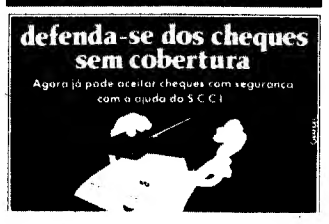
Este ano há um 14 de Julho à portuguesa

Hoje na «Mesa DL», a convidada é Zita Seabra: uma das mais destacadas deputadas e dirigentes do PCP ao mais alto nível. Com ela falámos do «14 de Julho português» — data limite em que o Presidente da República tem poderes para dissolver a Assembleia da República —, das eleições presidenciais e dos candidatos, da luta que os comunistas travam pela queda do Governo questão que consideram «fundamental». Não se furtou às questões, respondeu sobre si e sobre o seu partido sem escamotear as perguntas. Por vezes, desa-

64º aniversário

A situação actual na zona da Reforma Agrária, o programa de recuperação da TAP-Air Portugal, as perspectivas de futuro na Centrel e um precioso estudo de Aquino de Bragança, conselheiro de Samora Machel, sobre a forma como ocorreu a transferência de poderes em Moçambique, são alguns dos temas centrais desta edição especial com que o «DL» celebra os seus 64 anos.

Nesta edição: 48 páginas



Vida nova no "DL"

Tendo completado 64 anos, contados dia a dia, edição a edição, desde o distante mês de Abril de 1921, o "Diário de Lisboa" iniciou um novo ano de publicação. Para a nova jornada mudou de apresentação, adoptou um grafismo diferente, um aspecto mais jovem.

A uma grande parte dos leitores habituais agradou a apresentação remoçada. Pretendemos que, além de agradar aos leitores habituais, este jovem "Diário de Lisboa" atraia novos leitores, faça novos amigos. Queremos levar o "DL" mais longe. Levá-lo à conquista de novos espaços. Levá-lo a uma penetração profunda e maciça nas camadas da juventude.

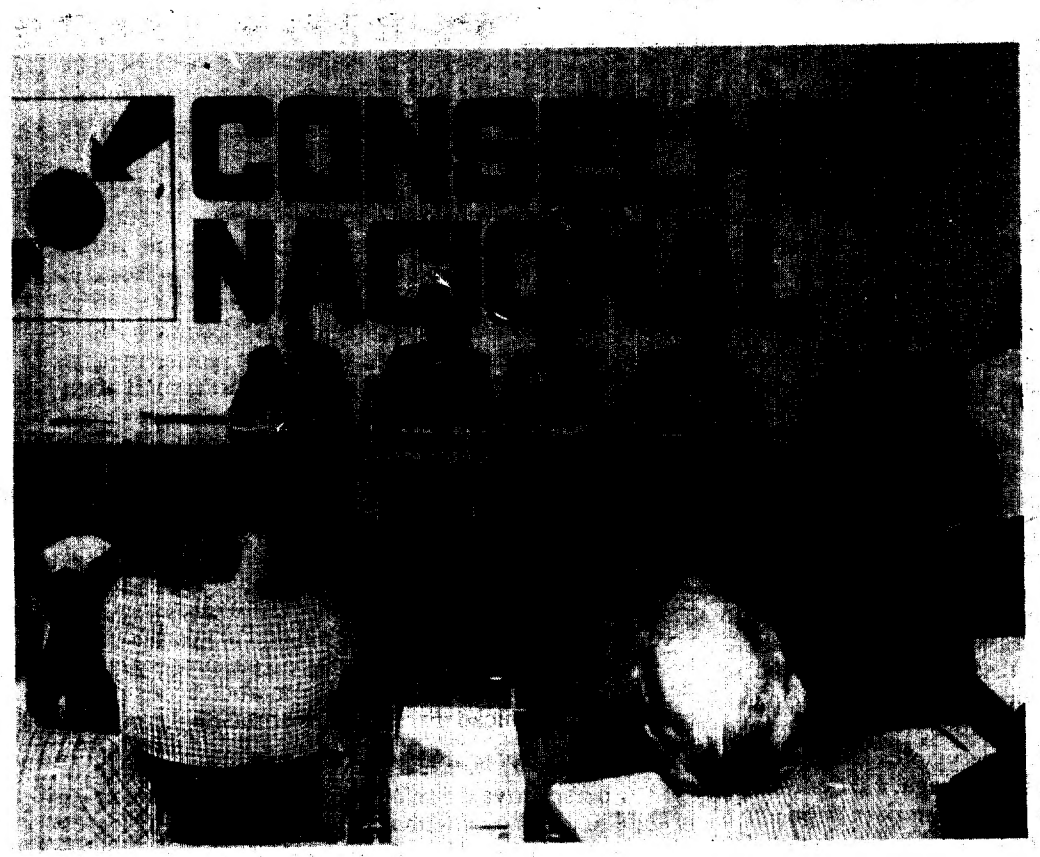
Esperamos, com efeito, que a expansão do jornal vá beneficiar do seu rejuvenescimento. Sondagens recentes dão-nos boas notícias da implantação do "DL" nas áreas de leitores que constituem para um jornal «o melhor público».

Igual ao velho "Diário de Lisboa" quanto ao posicionamento moral e político, o jovem "Diário de Lisboa" representa o cumprimento de um voto. Ele aí está como tínhamos prometido. Um jornal de aspecto renovado e de conteúdo enriquecido.

Nas circunstâncias actuais — as da vida do jornal, as da sociedade portuguesa — a tarefa que empreendemos não foi pacífica. Sabemos que não será fácil. Batemo-nos em várias frentes. As dificuldades são grandes. Mas é grande, também, o nosso empenho de assegurar a continuidade de um "DL" que vive, exactamente, porque mantém uma linha de coerência e uma constante vontade de renovação.

De uma «crise» que não está ultrapassada em todas as suas consequências, mas que soubemos reduzir a proporções limitadas, fomos capazes de arrancar por um esforço colectivo voluntário e participado, para uma nova fase do "Diário de Lisboa". Devemos assinalar, oito dias passados sobre o início da nova jornada, que os trabalhadores que asseguram a edição diária do "DL" mostraram, além da capacidade profissional que os levou a adaptarem-se às modificações propostas, um empenho entusiástico na execução da nova maqueta. Só esse empenho tornou possível, sem um razoável período experimental, dar um novo rosto ao "Diário de Lisboa".

Queremos que os nossos leitores acompanhem as nossas dificuldades, os nosso propósitos, os nossos esforços de renovação. Queremos que conheçam não só as dificuldades, mas as potencialidades do "DL": a decisão de jornalistas e de outros trabalhadores que estão decididos a defender o "DL" e a prosseguir a publicação do "DL". Conscientes, uns e outros, de que este jornal de uma empresa de maioria privada não está ao serviço de interesses privados, que está ao serviço do País, que é um jornal de Abril (pelo nascimento, pela posição), que é, no quadro actual da Imprensa uma presença cultural necessária.



CDS adia novamente definição do «seu» candidato

Se o "autónomo" não der garantias...

CDS apresentará candidato próprio

O CDS não parece muito preocupado com o candidato presidencial. Pelo menos, não tomou qualquer decisão nesse sentido no Conselho Nacional de sábado, por entender que as eleições presidenciais «não são a questão fundamental da vida política portuguesa neste momento».

Esta afirmação é de Adriano Moreira, um nome que alguns meios têm ventilado como candidato do CDS (à primeira volta), na perspectiva de um eventual acordo com o PS (para a segunda volta), a troco da revisão constitucional. Alguns dos seus dirigentes, e em particular Lucas Pires, recusam peremptoriamente tal plano. O CDS, por seu turno, e na globalidade «lastima que as eleições presidenciais sejam colocadas assim, quando existem problemas mais importantes», disse ainda Adriano Moreira no final da reunião aos jornalistas.

O Conselho Nacional do CDS aprovou uma proposta de autoria de Lucas Pires sobre as presidenciais na qual os centristas reafirmam o seu apoio a um «candidato autónomo de oposição ao bloco central com um programa de mudança que inclua a revisão da Constituição e que possa ganhar as eleições». Na mesma proposta consideram os democratas-cristãos que «tal candidatura não existe, mas o partido deliberará sobre ela depois de se apresentar publicamente, quer seja um independente, quer seja um filiado do partido».

O «Programa de Mudança para a Democracia sem Socialismo», documento de autoria de Lucas Pires, foi aprovado na primeira parte dos trabalhos assim como um outro sobre estratégia eleitoral autárquica, esse tendo como primeiro subscritor Ribeiro e Castro. Entende o CDS — e disso deu conta Adriano Moreira aos jornalistas — que a «mudança em Portugal não é possível sem a revisão constitucional».

Durante a reunião, alguns dos membros do Conselho Nacional do CDS tentaram clarificar o perfil do candidato a Belém a apoiar pelo partido. Tal pretensão, foi, soube o «DL», derrotada, ficando assim adiada a definição da questão da «corrida» a Belém.

Aliás, Lucas Pires fora concreto no início dos trabalhos a esse respeito, quando disse que «ainda é cedo para tornar públicao uma posição sobre o candidato a apoiar pelos democratas-cristãos nas presidenciais», acrescentou o presidente centrista que «o CDS só tomará posição quando forem conhecidos os nomes dos candidatos, de acordo com a estratégia de apoiar um candidato autónomo e de alternativa ao bloco central».

A intervenção de Lucas Pires no Conselho Nacional seguiu-se à de Basílio Horta, acusado por alguns centristas de defender a candidatura de Soares entre os centristas, o qual defendeu a necessidade de «clarificar o perfil do candidato a apoiar pelo CDS nas eleições presidenciais».

O CDS só apresentará um candidato próprio «se não aparecer um candidato autónomo que preencha as suas exigências», afirmou por sua vez o vice-presidente do Conselho Nacional, Joaquim Rocha dos Santos, porta-voz daquele órgão no único intervalo da reunião.

Conselho Nacional

PS espera de o candidato que

Júlio Rodrigues

Jardim e Salgueiro foram as figuras centrais do mais curto Conselho Nacional do PSD nos últimos três anos. E foram-no porque, com diferentes argumentos e as mesmas motivações, se voltaram para o PS: o primeiro, admitindo a hipótese de apoio presidencial a Mário Soares, caso este se disponha a negociar a revisão constitucional antes; o segundo, dirigindo aos socialistas um autêntico ultimato, considerando ser «crime e leviandade» entrar-se na CEE nas actuais circunstâncias. No entanto, o que de mais palpável saiu deste Conselho Nacional que não durou mais de nove horas (com três intervalos) foi a constatação de que o PSD procura afincadamente um candidato presidencial. Não o tem neste momento, razão por que a questão ficou adiada para o Congresso. E neste, Rui Machete apresentar-se-á como candidato (na ausência de Mota Pinto) ao prolongamento do mandato de presidente social-democrata.

O presidente do PSD pôs várias condições para se vir a candidatar no Congresso da Figueira da Foz, uma delas a de não ser «líder de uma facção ou apoiado por sensibilidades». Para que Rui Machete venha a «sacrificar» um período importante da sua vida «a esse pesado, embora honroso, cargo, é preciso que o partido se comprometa a mudar de vida» e não se continue a «contar espingardas», o que ele considerou como «o grande erro de Braga». Na hipótese de haver perspectivas para reassumir a liderança do parti-

O Conselho Nacional do PSD tinha como ponto básico da ordem de trabalhos a análise do referendo, na perspectiva da estratégia político-partidária a assumir nos próximos trinta e tal dias (porque o XII Congresso está convocado para os dias 17, 18 e 19 de Maio na Figueira da Foz). A estratégia não está devidamente definida, pese embora o facto de uma das duas moções aprovadas ontem de madrugada a isso aludir. A propósito da «cimeira» de quinta-feira com o seu parceiro da coligação, o «conclave» social-democrata aprovou alguns pontos a equacionar no encontro. Pontos que reafirmam as medidas calendarizadas e que avivam outras de que Mota Pinto falara quando presidia aos destinos do PSD.

Esses «problemas prementes», como os classifica a moção aprovada por maioria (sem votos contra) são: fim do contencioso das nacionalizações, definição das soluções para o problema financeiro do Estado, enquadramento das medidas de recuperação da economia, revisão das leis laborais, reestruturação do sector empresarial do Estado, definição de uma política de desenvolvimento da agricultura em todo o País, revisão da política fiscal e das leis eleitorais e abertura da Comunicação Social (Rádio e Televisão) à iniciativa privada.

Revisão a troco de quê

Há neste «pacote» a influência da «Nova Esperança» que, afinal, nem por isso questionou exaustivamente. Rui Machete sobre as medidas calendarizadas. José Miguel Júdice ainda perguntou por prazos e pelo inquérito (?) ao Ministério da Indústria, mas pouco ouviu. O mesmo se passou quando Antas de Barros quis ouvir Jardim sobre a hipótese de apoio presidencial a Soares, caso este se disponha a negociar a revisão constitucional antes de Belém.

E de revisão se falou na parte final do Conselho Nacional. A moção aprovada contempla, de resto, esse aspecto, dando em grande parte guarida à intervenção do presidente do Governo Regional da Madeira. Por ela se ficou a saber que também o PSD (depois do CDS), afinal, quer a revisão constitucional. O CN decidiu, com efeito, «propor que se ponha termo ao contencioso constitucional e se proceda imediatamente à revisão da Constituição». A troco de quê?

Há acentuadas contradições entre o espírito da proposta aprovada neste Conselho e o que quer Rui Machete quer João Salgueiro, e até Jardim, afirmaram neste «conclave». De qualquer modo, Soares espera o PSD (para as presidenciais) de braços abertos. Admite-se até que na «cimeira» de quinta-feira fiquem esclarecidas algumas dúvidas.

Mas como, afinal, conjugar as afirmações de Machete («O projecto social-democrata não é nem coincidente nem realizável com uma candidatura socialista») e de João Salgueiro («PS abusa do aparelho de estado para se consolidar») com um entendimento de última hora para as presidenciais (se do Congresso não sair qualquer candidato, civil ou militar)?

O PSD não tem candidato a Belém. À sua procura, ainda não pôs definitivamente de parte a hipótese de Mota Amaral. João Salgueiro disse no sábado (no programa «Nem Mais Nem Menos») que em Braga se anularam as hipóteses de vir a vencer um candidato militante. Mas hoje — acentuou — há ainda muitas pessoas que apoiariam Mota Amaral.

Machete prepara a sua candidatura

À falta de uma candidatura presidencial, falou-se neste Conselho Nacional de candidatos à presidência do PSD para os próximos meses. Rui Machete, num discurso de dezassete páginas em que fez um balanço da actividade do partido nos dois últimos meses (o secretário de Estado Faria de Oliveira chegou a afirmar neste aspecto que «o ritmo da acção governativa melhorou»), disse que abdicaria (não se candidatando à presidência do partido) em favor de Mota Pinto. «Nunca participei em nenhuma conjura contra o prof. Mota Pinto», disse Rui Machete, antes de acentuar que não concordara com a sua iniciativa de «votação substancial», no Bonfim, e que compreendia que houvesse pessoas à espera de Mota Pinto.

Política e veracidade (2)

Continuação da pág. 2

roso pelas posições assumidas pelos parceiros sociais dentro do concerto ajustado pelos órgãos políticos representativos, constituem simultaneamente condições indispensáveis ao progresso da democracia pluralista e tarefa prioritária a empreender por um partido que se oriente pelos princípios de um socialismo personalista e em liberdade (...)»

«... Sem esquecer que a libertação do homem pressupõe a imediata eliminação das degenerescências da sociedade de consumo provocadas por uma publicidade orientada em termos de lucro e expansão capitalista (...)»

«... A qualidade de vida — individual e social — dos cidadãos deve tomar lugar de destaque na preocupação dos políticos empenhados na construção de uma sociedade socialista, democrática e profundamente respeitadora dos direitos inalienáveis da pessoa humana.»

Enfim, segundo o Programa: «Contribuir decisivamente para a construção desta nova sociedade é a missão que o Partido Popular Democrático se propõe realizar em Portugal.»

Estes e outros eloquentes retalhos colhidos do Programa do PPD, hoje PPD/PSD, seriam, talvez, por si suficientes para o efeito de concluir que não se compaginam, que não se harmonizam com a posterior orientação e significância políticas assumidas pelo mesmo partido.

Mas devemos prosseguir na observação e destaque de outros passos do programa social-democrata português — programa bastante extenso e sempre expressivo nas suas sucessivas partes, sobre **democracia política e estrutura de ordem democrática,** sobre **democracia social e desenvolvimento integral, sobre Democracia económica e progresso.** Onde, mais uma vez e insistentemente, se expande a posição socialista ou socializante de um partido que, por isso mesmo, votou e aplaudiu a Constituição de 1976 — a Constituição de Abril —, mas que hoje pretende destruí-la designadamente nos seus pressupostos e princípios fundamentais em matéria de organização socioeconómica.

(Continua)

Parabéns pela viragem pró-Soares?

social-democrata

braços abertos o PSD procura

Cordeiro Pereira: suspenso mas presente

A aliança entre «tendências» manteve-se

do, «a equipa dirigente terá se ser composta por militantes de recta intenção, escolhidos na diversidade de corrente de opinião do partido», sublinhou Machete.

Ainda não é líquido que Rui Machete se candidate à presidência do PSD, apesar da «corrida» lhe estar facilitada por via da desistência de Mota Pinto, cujo nome não deve ser votado na eleição para delegados do partido ao Congresso, que hoje começa. Os apoios a Machete, por outro lado, estão por aparecer. Recorde-se que no sábado, Salgueiro (que não viu aprovado pelo Conselho a parte mais dura da sua intervenção, aquela que quase acenava à ruptura da coligação) sublinhou não ser líquido que Machete, para já, se vá candidatar à presidência no próximo Congresso do PSD.

É óbvio que Machete não vai desperdiçar essa hipótese. Nem sentido teria que o primeiro-vice-presidente do PSD até ao dia 9 de Fevereiro, que nos dia 10 aceitou chefiar uma «equipa» cuja principal razão seria a de «refazer a unidade do partido, esbater sensibilidades e eliminar ódios e desavenças», deixasse a outro aquilo que pode (continuar a) ser seu.

Abril e Maio vitais para o acordo

Rui Machete entende que o resultado do referendo é vinculativo e defendeu-o no seu discurso, antes dos membros do Conselho Jurisdicional do partido frisarem esse aspecto, na apresentação dos números apurados, num intervalo dos trabalhos. Foi através do seu presidente, de resto, que se soube que pelo menos trinta e seis secções não enviaram resultados, pois que das 297 que constam no respectivo registo, foram apuradas 261.

Os 36,5 por cento dos militantes sociais-democratas que participaram no referendo (votaram 24 339 dos 66 373 com capacidade eleitoral, isto é, com as quotas em dia, sobretudo) manifestaram-se por um candidato independente, facto que torna o processo mais moroso.

A desistência de Firmino Miguel veio, à última hora, complicar todo o esquema. No entanto, por mais de uma vez, Rui Machete teve o cuidado, no seu discurso, de desmentir que o PSD lhe tivesse adiantado o seu apoio. O presidente dos sociais-democratas afirmou, logo nas primeiras linhas do seu discurso, que Firmino Miguel jamais fora convidado pelo partido. Noutro passo, e em aparente contradição com isso, sublinhou que a sua recusa «não é motivo nem para a indecisão nem para o derrotismo», se bem que Firmino Miguel «fosse por muitos considerado — acrescentou — o candidato que se deveria apoiar».

Abril e Maio são meses vitais para o cumprimento do acordo PS/PSD, porque das medidas calendarizadas duas há que implicarão negociações morosas — revisão das leis eleitorais e Lei-Quadro dos Municípios, enquanto as que estão em discussão (legislação laboral e «pacote agrícola») prometem dar muito que falar. Além da lei das rendas, naturalmente.

Machete defende que «até ao momento não há razão que justifique o rompimento da coligação», se bem que o tom duro do discurso de João Salgueiro, repetindo larga parte do que havia dito na sexta-feira na Assembleia da República, o insinuasse.

Delegados: eleição já começou

A eleição de delegados do PSD ao Congresso da Figueira da Foz começa hoje e decorrerá até dia 21 do corrente. Às estruturas do partido caberá eleger 540 delegados que serão rateados pelas regiões, distritos e emigração, proporcionalmente ao número de militantes inscritos (pouco mais de 66 mil com capacidade eleitoral).

Diz ainda o regulamento que o órgão oficial do PSD publicou na sua primeira edição de Março, que a JSD indicará 60 delegados e que cem outros representarão em partes iguais os eleitos locais (50) e as associações sindicais e o cooperativismo (50), num total de 740 membros.

A ordem dos trabalhos está já definida e contempla a estratégia política, os estatutos (alterações) e a eleição dos órgãos nacionais.

Entretanto, prevê-se que ainda hoje o actual secretário de Estado do Desenvolvimento Regional, Fernando Nogueira, venha a ser convidado para substituir Sousa Tavares (que não participou no Conselho Nacional de sábado, se bem que tenha comparecido no Altis) no Ministério da Qualidade de Vida. Ele é um dos nomes possíveis para o lugar, a par de Helena Roseta, e o melhor colocado para lhe suceder.

Jardim acusou Frank Carlucci

Alberto João Jardim acusou o ex-embaixador dos EUA em Lisboa, Frank Carlucci, de tentar desgastar o PSD desde 1976. Concretamente, o presidente do Governo Regional da Madeira disse que Carlucci seria o responsável por uma «estratégia de liquidação» do PSD desde há nove anos, a partir da Embaixada dos EUA.

Essa estratégia visaria reduzir o PSD à expressão mais simples, que Alberto João Jardim entendeu — e comparou — à dos partidos liberais europeus. Mas Portugal, disse ainda Jardim, não se pode subordinar a uma «política ditada do estrangeiro».

Numa intervenção de desespero, segundo alguns dos conselheiros, Jardim, como noutro local referimos, chegou a admitir o apoio do PSD a Soares, caso este se dispusesse a negociar a revisão constitucional. Ao Conselho Nacional, ele colocou três hipóteses para as presidenciais: um independente (de acordo com o referendo), um candidato próprio (militante do PSD), e negociações com Soares — a terceira via.

Igualmente importante, mas menos polémica, foi a intervenção, curta mas pertinente, de Pedro Pinto, presidente da JSD que neste Conselho defendeu o regresso pleno ao partido «das melhores figuras». Pedro Pinto citou, a propósito, perante um CN em que não participaram, entre outros, nem Eurico nem Barbosa de Melo, Pinto Balsemão e Mota Pinto.

PONTO A PONTO

A fim de ultimar o Plano de Cooperação nas áreas do Trabalho, Emprego e Formação Profissional, para os próximos 3 anos, chegou a Lisboa uma delegação oficial da República de Cabo Verde, chefiada pelos drs. José Maria Soares de Brito e Francisco Monteiro.
As reuniões de trabalho terão hoje início, pelas 14.30, nas instalações do IEFP, na rua José Malhoa, lote 1673, em Lisboa, com a participação de técnicos do Ministério do Trabalho e Segurança Social e a colaboração da Secretaria de Estado da Cooperação.

O ministro dos Negócios Estrangeiros partiu ontem para uma visita oficial de três dias à Hungria, onde deverá assinar um acordo de cooperação económica.
Durante a sua estada em Budapeste, o chefe da diplomacia portuguesa será recebido pelo presidente, Pal Losonczi, pelo primeiro-ministro, Gyorgy Lazar, e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Frigyes Puja.
As relações de Portugal com a Hungria desenvolveram-se particularmente a partir de 1975, ano em que foram assinados um acordo de transporte aéreo e um outro de trocas comerciais.

Accionistas das Caves Aliança-Vinícola de Sangalhos, SARL, representando 78,46 por cento do capital social da empresa, «manifestaram total apoio ao actual conselho de administração» — informou a assembleia geral da empresa.
Tal apoio, em comunicado daquele órgão, é considerado extensivo aos membros do conselho recentemente detidos na sequência de denúncia do accionista Armando Marques de Oliveira.
Este sócio da empresa é detentor, conjuntamente com a família, de 18 por cento do capital das Caves Aliança, tendo desencadeado um processo judicial por alegado desvio de avultados fundos sociais. Pelo seu comportamento, «esse sim, altamente prejudicial ao bom nome e prestígio das Caves Aliança», encontra-se há muito impedido de entrar nas respectivas instalações, informa o comunicado da assembleia geral.

A centésima primeira reunião da assembleia plenária do Episcopado Português realiza-se hoje em FÁTIMA com a presença de todo o episcopado e do presidente da Conferência Episcopal espanhola.
A Assembleia, que decorre até quinta-feira, abordará os dois próximos sínodos dos bispos, a pastoral da fé e renovação da Igreja em Portugal e o plano de um congresso do apostolado dos leigos.
A pastoral da fé refere-se à carta pastoral recentemente divulgada sobre a Rrenovação da Igreja em Portugal na fidelidade às orientações do concílio e às exigências do nosso tempo».

A Associação Luso Atlântica de Jovens Quadros Políticos (ALTAN) realiza hoje em Lisboa um seminário internacional em que participam representantes de vários países da NATO e dirigentes políticos portugueses.
A ALTAN é integrada por representantes das estruturas de juventude do PS, PSD, CDS e PPM e o seminário é apoiado pelo Serviço de Informações do Atlântico Norte (NATIS).
António Resende, dirigente da Juventude Centrista, disse à ANOP que uma das finalidades do encontro é «mobilizar e estimular os jovens dirigentes políticos espanhóis a envolverem-se nas actividades civis da NATO», tendo em vista o ingresso da Espanha na organização.
A sessão de hoje do seminário (que decorre até quarta-feira) é aberta com uma alocução do secretário de Estado da Cooperação, Eduardo Âmbar, e encerrada pelo vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa, Rui Machete.

Encontro do PCP diagnostica problemas da saúde nacional

Os comunistas «possuem as propostas mais bem fundamentadas» para a «correcta solução» dos problemas da Saúde no distrito de Lisboa — afirmou o dirigente João Camilo, precisamente no Encontro Distrital de Saúde de Lisboa, em que participaram técnicos e outros trabalhadores de saúde, autarcas e representantes de organizações de massas.

«Podemos dizer, sem receio de nos enganarmos — acentuou — que os comunistas e os democratas que connosco trabalham possuem hoje o mais profundo e completo levantamento das carências em saúde do distrito de Lisboa e também as propostas mais bem fundamentadas para a sua correcta solução, tecnicamente viável e politicamente coerente.»

Os objectivos da reunião centraram-se no levantamento da situação e das principais carências da saúde no distrito de Lisboa, bem como apresentar soluções e «sensibilizar os técnicos de saúde e a população organizada para o trabalho em comum no campo da saúde.»

«A fria análise dos números — assinalou a dado passo João Camilo — mostra bem os contornos da (...) política do Governo que não tem em conta o interesse nacional, o bem-estar dos portugueses, a saúde dos futuros cidadãos deste País, mas se preocupa tão-somente com malabarismos eleitoralistas com a distribuição de tachos e benesses, com interesses mesquinhos e egoístas.»

Adiantando números, referiu que a parte da Saúde no Orçamento do Estado era em 1977 de 15,6 por cento e em 1985 só de 9 por cento.

João Camilo assinalou depois que os «quadros das instituições de saúde continuam por reformular, alargar e preencher» — e que, entretanto, «milhares de contratados a prazo, entre os quais enfermeiros e até administradores hospitalares, tapam os buracos mais gritantes.»

«Há milhares de médicos por colocar» — e «hospitais há muito concluídos, designadamente em Santarém, Abrantes e Barreiro, continuam a aguardar um plano eleitoral de inaugurações» — disse ainda.

O encontro terminou com uma intervenção de Carlos Brito, membro da Comissão Política do PCP.

MDP "exige a rápida demissão do Governo"

A Comissão Política do MDP/CDE, reunida durante o fim-de-semana, exigiu ontem a «rápida demissão deste Governo», a dissolução da Assembleia da República e a realização de eleições legislativas antecipadas.

Em comunicado final da reunião, aquele partido afirma que o Governo tem vindo a agravar a situação da «maioria esmagadora da população portuguesa em especial dos trabalhadores, pequenos e médios empresários, comerciantes, agricultores, reformados e pensionistas».

Para o MDP/CDE, as leis de Segurança Interna e dos Serviços de Informações, a lei das rendas e o conjunto dos diplomas do pacote laboral, a revisão da lei de bases da reforma agrária e a proposta de alteração da legislação eleitoral «são exemplos da traição ao regime democrático» que antecedem a revisão da Constituição preparada pelos «partidos no poder».

Reafirmando a sua oposição quanto à adesão à CEE, o MDP/CDE considera que ela «inviabiliza qualquer projecto autónomo de desenvolvimento nacional», prevendo que, «mais tarde ou mais cedo, o País julgará severamente os autores dete processo».

De acordo com aquele partido esta situação põe em causa o relacionamento «autónomo e independente» de Portugal com os países africanos de expressão portuguesa, com os restantes países do terceiro mundo e com os países do bloco socialista.

No plano internacional, a Comissão Política do MDP/CDE exprime a sua profunda solidariedade para com o povo brasileiro e faz votos para que prossiga o «projecto democrático que o presidente eleito Tancredo Neves simboliza».

PRD já tem Manifesto de "mudança" e "futuro"

As comissões directiva e organizadora da primeira convenção nacional do Partido Renovador Democrático reuniram-se sábado para analisar o manifesto programático daquele partido, que aponta paras «uma vontade de mudança, um projecto de futuro».

«Sendo um partido democrático e patriótico, que tem como objectivos fundamentais dignificar Portugal e contribuir para a melhoria das condições e da qualidade de vida dos portugueses», o manifesto refere-se à crise «ou às diversas crises por que está a passar o País», propondo-se organizar novos projectos colectivos.

Mais adiante o manifesto considera que «se não houver uma viragem que detenha este processo angustiante de degradação e descalabro, o regime democrático estará cada vez mais ameaçado e os seus valores tornar-se-ão cada vez mais desacreditados e frágeis».

O porta-voz do PRD, Hermínio Martinho, em declarações aos órgãos de Comunicação Social, referiu terem sido conseguidas cerca de 20 mil assinaturas, visando a legalização do PRD, a qual só se concretizará após a realização da primeira Convenção Nacional marcada para finais de Maio, em local ainda não determinado, mas que será fora de Lisboa.

A legalização do PRD só será efectuada depois da Convenção, altura em que será definida a estratégia a seguir pelo partido.

Hermínio Martinho afirmou mais adiante que a situação do partido e o seu enquadramento no contexto político nacional será integrado por pessoas que se identificam com o socialismo democrático e a social-democracia, acrescentando que só depois da primeira Convenção será possível assumir uma posição mais concreta.

A futura sede nacional do PRD, na Rua da Misericórdia

Altino Magalhães considera "remotas" as suas hipóteses

O general Altino Magalhães declarou sábado, em Coimbra, serem «remotas» as suas hipóteses de se candidatar à Presidência da República.

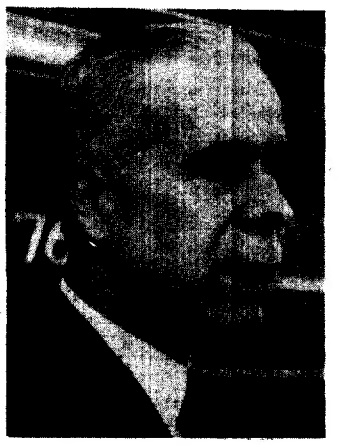
«Um grupo de amigos tem-me colocado perante a hipótese de me candidatar mas, neste momento, não vejo grandes possibilidades de isso se concretizar», afirmou o general depois de ter proferido em Coimbra uma palestra sobre Defesa Nacional.

Altino Magalhães frisou que uma sua eventual candidatura às Presidenciais seria «suprapartidária», mas reconheceu que «sem apoio de uma estrutura político-partidária dificilmente teria sucesso».

Admitiu que seria um candidato do actual sistema político, ao frisar que «o actual regime permite um papel activo e influente do Presidente da República no processo político».

Almeida e Costa: «só serei se...»

O actual governador de Macau, almirante Almeida e Costa,



afirmou ontem que só admitiria candidatar-se à Presidência da República «num quadro de mudança e de ruptura com o actual sistema político».

«Teria de ser criada uma situação alternativa por forma a servir os interesses do País e dos portugueses», afirmou em Macau o almirante, que regressava de uma viagem a Lisboa.

Apesar dessas palavras, Almeida e Costa sublinha a sua disponibilidade» para «servir o País sempre que for necessário».

bons melões

EXIGEM BOAS SEMENTES

MELÃO VALENCIANO
MELÃO PELE DE SAPO
MELÃO BRANCO DO RIBATEJO
MELÃO AMARELO
MELÃO HÍBRIDO GALLICUM PVS
SEMENTES DE PRODUÇÃO
DISPONÍVEIS EM LATAS DE 500 GRS
E BALDES DE 5 KILOS.

José Afonso Duarte

Rua de S. Nicolau, 24 Tel. 866754 863426
Rua de S. Mamede ao Caldas, 29 LISBOA
FILIAL EM FARO
Largo Dr. Francisco Sá Carneiro, 65 Tel. 25375

MESA DL

Amanhã

TORRES COUTO

A crise é o corolário da instabilidade gerada pelas coligações

O PSD quer conseguir do PS o que não logrou concretizar quando foi maioritário na AD por não ter « coragem, nem força política para avançar», afirmou o convidado da «Mesa DL» desta semana, que publicamos na nossa edição de amanhã. Torres Couto, secretário-geral da UGT e deputado do PS à AR, que considera a situação difícil que vive «o corolário da instabilidade dos governos de coligação», garante-nos que se baterá até «às últimas consequências contra o pacote laboral».

Encontro Moran-Gama em Madrid sobre a CEE

É possível um acordo até fins de Abril

As negociações entre Lisboa e Madrid sobre o regime bilateral a adoptar pelos dois países vizinhos relativamente à integração na CEE vão ser, a partir de agora, dirigidas pelos ministros dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama e Fernando Morán.

Gama e Morán encontraram-se na capital espanhola, no decorrer do simpósio «**Portugal-Espanha: porquê de costas?**», organizado pela Fundação Pablo Iglésias (ligada ao PSOE) e destinado a debater as relações entre as duas nações ibéricas nos planos histórico, cultural, económico e informativo.

Num pequeno-almoço de trabalho, ocorrido na manhã de sábado, os dois ministros analisaram os temas pendentes e decidiram um novo método e calendário para as negociações, ficando assente já uma reunião para depois de amanhã, quarta-feira, em Lisboa, de carácter técnico, destinada a definir as posições finais nas conversações exploratórias.

A partir daí as conversações assumirão um carácter mais marcadamente político, sob a direcção de Gama e Morán, prevendo-se que, no final do mês, o ministro espanhol venha a Lisboa para continuar as negociações e, eventualmente, assinar o acordo que vier a ser estabelecido.

Fontes da capital espanhola consideram, entretanto, que as pescas e o comércio continuam a ser os problemas em que as posições dos dois países permanecem distanciadas. Gama e Morán assinalaram essas dificuldades nas suas intervenções no final do simpósio mas ambos mostraram-se confiantes na obtenção de um acordo «sem a necessidade de recorrer à arbitragem de terceiros».

Contra os nacionalismos

Para o ministro espanhol o importante é que «**não podemos transformar as negociações na batalha diplomática dos nacionalismos**».

Reconheceu que tem havido uma «indiferença histórica espanhola em relação a Portugal» e considerou de ordem estrutural, e causadas pelo processo negociador da CEE, as dificuldades actuais nas relações bilaterais.

Sobre o défice comercial crónico de Portugal em relação a Espanha, disse Morán que «Portugal tem razão em querer exportar para Espanha» e que os empresários espanhóis «têm que ver Portugal não só como um mercado para os seus produtos, mas também como mercado abastecedor».

Sublinhando na sua intervenção que «**não devemos pôr agora entre Portugal e a Espanha os Pirenéus que acabamos de retirar entre a Península e a Europa**», Jaime Gama analisou a evolução das relações ibéricas para defender, em relação às **pescas** uma **solução «predominantemente comunitária, ultrapassados que estão, em nossa opinião, alguns instrumentos bilaterais»**.

Para o ministro português a Espanha deveria ser tratada como se fosse o 11.º Estado da CEE, «gozando Portugal, durante os sete anos do período transitório, de condições vantajosas de acesso ao mercado espanhol».

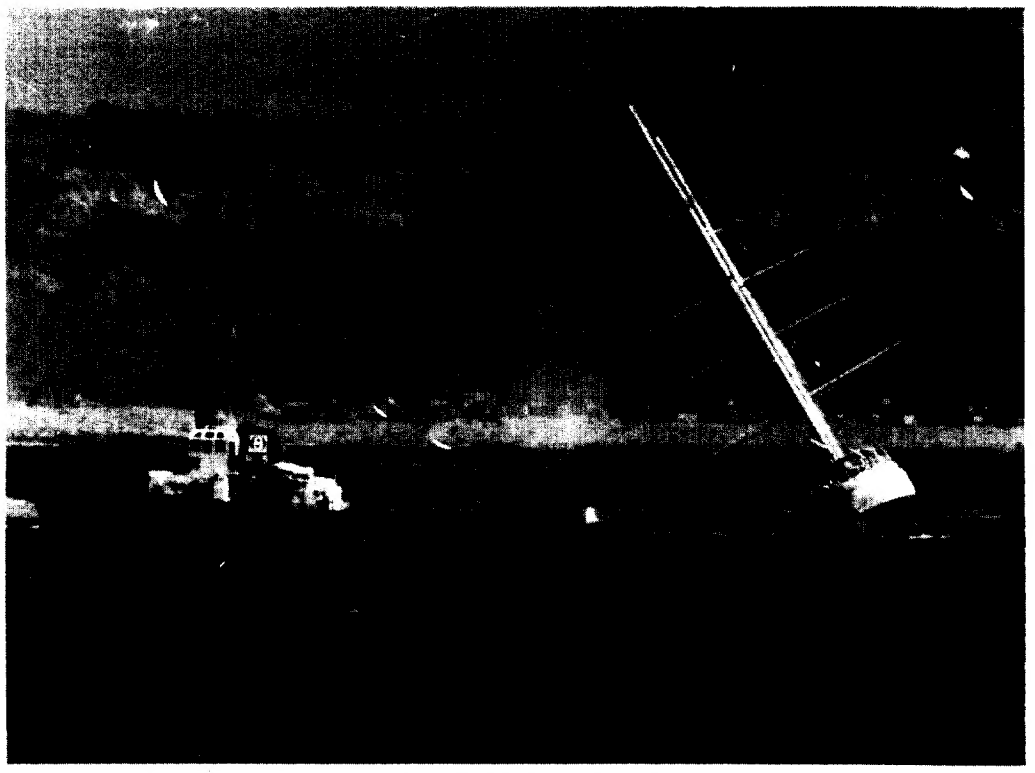
Gama reafirmou a necessidade de uma nova «cimeira» de chefes de governo e de uma reunião da comissão de cooperação bilateral, que constituiria «ocasião para darmos o impulso final e decisivo no sentido de uma optimização das nossas relações, orientadas agora para as perspectivas que o futuro nos oferece».

O simpósio

A Fundação Pablo Iglésias e a sua homóloga lisboeta, a Fundação das Relações Internacionais (do PS), estabeleceram um acordo formal de cooperação, no final do simpósio realizado em Madrid.

Pela parte portuguesa participaram nos trabalhos do simpósio, como conferencistas, os deputados socialistas Raul Rego, Sottomayor Cardia, os historiadores e deputados César de Oliveira e Fernando de Sousa, o embaixador de Portugal em Espanha, Fernando Reino, o conselheiro comercial da Embaixada, António Liz Dias, o conselheiro económico, Ramires de Oliveira, e o jornalista Manuel Lopes.

Participaram também historiadores como Maria Victor Gordon, Hipólito de La Torre, o secretário da Cultura do PSOE, Salvador Clotas, o director da Fundação, Fernando Claudin, e o subdirector do jornal «El Pais», Eduardo San Martin.



"Centurion" libertado do Bugio ao sétimo dia

Após seis dias de tentativas frustradas o iate britânico «Centurion» foi ontem desencalhado do areal do Bugio, pouco depois das 22 e 30. Recorda-se que a embarcação encalhou na noite da passada segunda-feira com oito pessoas a borda que foram imediatamente recolhidas pela Marinha portuguesa. O «Centurion», um iate de recreio de 120 toneladas, comandado por John Martin, partira de Cowes, no sul da Inglaterra, e dirigia-se para a Madeira quando o mau tempo o obrigou a entrar na barra do Tejo, onde viria a encalhar cerca das 23 horas.

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

Faz saber que pelo 11.º Juízo, 2.ª Secção correm seus termo uns autos de Contrato Individual de Trabalho, processo sumário, em que é Autor; Dário Filipe Malvar Patrocínio e Ré a UNIAÇO-Indústrias e Representações, Ld.ª., que teve a sua última sede conhecida na Rua de Santa Marta, n.º 62 — A e B — 3.º em Lisboa, nos quais correm Éditos de trinta dias, citando a referida Ré, para, no prazo de oito dias, findos que sejam os dos Éditos, contados a partir da publicação do 2.º e último anúncio, contestar, querendo, a referida acção, sob pena de, não o fazendo, ser imediatamente condenada no pedido, constante da petição inicial que se encontra arquivado nesta Secção de Processos à sua disposição.

Mais fica citada para, no mesmo prazo, contestar, querendo, o pedido de assistência Judiciária, requerido pelo Autor, que já lhe foi deferido provisoriamente, sob pena de não o fazendo, lhe ser concedida definitivamente.

Lisboa, 29 de Março de 1985

O Juiz de Direito do 11.º Juízo
a) Manuel Nunes Ferreira

O Escrivão
a) Joaquim Diogo Vaz Gaspar

DL — 15-4-85 — 1.ª Pub.

MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

ANÚNCIO

Concurso Público n.º 3-1066/85

FORNECIMENTO DE «SERINGAS DE VIDRO PARA INSULINA»

Recebem-se propostas, até às 9.30 horas do dia 30 de Abril próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 e das 14 às 16 horas, as respectivas condições.

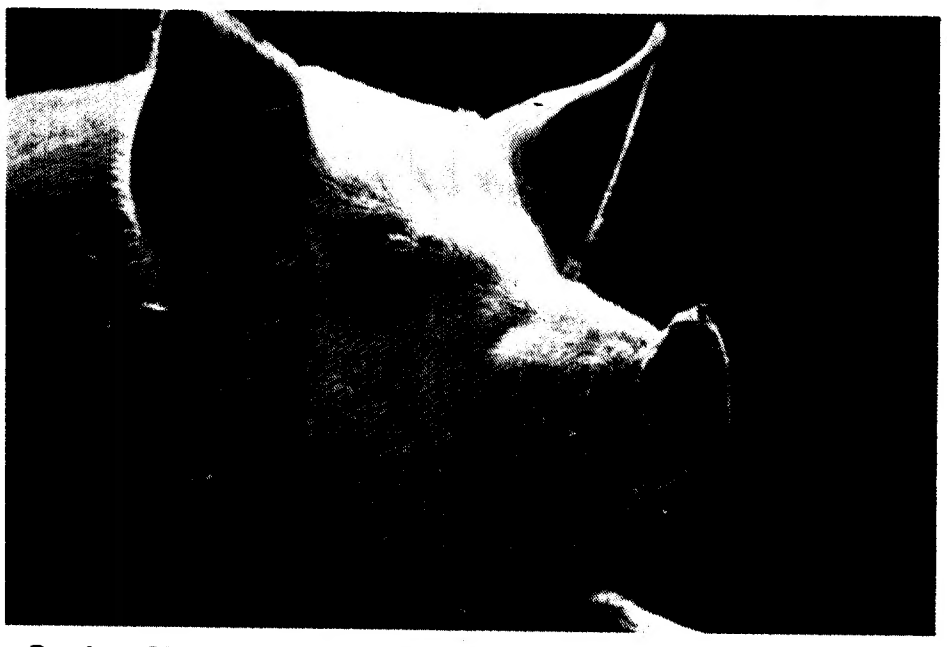
Lisboa, 29 de Março de 1985

O CHEFE DO SERVIÇO
Ilídio Luís de Sousa

S. R.

DIRECÇÃO-GERAL DA PECUÁRIA

DECLARAÇÃO DAS EXISTÊNCIAS DE SUÍNOS



Senhor SUINICULTOR:

Durante os meses de Abril e Dezembro, a lei obriga-o a declarar o número de suinos existentes na sua exploração, assim como a localização desta.

Faça a declaração de existências, qualquer que seja o número de suinos que possua. Só assim os serviços oficiais poderão estabelecer programas eficazes no combate à Peste Suina Africana.

Colabore deste modo com os serviços oficiais na luta contra a Peste Suina Africana.

Tenha em atenção os Editais dos Serviços Regionais de Agricultura, afixados nos locais habituais.

Não esqueça!
O prazo termina em 30 de Abril

Esta tarde no julgamento do Regimento de Comandos

Coronéis Alvarenga e Jaime Neves vão "questionar-se" em Santa Clara

Manuel Geraldo

Após um adiamento prolongado de três semanas, devido só em parte às férias judiciais da Páscoa, o julgamento do Regimento de Comandos da Amadora (como réus vinte ex-militares daquela unidade) vai entrar esta tarde a partir das 14 e 30 numa fase que se adivinha decisiva, dada a presença agendada de Jaime Neves, Otelo Saraiva de Carvalho, Vasco Lourenço e Lobato Faria, entre outros, na qualidade de declarantes e de testemunhas oculares dos acontecimentos.

No centro das atenções irão estar o juiz-presidente do 2.º TMT, coronel de Infantaria Clodomiro Alvarenga, e o juiz-auditor, dr. Sidarte Capelo de Sousa, colocados perante a maior bancada de réus e advogados jamais vista, seguramente em Santa Clara, e quase de certeza nos tribunais militares e civis portugueses.

Ao que o «DL» conseguiu apurar, a audiência do coronel Jaime Neves (peça fundamental em todo o libelo acusatório) irá preencher no mínimo toda a sessão (quatro longas horas), sendo mais do que certo que irá ser colocado perante uma autêntica avalancha de perguntas. Para que tal aconteça há uma razão de peso: o processo mantido em julgado durante dez longos anos (certamente já com direito ao «Guiness Book) foi todo ele «ressuscitado» (e dinamizado) pelo «novembrismo» dimanado da figura ultracastrense, e transmontana, do actual director operacional de uma empresa de segurança privada (o processo gira em volta da alegada tentativa de afastamento de Jaime Neves do comando da unidade, numa acção a ter sido coordenado pelos réus, nos dias 30 e 31 de Julho de 1975).

Presença de Otelo em segredo

Quanto à expectativa gerada em torno da anunciada presença do tenente-coronel Otelo Saraiva de Carvalho (com data ainda mantida em segredo nos bastidores de Santa Clara, dada a sua condição de réu preso em Caxias, no processo das «FP-25» — o ex-furriel miliciano Joaquim Alves Magalhães está em idêntica situação e tem sido conduzido a tribunal sob forte escolta), reside sobretudo na sua qualidade de ex-comandante do COPCON, estrutura à qual o regimento estava adstrito. O seu depoimento poderá por isso mesmo vir, também ele, a constituir um factor de definição sobre o que de facto se passou no quartel da Amadora, sobretudo na madrugada do dia 31.

A dinâmica judicial foi criada mercê dos dividendos políticos sonhados pelas forças que a trama processual constante no libelo deixa adivinhar. Os dados estão assim lançados. O processo existe (a pequena ou a grande história irá inexoravelmente registá-lo). Daí a atenção que, entendemos, este julgamento nos deve continuar a merecer.

O coronel Clodomiro Alvarenga (no canto direito da foto), antes do 25 de Abril durante um almoço comemorativo da Revolta da Sé, a que aderiu pelo que chegou a ser detido. Mário Soares esteve presente

Prémios para irmãos Mendão

Os irmãos Mendão ganharam os primeiros lugares num concurso agro-pecuário realizado em Pontével, Cartaxo, no distrito de Santarém. João Mendão triunfou na categoria de touros e Júlio Mendão na de garanhões.

Carbonizado num incêndio

Na Quinta das Comendadeiras, em Lisboa, o incêndio numa barraca vitimou um garoto de quatro anos que o pai deixara a dormir enquanto fora fazer um «biscate» e comprar pão. Com os progenitores separados, Leonel Frederico Martins Valente, passava os fins-de-semana com o pai, Manuel Jorge Valente Mendes, e os dias restantes com a mãe. Desconhecem-se ainda as causas do sinistro.

Feto encontrado em Almada

Na Rua Luís Queirós, em Almada, foi encontrado um feto que estava colocado num contentor de lixo, próximo do posto do SAP (Serviço de Atendimento Permanente). As investigações estão a cargo da Polícia Judiciária de Setúbal.

Morte de dois pescadores

O cadáver do pescador Fernando Rodrigues, de 54 anos, foi encontrado nuns arbustos perto da estrada que liga Ribamar a Mafra. O corpo estava sob a sua motorizada, pelo que as autoridades policiais estão convencidas de que a morte foi causada devido a um acidente de viação. Entretanto, na Ericeira um pescador desportivo, ainda não identificado, foi levado por uma vaga, quando estava sob o molhe.

A fundo perdido

Governo deu 400 mil contos para saneamento do Algarve

O Governo atribuiu uma verba de 400 mil contos, a fundo perdido, para as obras de saneamento do Algarve. De quanquer forma, e segundo o presidente da comissão de saneamento básico daquela região, a realização das obras de carácter prioritário ultrapassa aquele valor em mais de 200 mil contos.

«Não tivemos preocupação no facto de eventualmente ultrapassarmos os 400 mil contos, já que o ministro do Equipamento Social se encontra muito sensibilizado para o trabalho que se está a desenvolver no Algarve», disse Correia da Cunha.

Segundo aquele responsável, «não é por se adiantarem durante alguns meses 200 mil contos que a luz verde dada pelo Governo deixará de ser verde para ser amarela ou vermelha».

«O fundamental, e é esse o espírito do ministro Carlos Melancia, é que as obras prossigam no ritmo mais acelerado possível e que o essencial esteja feito até ao próximo Verão» — frisou.

Correia da Cunha declarou que a distribuição das verbas atribuídas pelo Governo foi «aceite pacificamente» entre as câmaras da região e que o inventário das obras mais prioritárias já se encontra na posse do Governo.

Sublinhou, no entanto, que a distribuição das verbas entre as várias autarquias não se pautou por um critério rígido, dependendo a sua utilização do ritmo a que as obras forem avançando.

Conforme esclareceu, tal significa que não se trata, no verdadeiro sentido, de uma distribuição, mas sim, de uma pré-atribuição de verbas cuja utilização se encontra dependente do ritmo de execução das obras.

«Agora não será por uma carência de verbas que as Câmaras do Algarve irão deixar de executar as obras que vêm reclamando como urgentes no domínio do saneamento da região» — concluiu.

Mas são as Câmaras de Albufeira, Loulé, Faro e Lagos as mais favorecidas na atribuição de verba. A estes quatro concelhos foi atribuído um total de 387 mil contos, do qual 120 mil para Albufeira, 98 mil para Loulé, 88 mil para Faro e 81 mil para Lagos.

Ao município de Lagoa foram distribuídos 65 mil contos, a Olhão, 51 mil, a Portimão, 40 mil e a Monchique, 37 mil.

MUNDO DE FUTILIDADES

MÁRIO CASTRIM

Não sei como passou pela cabeça de certas pessoas que eu pensava candidatar-me à Presidência.
É certo que, há tempos, numa reunião informal, eu próprio levantei tal questão, mas no puro domínio das ideias, das vagas conjecturas. Eu disse:

— Suponham que eu me candidatava...
Bom, disse isto naquele tom vagamente infantil com que se costuma dizer:

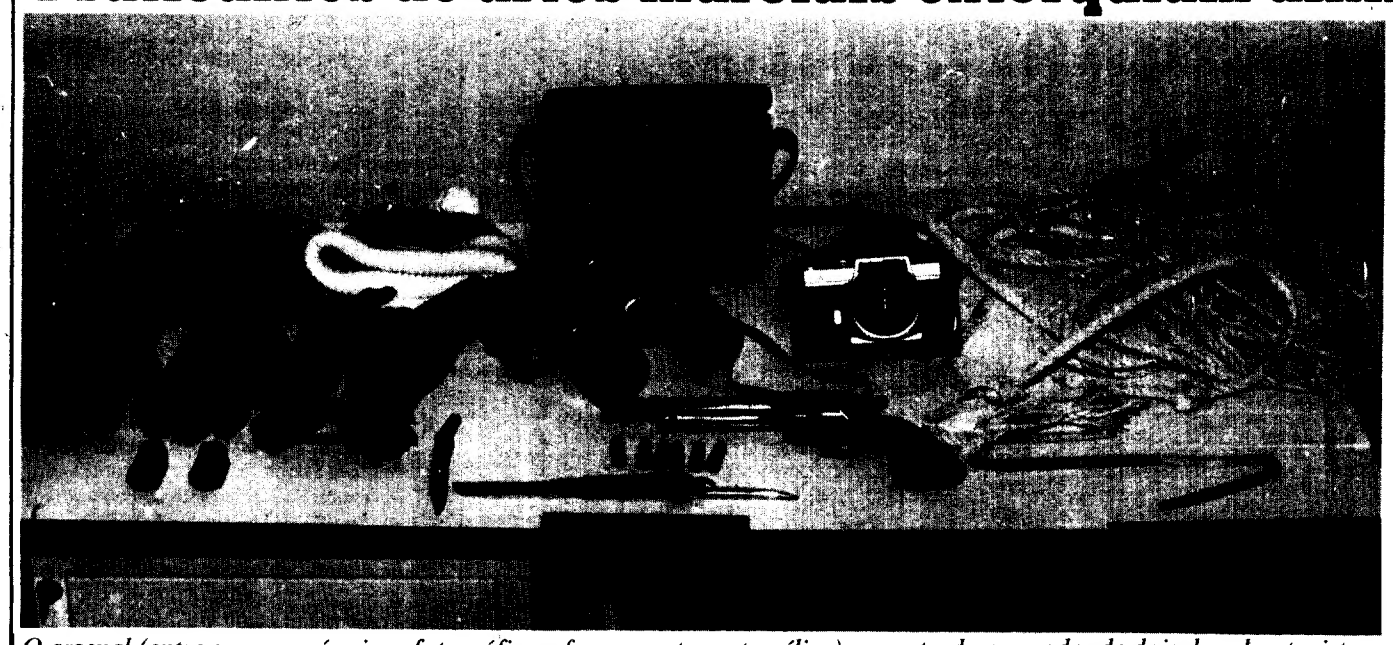
— Suponham que eu viajava até à Lua...
Nem mais! Pois no dia seguinte, o ar andava cheio de misteriosos eflúvios.
Apressei-me a declarar que tudo não passava de especulação mas que eu me sentia, devia afirmá-lo, muito sensibilizado com as provas de simpatida recebidas. Aliás bastantes, não é para me gabar.
A coisa chegou a tal ponto que sugeri, a alguns amigos que lá tenho, uma entrevista.
E, para evitar escusadas complições, com eles tracei o cenário da entrevista. Aliás, foi uma declaração. Candidatar-me, eu? Que me não cabia nenhuma responsabilidade pela notícia propalada. Que até ao momento eu não formalizara nenhuma declaração de intenções. Que não tencionava fazê-lo nos tempos mais próximos. As eleições ainda vinham longe — conclui com aquele meio sorriso que, não dizendo nada, tudo diz.

Passaram-se duas semanas em que se não se tratou mais do caso. Falei nisso, mostrando estranheza, a um grupo de amigos meus. Para grande surpresa minha, agarro dois dias depois num jornal onde se dizia que a ideia da minha candidatura, era mais do que um problema «pessoal, era um imperativo nacional»!
Palavra, este é o género das frases que eu aprecio, altissonantes, épicas, simultaneamente influenciadoras e tranquilizadoras. Desde então, as coisas precipitaram-se: algumas mulheres, digamos antes, algumas senhoras abençoaram o meu nome; um campeão de atletismo, primeiro, e outro de matraquilhos, logo a seguir, tiveram palavras muito lisonjeiras; um grupo de empresários garantiram que eu é que era.

E aqui está como um simples cidadão, com grande surpresa, se vê em risco de ascender à presidência do grupo recreativo cá do bairo! Raios, como será que a minha mulher vai aceitar isto, ela que é tão simples, tão modesta, tão pouco ambiciosa?

Em Lisboa, Almada e Cova da Piedade

Praticantes de artes marciais extorquiam dinheiro a amantes infiéis



O arsenal (entre armas, máquinas fotográficas, facas e outros utensílios) encontrado em poder de dois dos chantagistas detidos pela PJ

A Polícia Judiciária afirma ter desmantelado uma quadrilha composta por cinco indivíduos, praticantes de artes marciais, que actuando na áreas de Lisboa, Almada e Cova da Piedade, faziam chantagem sobre pessoas que a eles recorriam para a investigação de casos de infedilidade amorosa. Muitas dessas pessoas eram depois obrigadas a participar, sob a ameaça de violência física, lgumas vezes concretizada, como «iscos» para novos processos de extorção.

Num dos casos, uma dessas vítimas, detida há «autoria moral» numa das burlas, conseguiu extorquir a um ex-sócio várias centenas de contos, lançando mão de um cheque e de um documento por ela assinado e posteriormente reconhecido pelo notário.

Dois cinco membros da quadrilha, dois já estão detidos, sendo um deles «mestre» e o outro aluno de artes marciais. Alardeando destreza e complexão física invulgares, escalavam muros e trepavam árvores, utilizando como ajuda uma corda munida de um gancho em ferro, com a qual se içavam para fotografar as suas vítimas em cenas amorosas.

Na altura em que foram capturados tinham em seu poder um binóculo para grandes distâncias, com máquina fotográfica acupulada, uma pasta com artigos de fotografia, um revólver calibre 45 mm, duas navalhas, dois pares de luvas e dois gorros de lã.

Aeroporto do Funchal reabriu ao tráfego

O aeroporto do Funchal abriu ao movimento aéreo ao fim da tarde de sábado com a aterragem do «Boeing» 737 da TAP que desviou a escala para Porto Santo na noite de sexta-feira com passageiros de Lisboa, apurou a NP.

A situação no aeroporto, que esteve fechado devido a fortes rajadas de vento que chegaram a atingir os 100 quilómetros horários, voltou à normalidade embora as condições meteorológicas possam sofrer alterações, segundo disse um elemento da coordenação da TAP.

O Boeing 737 que trouxe os primeiros passageiros desembarcados na Madeira depois das 10h00 de sexta-feira era o segundo voo do dia e partiu com destino a Lisboa.

Para escoamento do tráfego acumulado entre Lisboa e Funchal; estava prevista a chegada de quatro voos entre as 21h20 e as 22h40, dois dos quais regressaram ao Aeroporto da Portela com passageiros.

A normalização total do movimento aéreo no aeroporto do Funchal, que, com a anulação de 13 voos, motivou a acumulação de centenas de passageiros em Lisboa e no Funchal, só hoje estabilizou.

'Por cá todos bem'

Os 53 portugueses empregados da KSC Sugar Sudan encontram-se bem, disse o director do pessoal da empresa Pereira Duarte.

Pereira Duarte sublinhou que não há qualquer motivo para preocupações dos familiares dos trabalhadores portugueses daquele empresa açucareira.

Acrescentou, ainda, que cartas dos trablhadores portugueses seguirão dentro em breve para os seus familiares.

EPAL autorizada a acabar com cobrança domiciliária

A comodidade de pagar em casa a conta mensal da água vai acabar para muitos consumidores de Lisboa, segundo autorização hoje publicada.

Uma portaria do Ministério do Equipamento Social autoriza a EPAL a solicitar aos novos consumidores a partir de 1 de Maio que paguem a conta das seguintes formas: por débito da conta bancária ou nos locais indicados pela companhia.

A medida deve-se aos actuais «elevados custos da cobrança», que «pesam acentuadamente no orçamento» da EPAL.

Três quartéis fazem fogos reais

Três unidades militares da região Norte efectuam, esta semana, exercícios de fogos reais nas Serras de Lousada, Meadas e D'Arga — informou o Estado Maior do Exército.

O Regimento de Artilharia da Serra do Pilar fará fogos reais na zona da Serra de Lousada, numa área delimitada pelas povoações de Medas, Rio Mau, Midões, Canelas, Figueira, Santa Comba, Sernade e Sernada nos dias 16 e 17.

Nos dias 17 e 18 o Centro de Instrução de Operações Especiais fará exercícios de fogos reais na Serra das Meadas, numa área delimitada pelas povoações de Vila Nova de Souto de El-Rei, Amoreiras, Avões, Samodões, Barro, S. Martinho de Mouros, Fornelo, Eiro e Penude.

Por último, o Regimento de Cavalaria de Braga efectuará o mesmo tipo de exercícios no dia 17, na Serra D'Arga.

Estes são os símbolos dos serviços da nova conta BPA: a **Conta Multi-Serviços**, a sua conta à ordem, movimentável por cheque.

A **Conta Multi-Serviços** dá-lhe o privilégio de ter acesso a 10 vantagens em exclusivo:

- Atendimento Preferencial em qualquer Balcão BPA;
- Eurocheque e máquinas automáticas de pagamento;
- Crédito Automático para Despesas Socialmente Úteis;
- Crédito Personalizado para diversos fins;
- BPA Acção Informática (crédito para compra de computadores pessoais);
- Serviço de Pagamento de Despesas Periódicas;
- BPA em Linha (informação económico-financeira em 24 horas);
- SIPIP – Serviço de Informação Prévia ao Investidor Potencial;
- Publicações BPA;
- Extracto de Conta Especial.

BPA 1919 MS conta MULTI-SERVIÇOS

Outros atributos da conta MS surgirão à medida das necessidades dos depositantes. É uma conta evolutiva.

Ter uma Conta Multi-Serviços é fundamentalmente... uma questão de estilo.

Consulte o balcão BPA mais próximo onde lhe serão prestadas todas as informações necessárias.

O assassinato de Sartawi

Al Awad: turista, comerciante ou guerrilheiro?

É difícil acreditar que um elemento do Grupo Abu Nidal esteja hospedado como turista perto do local do assassinado, Issam Sartawi — um dirigente moderado da OLP condenado à morte por aquela organização extremista palestiniana — mas também não é fácil, por outro lado, que Al Awad seja o autor do atentado de Montechoro.

Daí, sem dúvida, a complexidade do caso que desde terça-feira passada, está a ser julgado no Tribunal de Albufeira e cujo desfecho ainda não deverá ser conhecido esta semana.

O próprio secretário de Sartawi, atingido numa perna durante o mesmo atentado, não conseguiu aliás identificar peremptoriamente o réu.

«Estou convencido de que é ele» — disse — «mas não vi ninguém disparar».

«Foi tudo muito rápido», disse Abu Eisheh, cujas declarações o juiz presidente considerou de «grande dignidade».

O antigo secretário de Sartawi recorda-se apenas de ter visto uma pessoa de arma na mão junto à recepção do hotel de Montechoro e de uma outra fugindo em direcção à porta do hotel, logo após os tiros, e cuja «silhueta» correspondia à fotografia do réu que a Polícia lhe mostrou logo depois do atentado.

Das 36 testemunhas arroladas no processo, apenas três foram ouvidas, uma das quais o procurador-geral da OLP, prevendo-se por isso que a sua audição termine apenas na sexta-feira próxima.

Na última sessão, que terminou já depois das 21 horas de sexta-feira, o juiz presidente disse que as testemunhas já ouvidas poderiam por ora ausentar-se mas deviam comparecer no Tribunal uma semana depois.

Duas dessas testemunhas — um economista e uma assistente social do CIDAC — identificaram o réu como a pessoa que viram a fugir do Hotel Montechoro de arma na mão logo a seguir ao atentado.

O procurador-geral da OLP declarou, por seu turno, que o réu, a quem chamou várias vezes de «jovem», lhe confessara ter morto Sartawi, incumbido pelo grupo Abu Nidal.

O réu disse ser membro daquele grupo, mas afirmou ter vindo a Portugal o simples turista e que decidiu assumir a autoria do atentado para «proteger» os companheiros que executaram «o traidor Sartawi».

Quatro nomes e contradições

Fanático combatente da causa palestiniana ou simples mercenário ao serviço da Síria? Guerrilheiro inexperiente ou destacado terrorista?

A personalidade do jovem palestiniano que desde terça-feira responde no Tribunal de Albufeira pelo assassínio de Issam Sartawi continua, de facto, a ser um mistério.

A sua identidade, aliás, já foi referida de quatro maneiras diferentes, não se sabendo, portanto, se o réu se chama Youssef Al Awad, conforme consta do seu passaporte falso, Moahamed Rashid, segundo ele próprio declarou no primeiro julgamento, El Arabi Gamal, como informou a polícia israelita, ou Ali Faisal.

Este quarto nome foi ouvido pela primeira vez na última sessão, citado pelo procurador geral da OLP, a terceira das 36 testemunhas já ouvidas pelo tribunal.

Aquela testemunha, que se avistou com o réu na prisão alguns dias depois do atentado de Montechoro, declarou que Al Awad se lhe identificara como Ali Faisal, e que confessara ter morto Sartawi por instruções do grupo Abu Nidal.

Ao longo deste processo, o réu já se contradisse várias vezes acerca da sua identidade e envolvimento no assassinato de Satawi, mas assumiu sempre — por vezes até de forma exaltada — a sua condição de «combatente da causa palestiniana» e de elemento do grupo Abu Nidal.

Uma série de «acasos»

Para este grupo extremista, considerado pela OLP como uma «organização de mercenários ao serviço do estado Sírio e Líbio», Sartawi era um «traidor» e estava por isso condenado à morte.

Al Awad declarou, aliás, ao tribunal de Albufeira ter ficado «satisfeito» com a execução de Sartawi e disse que Arafate a «direcção traidora da OLP» haviam de ter o mesmo fim.

O «companheiro Abu Nidal, pelo contrário, é aos olhos do réu «o fundador da Revolução Palestiniana». O réu esteve inclusivamente na iminência de ser expulso da sala de audiências, quando na sexta-feira, interrompeu o procurador geral da OLP e ameaçou apelar aos seus companheiros para «acabar com este processo».

Al Awad: um misto de comerciante, turista e aventureiro?

«Não permito que falem assim» — protestou Al Awad ao ouvir o representante da OLP qualificar o grupo de Abu Nidal como «uma organização de mercenários» e «sem qualquer ideologia».

«O grupo de Abu Nidal esteve sempre ligado a um estado ou a outro: antes foi ao Iraque, agora é a Síria e a Líbia» — afirmou o procurador geral da OLP.

Nas suas declarações ao tribunal de Albufeira, Al Awad disse nunca ter participado numa acção armada, mas a polícia portuguesa considera-o «um guerrilheiro experimentado», suspeitando até do seu envolvimento noutros atentados reivindicados pelo grupo Abu Nidal.

«Sou um combatente mas sou também estudante de engenharia: para nós a caneta e a arma vão de mãos dadas» — disse Al Awad.

Sobre as razões da sua viagem a Portugal, o réu afirmou que estava de férias e viera «fazer turismo».

Confrontado com a profissão de «comerciante» que vem averbada no seu passaporte, Al Awad acabou por dizer que isso se destinava a facilitar as suas deslocações.

O advogado da viúva de Sartawi, José Manuel Galvão Teles, pôs em causa que um elemento do grupo Abu Nidal esteja «tranquilamente» de férias em Albufeira na mesma altura em que Sartawi é assassinado, mas segundo Al Awad foi tudo um «acaso».

Um outro «acaso», segundo também declarou, foi ter-se encontrado logo a seguir ao atentado com os companheiros que executaram Sartawi.

Tantos «acasos» são de facto suspeitos, mas para o tribunal o que importa é provar que foi de facto, o réu disparou contra Sartawi.

O primeiro julgamento de Al Awad, realizado em Janeiro de 1984, deu o facto como não provado e neste segundo julgamento, iniciado terça-feira, faltam ainda ser ouvidas 33 testemunhas.

Setúbal comemora 125 anos

A Câmara Municipal de Setúbal e as colectividades do concelho comemoram, neste mês de Abril, o 125.º aniversário da elevação de Setúbal a cidade, com um programa de actividades culturais, desportivas e recreativas.

A elevação de Setúbal a cidade data de 1860 e culminou um período de intenso desenvolvimento socioeconómico. A primeira carta foral de Setúbal data de 1249 e desde então a Setúbal — vila não mais parou de crescer, numa íntima relação com as actividades marítimas — o sal, a pesca e os descobrimentos.

O seu programa de actividades é o seguinte:

16/4/85, 21h30: conferência pela dr.ª Idília das Mercês, «A Imprensa em Setúbal na segunda metade do Século XIX», no salão nobre da Câmara Municipal de Setúbal.

19/4/85, 9h: Hastear da bandeira com guarda de honra.

19/4/85, 21h30m: Sessão solene no salão nobre da CMS, seguida da conferência do dr. Carlos Vieira de Faria sobre «História Urbana de Setúbal», (colaboração da Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão).

"Não" à queda da Câmara da Covilhã

Duas moções exigindo a dissolução da Câmara Municipal de Covilhã foram derrotadas na Assembleia Municipal.

As moções foram apresentadas pelo Partido Social Democrata e pela Aliança Povo Unido, na sequência da publicação do relatório da sindicância à edilidade covilhanense pelo Ministério da Administração Interna.

Outra moção de censura à Câmara, apresentada pelo Centro Democrático Social, foi também recusada.

Jorge Patrão, do Partido Socialista, reconheceu que, de acordo com o relatório da sindicância existem graves irregularidades na gestão camarária.

edições UM de OUTUBRO

R. da Glória-41-1.°-Esq.° — 1200 Lisboa

PRÉMIO "ALEXANDRE VIEIRA"

1 — Edições Um de Outubro participa a todos os concorrentes a este prémio e ao público em geral que a obra vencedora do mesmo foi o original «ALEXANDRE VIEIRA — 30 anos de Sindicalismo em Portugal», de Alberto Pedroso e António Ventura.

2 — A obra premiada foi votada em unanimidade por um júri composto pelos professores drs. António Borges Coelho e Víctor Matos e Sá, por um membro da A.P.H. — Associação dos Professores de História, um dirigente do Secretariado Nacional da CGTP — Intersindical e pela dra. Ana Vale (editora responsável das Edições Um de Outubro), que exerceu as funções de secretário do júri.

3 — O original premiado, agora editado pela Um de Outubro, tem apresentação pública no dia 22 de Abril de 1985, pelas 18.30, na Casa do Alentejo — R. das Portas de Santo Antão, em Lisboa.

4 — A este acto, inserido nas Comemorações do II Aniversário do 25 de Abril/1.° de Maio, preside Álvaro Rana, dirigente da CGTP — Intersindical.

Bispo de Bragança fala de "nova era"

Portugueses e espanhóis celebram Pascoela em "terra de ninguém"

Uma missa campal celebrada por padres espanhóis e portugueses marcou ontem o reatar de uma tradição perdida há 46 anos, a festa da Pascoela celebrada na «terra de ninguém» da fronteira fuso-espanhola Portelo/Calabor.

A romaria popular que reúne espanhóis e portugueses, numa celebração única na península Ibérica, realiza-se numa pequena feixa de terreno entre a povoação portuguesa de Portelo, a 18 quilómetros de Bragança, e a aldeia espanhola de Calabor.

Nessa «terra de ninguém», milhares de trasmontanos e raianos espanhóis reataram uma tradição perdida em 1939, no final da Guerra Civil espanhola, a festa da Pascoela.

Depois da missa, a festa rija reuniu portugueses e espanhóis com os comes e bebes, enquanto bandas de música e ranchos folclóricos actuavam ao despique.

A decisão de reatar a antiga tradição fora tomada no mês passado após intensos contactos entre responsáveis do distrito de Bragança e do Ayuntamento de Puebla de Senabria, a que pertence Calabor.

A festa da Pascoela, assim celebrada, constitui um «símbolo de uma nova era luso-espanhola e ibero-europeia», disse o bispo de Bragança.

D. António Rafael fez esta afirmação na homilia pronunciada na missa campal, celebrada por padres espanhóis e portugueses, que deu início à festa da Pascoela.

«É isto a Páscoa, encontro de irmãos, e a vitória do crente sobre o mundo dividido, separatista, semeado de discórdias e tristezas», disse o prelado.

D. António Rafael enalteceu a ideia europeia, «ideal da comunidade das pátrias, que nos dá a oportunidade e faculta-nos a regionalização, sem atropelos, sem percalços, sem resevs, sem complexos».

Iremos pela primeira vez dar as mãos das duas pátrias para fazermos boda de família com as dez pátrias à volta da madre Europa», afirmou o bispo de Bragança, aludindo ainda à integração de Portugal e Espanha na Comunidade Económica Europeia.

Sindicatos denunciam aumento do número de salários em atraso

Só em Lisboa, Porto, Setúbal e Santarém a dívida a os trabalhadores aumentou entre Dezembro de 1984 e Janeiro do corrente ano, de 9,7 para 11,2 milhões de contos, revela um balanço divulgado pela CGTP-IN, que chama a atenção para o facto de aquele valor colocado a juros de 30 por cento, render ao patronato um «lucro de 4,5 milhões de contos».

A central sindical afirma que nos 11 distritos analisados, a situação dos salários em atraso «afecta directamente cerca de 300 mil individuos, já que, segundo o recenseamento da população, a família média portuguesa é composta por 3,3 pessoas.

E salienta que este estudo confirma a «inoperância da Inspecção do Trabalho», acrescentando que, se intervenções houve, essas (cerca de 50) foram das forças policiais, «que ao longo de 1984 prenderam cerca de 400 trabalhadores em conflitos relacionados com salários em atraso».

Cerca de 30 mil no Porto

Por outro lado, um dirigente da CGTP disse no Porto que cerca de 30 mil trabalhadores de mais de 200 empresas daquele distrito foram em 1984 atingidos pelo não pagamento atempado dos salários. Esta informação foi prestada no decorrer da sessão do Tribunal de Opinião Pública, promovido pela União dos Sindicatos do Porto e que referimos noutro local.

Também a Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores dos Sectores de Lanifícios, Vestuário e Calçado do Norte afirma que os salários em atraso em 148 empresas em que está representada atingem cerca de 29.627 trabalhadores, totalizando a dívida 2.604.933 contos.

A Federação diz que «foi no período de governação PS/PSD que as dívidas do patronato conheceram agravamentos mais significativos, quase quintuplicando em menos de dois anos».

Protestos internacionais

Entretanto organizações sindicais da indústria química de Espanha, França, Itália e União Soviética enviaram recentemente ao Governo e à Assembleia da República protestos contra os salários em atraso em Portugal — anunciou a Federação dos Sindicatos Químicos.

A Federação Nacional das Indústrias Químicas, da CGT (França), a Federação Italiana dos Trabalhadores Químicos, da CGTL (Itália), a Federação das Químicas das Comissiones Obreras (Espanha) e o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Química e Pretroquímica da União Soviética enviaram documentos ao Primeiro-Ministro e ao presidente da Assembleia da República.

Os documentos enviados protestam contra as situações de salários em atraso de trabalhadores portugueses e solicitam a adopção de medidas para pôr termo áquela situação.

A Federação dos Sindicatos Químicos recorda que no sector que representa há cerca de 7.500 trabalhadores com salários em atraso, a quem 79 empresas devem cerca de 780 mil contos.

Tribunal de Opinião Pública

Governo acusado de cumplicidade com o patronato mais retrógrado

O Tribunal de Opinião Pública sobre salários em atraso, que no sábado decorreu durante sete horas na Faculdade de Economia do Porto, acusou o Governo de colaborar e de ser cúmplice do patronato mais retrógrado, que reprime e põe em causa os interesses e direitos dos trabalhadores.

Considerou, por outro lado, uma autêntica «imoralidade» o facto de a classe operária ser colocada numa posição de financiar a sua própria exploração.

«A prática que se generaliza, de não pagamento dos salários em intervalos regulares, é não só amoral, como expressa e vivamente repudiada pelo ordenamento jurídico nacional e internacional» — é afirmado no libelo acusatório apresentado pelos drs. Sá Coimbra e Jorge Carvalho. Os causídicos, que constituíram a acusação do Tribunal, aduziram para a sua argumentação a letra do regime jurídico do contrato individual de trabalho, «numerosas convenções internacionais», a «Declaração Universal dos Direitos do Homem» e a Constituição da República Portuguesa que afirma, no seu artigo 56, como dever das entidades patronais «pagar aos trabalhadores uma retribuição que seja justa e adequada ao seu trabalho».

A dado passo do libelo afirmou-se o reconhecimento de que em muitos casos, «o atraso no pagamento de salários reflecte dificuldades económicas e financeiras provocadas pela política do Governo». Mas «estas situações restrigem-se a meia dúzia de empresas», ficando a quase generalidade dos casos a dever-se «à gestão incompetente, irresponsável e oportunista, que se aproveita da permissividade reinante quanto ao não pagamento atempado da retribuição».

Em carta a Soares

Trabalhadores exigem solução para o problema da Messa

A Comissão de Trabalhadores da Messa, em carta enviada ao Primeiro-Ministro, recorda que faz um ano que tomou posse a primeira administração Centrel da Messa.

O documento afirma que o presidente da Centrel, ao dar posse à administração da Messa, fez «um dircurso cor-de-rosa, tecendo loas ao 'pacto social', à colaboração Governo/iniciativa privada, prometendo um futuro diferente, para melhor, aos trabalhadores da Messa» — referiu a comissão.

A CT assinala que, depois da rúptura com a Centrel, que «em Dezembro de 1984 abandonou a empresa, acusando o Governo de não ter cumprido os acordos celebrados», o «Governo é o único titular da empresa».

Recorda que os trabalhadores têm quatro meses de salários em atraso e pergunta ao Primeiro-Ministro qual o futuro dos trabalhadores e da empresa «que, alvo de degradação acelerada, vai cada vez mais pondo em causa os nossos postos de trabalho».

Na carta ao Chefe do Governo, a CT critica a «criminosa perda de encomendas», citando o caso da Triumph-Adler, dos Estados Unidos, que pretendia encomendar 50 mil máquinas de escrever e estaria interessada em mais 200 mil máquinas electrónicas e o caso mais recente de um cliente venezuelano, que está interessado em adquirir 25 mil máquinas.

No documento enviado ao Primeiro-Ministro, a CT da Messa exige que a empresa não seja encerrada, que sejam garantidos os postos de trabalho e que os salários sejam pagos.

Enfermeiros do Miguel Bombarda em luta

Os enfermeiros do Hospital Miguel Bombarda em Lisboa poderão entrar em greve no próximo dia 23, «se o Governo não definir um novo quadro de carreiras», disse um dirigente sindical.

António Gamito acrescentou que «a falta de enfermeiros no hospital está a levar a uma situação de quase ruptura, ao ponto de os chefes não terem possibilidade de estabelecer planos de férias, por falta de pessoal».

«O ano passado estivemos na mesma situação e o problema foi solucionado com o aumento dos horários de trabalho de uns para permitir as férias dos outros mas, este ano, somos ainda menos 15 do que nessa altura», acrescentou.

António Gamito adiantou que «a decisão de recorrer à greve foi tomada em plenário realizado no Hospital Júlio de Matos, em que estiveram presentes representantes de todos os hospitais psiquiátricos da Zona Sul (de Portalegre a Faro).

O plenário deliberou ainda marcar para o próximo dia 18 uma concentração em frente ao Ministério da Saúde.

SPGL SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA

PROFISSIONALIZAÇÃO EM EXERCÍCIO

A ACTUAL EQUIPA DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DEFENIU-SE CLARAMENTE: OPTOU POR UMA PRÁTICA AUTOCRÁTICA E DEMAGÓGICA

O Comunicado final da reunião do Conselho de Ministros do passado dia 2 de Abril refere, no seu ponto 3, a aprovação de um Decreto-Lei que «altera o processo de profissionalização dos professores» e, sumariamente, acrescenta três «vectores» em que assenta a referida alteração.

A CONFIRMAR-SE TAL APROVAÇÃO, ISSO SIGNIFICARIA:

1.° Uma grosseira violação do direito à negociação, pois nenhum Sindicato da FENPROF nem esta Federação teve oportunidade de discutir uma única vez o projecto de Decreto-Lei com o M.E.
2.° Retirar direitos adquiridos aos professores contratados plurianualmente.
3.° Não resolver, antes agravar, todos os problemas da estabilidade de emprego.
4.° O exílio forçado, sem compensações, para a extrema periferia, para muitos professores.
5.° Extinguir a profissionalização em exercício substituindo-a pelo extinto Curso de Ciências Pedagógicas (reconstruído e aumentado) e pelo ressuscitado «exame de estado» e prolongando para bem mais de 2 anos o período de formação.
6.° Interromper o processo de profissionalização, pelo menos e seguramente, durante o ano lectivo de 1985/86.
7.° A exclusão de todos os professores sem habilitação «tendencialmente vocacionada para a docência» de qualquer garantia de emprego.
8.° O desemprego para muitos professores.

O aproveitamento do período de férias para traiçoeiramente desferir o golpe, esperando que tal procedimento impedisse a reacção justa dos professores.
A aprovação de um diploma altamente contestável terá a merecida resposta.

A ATITUDE INADMÍSSIVEL DO M.E. E DO GOVERNO SERÁ DERROTADA!
A RAZÃO DOS PROFESSORES VENCERÁ!

Os professores têm ao seu alcance a possibilidade real de alterar a situação, modificando-a favoravelmente.

Temos perante nós a responsabilidade de lutar contra o desrespeito dos nossos direitos e impor a negociação desta matéria.

A situação exige por isso a intervenção e a acção ainda mais urgente e decidida dos professores. De todos os professores: provisórios, em profissionalização, profissionalizados. De todas as estruturas de formação das esçolas. De todas as escolas.

Reunir em todas as escolas e tomar posição é fundamental.

Assim, a Direcção apela a todas as escolas que:

- Protestem junto do Ministério da Educação e Primeiro-Ministro por esta decisão ter sido tomada sem prévia negociação com os Sindicatos da FRENPROF
- Se dirijam igualmente à Comissão de Educação da Assembleia da República, e a todos os Grupos Parlamentares, solicitando que o assunhto seja apreciado e o diploma, caso venha a ser publicado, seja chamado à ratificação.
- Solicitem ao Senhor Presidente da República que não promulgue o diploma devido ao processo seguido e ao seu conteúdo altamente contestável.

A todos os professores se reafirma a importância das reuniões que terão lugar nos próximos dias 16 e 17 de Abril onde a participação do maior número de escolas e de professores é essencial para decidir as acções a desenvolver.

REUNIÃO
16 e 17 de Abril de 1985

dia 16 SANTARÉM — Esc. Sec. de Marvila 21.00h.
SETÚBAL — Esc. Sec. S. Julião 21.00h.

dia 17 LISBOA — Sind. Trab. do Comércio 21.00h.
AV. ALMIRANTE BARROSO (À ESTEFÂNIA) N.° 3

AGIR E DICISIVO, COMPARECE!

Lisboa, 10 de Abril de 1985

A Direcção

Indústria de telecomunicações assina contratos-programa

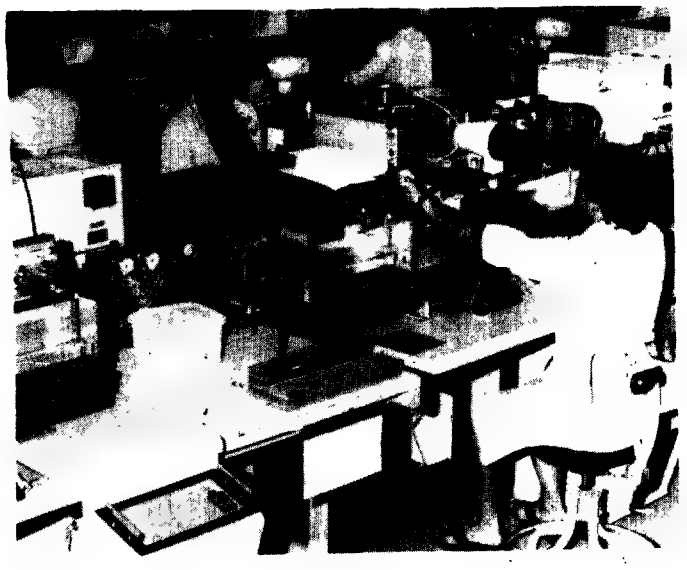
Os operadores de Telecomunicações e a Indústria Nacional vão assinar no dia 17 quatro contratos-programa no valor de dois milhões de contos anunciou o Ministério do Equipamento Social.

Os quatro contratos-programa prevêem a fabricação pela indústria nacional de equipamentos desenvolvidos pelo CET (Centro de Estudos de Telecomunicações) dos CTT/TLP (Aveiro).

O ministro da Indústria e Energia e o do Equipamento Social já homologaram estes contratos que serão celebrados entre os CTT/TLP, a CENTREL e a Standard Eléctrica

O primeiro contrato a ser celebrado com a Centrel, estabelece o fornecimente entre 1985 a 1987 de equipamento multiplex digital da primeira hierarquia (MIC 30 nacional), no valor de 647 mil contos.

O segundo, a celebrar igualmente com a CENTREL cifra-se em 227 mil contos e refere-se ao mesmo período de tempo no qual será fornecido material de equipamento telegáfico TDM/CENTREL.



A indústria de telecomunicações começa a receber respostas às exigências de programação das encomendas públicas que há muito vem fazendo (foto da linha de soldadura de cristais da Standard Eléctrica)

O terceiro contrato-programa será efectuado com a Standard Eléctrica e prevê para 1985, 86 e 87 a entrega de equipamento multiplex digital da primeira-hierarquia (MIC 30 nacional e BTM), no valor global de 620 mil contos.

O quarto contrato é também celebrado com a CENTREL e estabelece um plano de aquisição de 2000 telefones públicos para interiores do modelo A45.

No comunicado do Ministério do Equipamento Social refere-se que ao abrigo do despacho conjunto do MIE/MES de 19 de Outubro de 1983 se prevê que «as empresas operadoras de telecomunicações, antes de implementarem novos sistemas tecnológicos ou de introduzirem na rede novos equipamentos, consultem sempre a indústria nacional» e adianta ainda que só no caso de ser constatada a impossibilidade do seu fabrico no mercado nacional deverão ser importados.

Por último, afirma-se no documento que as empresas operadoras deverão apresentar um programa de evolução e de desenvolvimento tecnológico dividido em duas fases, sendo a primeira até 1990 e a segunda até ao ano 2000.

Banco suíço comprou ouro aos nazis

O Banco Nacional Suíço (BNS) publicou a semana passada um relatório sobre os negócios efectuados com ouro comprado ao Reichsbank da Alemanha nazi, confirmando que parte do precioso metal fora roubado durante a guerra aos países ocupados pelas tropas de Hitler.

Com a venda do ouro que roubara ao tesouro belga e que apreendera aos detidos nos campos de concentração, o governo nazi pagava as importações de maquinaria militar e científica suíça e adquiria divisas para pagar a países fornecedores como Portugal, Espanha e Roménia.

Salazar, Franco e o governo romeno preferiam o pagamento das suas exportações para a Alemanha em francos suíços ao pagamento em ouro, como desejavam os nazis, por conhecerem a sua proveniência.

Isso não impediu, contudo, que o Banco Nacional Suíço, segundo o relatório agora publicado, baseado em documentos internos, entre Setembro de 1939 e Maio de 1945, tenha aceite transferências de ouro proveniente do Reichsbank no valor global de 1638 milhões de francos suíços, retendo nos cofres 1209 milhões.

O resto foi transferido para outras instituições bancárias suíças e estrangeiras.

«A direcção do banco cumpriu a sua missão de uma forma apolítica tendo concedido ao Reichsbank uma ingénua boa-fé», afirma o relatório.

Aquilo que aparentemente os responsáveis bancários de então acreditaram de boa-fé fora de imediato denunciado pelas potências aliadas. Elas acusaram a banca suíça e o governo de Berna de terem aceite ouro roubado pelo ocupante nazi em vários países europeus.

Os Estados Unidos, por essa razão, congelaram em 1941 todos os bens suíços em território norte-americano. O próprio relatório suíço refere que os aliados sabiam «que a Alemanha vendera mais ouro do que possuía antes da eclosão da guerra».

Apesar de conhecerem aqueles números os directores do Banque Nationalle Suisse não tiveram escrúpulos em concretizarem sucessivos negócios com o governo de Berlim.

Apos a ocupação da Bélgica a Alemanha exigiu à França que devolvesse cerca de 300 toneladas de ouro belga depositado em Paris. O precioso metal seria mais tarde fundido e transformado em moedas prussianas com o cunho anterior à guerra.

Japoneses são quem mais pesca

Numa lista de 40 países, Portugal ocupa a trigésima nona posição em volume de pesca nos anos de 1981 e 1982 — segundo os números definitivos do anuário da FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação).

Em primeira posição situa-se o Japão, com um volume de pescado superior aos 10 000 000 de toneladas, seguido de perto pela URSS, com 9 956 749 em 1982, e pela China, com 4 926 683 no mesmo ano.

A Espanha ocupa a 17.ª posição, com 1 357 025 toneladas, a Inglaterra a 20.ª posição, com 868 250, Marrocos a 35.ª posição, com 361 681 toneladas.

Portugal, 39.ª posição, com 253 379 toneladas em 1982 e 242 020 em 1981.

A organização revelou ainda no seu anuário que o total mundial de capturas desceu levemente de 76,7 milhões de toneladas em 1982 para 76,4 milhões em 1983.

Os Estados Unidos ocupam a quarta posição geral, com 3 988 307 toneladas, e a Noruega a 7.ª posição geral, com 2 499 916 toneladas, está à cabeça dos países europeus.

Mobil portuguesa apurou lucros

A Mobil Oil Portuguesa obteve em 1984 lucros da ordem dos 553 mil contos apesar de uma quebra de três por cento no volume total de vendas relativamente ao ano anterior.

Os lucros registados, segundo NP, devem-se, por um lado, a vendas excepcionais de bens da empresa e, por outro, a resultados financeiros acima do normal, os quais contribuiram com 240 mil contos.

Sem os factores excepcionais referidos, o lucro final teria sido de 313 mil contos, cerca de nove por cento superior ao de 1983.

Os investimentos realizados em 1984 elevaram-se a cerca de 460 mil contos e incidiram nomeadamente em instalação de equipamento moderno em todos os sectores da companhia de que se destacam o lançamento de quatro estações gasolineiras «sel-service» e a instalação de equipamento electrónico de ponta.

Computador do IVA está pronto

O sistema informático a empregar pela administração do IVA já está em Portugal e só espera a luz verde do Governo para ser instalado e entrar em funcionamento.

«Tanto o «hardware» como o «software» já estão em Portugal e a IBM só espera o pedido de instalação por parte do Governo» disse à NP uma fonte daquela companhia. «Logo que o pedido seja feito, a sua satisfação é imediata e o computador do IVA poderá funcionar no mesmo dia ou no seguinte» — acrescentou.

O «Diário da República» já publicou a resolução tomada no princípio de Abril em Conselho de Ministros para adjudicação do fornecimento do material informático do IVA à IBM.

O custo inicial é de 210 mil contos e os encargos mensais para manutenção são da ordem dos 1126 contos.

Oficialmente, a data de 1 de Julho ainda é tida como a do lançamento do imposto, mas notícias vindas a público referiram dificuldades de ordem logística que parecem poder agora ser ultrapassados.

O IVA tem estado a funcionar na base de soluções de recurso, servindo-se do equipamento informático disponível para outros impostos, no Centro Informático de Alfragide da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos.

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	77$80	83$80
ALEMANHA FED (marco)	55$25	56$35
ÁUSTRIA (xelim)	7$80	8$00
BÉLGICA (franco)	2$581	2$789
BRASIL (Cruzeiro)	$025	$040
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	124$25	126$25
(notas de 5 a 1000)	124$75	126$75
DINAMARCA (coroa)	15$40	15$80
ESPANHA (peseta)	$939	1$059
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	169$75	171$75
(notas de 5 a 1000)	170$25	172$25
FINLÂNDIA (marka)	26$40	27$05
FRANÇA (franco)	18$10	18$80
HOLANDA (florim)	48$85	49$85
IRLANDA (libra)	173$75	177$75
ITÁLIA (lira)	$078	$088
JAPÃO (iene)	$648	$683
NORUEGA (coroa)	19$10	19$60
REINO UNIDO (libra)	212$85	216$85
SUÉCIA (coroa)	18$95	19$55
SUÍÇA (franco)	65$70	66$80
VENEZUELA (bolívar)	11$05	12$05

Observações:
1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

HOJE
TEMPO DE ANTENA DO PCP
Televisão: na RTP1 dia 15 Abril (depois do Telejornal das 20h.)
Rádio: na RDP antena 1 dia 15 Abril às 13,30h.

Em OLHÃO o Diário de Lisboa está a venda no Quiosque da Praça Patrão Lopes

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA

ANÚNCIO

FAZ SABER que pela 2.ª Secção do 4.º Juízo da comarca de Sintra, correm éditos de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando o réu ORLANDO JORGE DA SILVA COELHO, com última residência conhecida na Rua António Maria Eusébio, 33, 1.º — Setúbal, para no prazo de VINTE DIAS, posterior ao dos éditos, contestar, querendo, o pedido feito pela autora MARIA TERESA MARTINS ASSUNÇÃO, residente na Rua do Moinho, 77, r/c, Arull — Almargem do Bispo, nos autos de Divórcio Litigisioso n.º 1 000/84, que contra si requereu e nos quais pede que seja decretado o divórcio entre ela autora e o réu, com a consequente dissolução do casamento, sob pena de não contestando poder vir a ser condenado no pedido, não importando, a falta de contestação, que se considerem confessados os factos articulados pela autora.

É ainda citado o réu, para dentro do mesmo prazo, contestar querendo, o pedido de assistência judiciária requerido pela autora e já admitido liminarmente.

Sintra, 28 de Março de 1985

O JUIZ DE DIREITO,
Alvito Hilário Roger de Sousa

A ESCRITURÁRIA,
Lucília de Azevedo Matos

"D.L." 15/4/85 — 1.ª Pub.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 72 964 para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE 1, 4-DIHIDROPIRIDINAS COM DIFERENTES SUBSTITUINTES NAS POSIÇÕES 2 e 6 com EFEITO SOBRE O SISTEMA CIRCULATÓRIO».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

TERRENO
VENDE-SE
800 M² (JUNTO À ESTRADA)
FORO DE SALVATERRA
TELEF.: 53 10 45

TRESPASSE
ARMAZÉM
ZONA ALMIRANTE REIS
140 m²
Telef. 57 76 64

Presidente do Equador visita Cuba

O presidente do Equador, Leon Febres Cordero, chegou ontem a Cuba para a primeira visita oficial de um líder conservador da América Latina desde que Fidel Castro tomou o poder há 26 anos, revelaram fontes oficiais.

Foi recebido no Aeroporto Internacional de Havana por Castro e saudado por uma salva de 21 tiros.

Depois de escutarem os hinos nacionais dos dois países e de passarem em revista a guarda de honra, os dois líderes partiram imediatamente para iniciarem dois dias de consultas que deverão focar a dívida externa da região e a América Central.

Febres Cordero, que chegou procedente do México duas horas depois de uma reunião inesperada com o presidente Miguel de La Madrid, veio acompanhado pelos seus ministros dos Negócios Estrangeiros, das Finanças e das Obras Públicas.

Os dois países só recentemente restabeleceram relações diplomáticas.

Esta é, sem dúvida, uma visita histórica, comentou um diplomata ocidental em Havana.

Após 50 anos de espera

APRA ganha eleições no Peru e Alan Garcia será presidente

O veterano líder do Partido Social-Democrata (APRA), Luis Alberto Sanchez, anunciou domingo à tarde a vitória do seu partido nas eleições gerais realizadas no Peru e apelou «a todos os homens justos» do país a que colaborem com o próximo governo.

As palavras do senador, candidato à primeira vice-presidência do país e dirigente «histórico» do APRA, constituem a primeira declaração oficial deste partido depois das eleições, quando as primeiras projecções lhe dão uma maioria nas duas Câmaras Legislativas e uma vantagem substancial na corrida para a presidência.

Luis Alberto Sanchez, de 84 anos, um dos raros fundadores do APRA ainda vivos, declarou que «os resultados demonstram que Alan Garcia obteve um resultado ainda melhor do que o obtido em 1980 por Fernando Belaunde» (o actual presidente).

O sistema eleitoral peruano, que aceita como validamente expressos os votos brancos e nulos, torna difícil que Alan Garcia obtenha a metade mais um dos votos expressos, necessária para conquistar a presidência na primeira volta.

Em 1980, não foram contados como válidos os votos brancos ou nulos.

Sanchez acrescentou que o seu partido governara «sem vendettas, rancores, nem vinganças» e sublinhou que as votações de ontem culminam meio século de espera para obter o poder por parte do partido aprista, hoje de tendência social-democrata.

Mais de oito milhões de peruanos foram ontem às urnas para eleger um novo presidente e renovar os 60 lugares do Senado bem como os 180 da Câmara dos Deputados.

Se nenhum candidato à presidência alcançar a metade mais um dos votos válidos, os dois mais votados disputarão

uma segunda volta em 16 de Junho.

As duas Câmaras ficaram no entanto formadas com as eleições de ontem fixando a orientação do poder legislativo para os próximos cinco anos.

A transferência de poder, marcada para 28 de Julho, será a primeira transferência constitucional de poder no Peru em mais de 40 anos.

Alan Garcia

Alan Garcia, o vencedor das eleições presidenciais peruanas, saudou ontem à noite o povo daquele país pelo seu «comportamento democrático» e recebeu felicitações do seu principal rival.

Enquanto isto, o primeiro-ministro, Luís Percovich, reconheceu domingo à noite a derrota do candidato do Partido da Acção Democrática, que vai em terceiro lugar nos votos até agora escrutinados, e disse aos peruanos para se unirem e apoiarem o novo Governo.

Por seu turno, o segundo candidato mais votado, Alfonso Barrantes, da Esquerda Unida, foi a casa de Alan Garcia e disse aos jornalistas: «Vim felicitar o homem que obteve mais apoio popular do que eu—.

Ainda no domingo à noite centenas de apoiantes de Alan Garcia juntaram-se à volta do edifício onde ele mora, empunhando lenços brancos (um símbolo clássico do seu partido, a Aliança Revolucionária Americana (APRA).

Cerca de 80 mil soldados e 25 mil polícias foram colocados em estado de alerta, depois de os guerrilheiros do movimento maoista Sendero Luminoso terem atacado a bomba cinco sedes de partidos de direita na noite de sábado para domingo.

As bombas da guerrilha também danificaram um centro eleitoral em Cerro de Pasco, uma vila mineira, e ligações telefónicas em Huancayo, 315 quilómetros a Leste de Lima.

O Sendero Luminoso afirma que as eleições são uma farsa destinada a manter os ricos no poder e advertiu que matará as pessoas que votarem.

Na região de Auacucho, no Sul do país, onde o Sendero Luminoso tem as suas principais bases, cerca de 1400 camponeses índios assustados acamparam de noite em cidades e vilas, preparando-se para votar, em desafio às ameaças dos rebeldes.

A votação para as eleições presidenciais e legislativas começou às 8 horas locais (14 horas em Lisboa) e terminou às 15 horas (20 horas em Lisboa.

Soldado dos EUA morre em combate na Nicarágua

O Ministério nicaraguense da Defesa anunciou que um soldado norte-americano integrado numa força de intervenção anti-sandinista morreu em combate contra tropas do Exército da Nicarágua no Noroeste do país.

Segundo a mesma fonte, o recontro armado em que morreu o «mercenário norte-americano», identificado como Patterson Roger, ocorreu em 27 de Março no sector de Bocana de Tagua, 22 quilómetros a sudeste de Waslala, departamento de Zelaya.

Na mesma acção, em que estiveram envolvidos o batalhão de luta irregular «Sócrates Sandino» e a força de intervenção «Jane Kirkpatrick», morreram vários membros desta última, acrescentou a fonte.

Numa chapa encontrada no cadáver de Patterson Roger lia-se a seguinte inscrição: «Patterson Roger, tipo de sangue O positivo, número 419967423, membro da Igreja Baptista»

Os documentos encontrados foram entregues ao Ministério norte-americano dos Negócios Estrangeiros.

Em Washington, o Pentágono identificou como Roger E. Patterson o norte-americano morto quando combatia ao lado dos rebeldes, mas o porta-voz disse desconhecer tudo sobre ele, excepto que tinha estado no Exército de Julho de 1979 a 1984.

Esta foi a primeira baixa norte-americana num combate no solo, na Nicarágua, desde que os Estados Unidos começaram a apoiar os adversários do regime em 1981.

A explosão em Madrid

Grupo chiita libanês diz-se autor do atentado

O grupo extremista xiita Jihad reivindicou no sábado em Beirute a autoria da explosão que sexta-feira à noite destruiu o restaurante «El Descanso» perto de Madrid e provocou a morte de 18 pessoas.

Um informador anónimo, em telefonemas para uma agência noticiosa em Beirute, disse que o grupo reclamava a responsabilidade da «operação levada a cabo em Madrid pelo grupo da martir Abu Zeinar».

Abu Zeinar foi a mulher que lançou um ataque suicida perto de Metullah, em 10 de Março, de que resultou a morte de 12 soldados israelitas e ferimentos em 14.

«Esta operação é a segunda este mês e sereis testemunhas de desastres a partir de agora», disse o informador, que acrescentou: «Esta matança é uma represália pelas matanças perpetradas na zonba de Bil Al-Abed».

A ETA e os Grapo também reivindicaram a autoria do atentado, mas o minisitro espanhol do Interior considerou que a reivindicação da Jihad era o que merecia mais crédito.

Investigadores disseram que a explosão, na qual ficaram feridos 15 norte-americanos, um deles gravemente, teve quase certamente como alvo as forças dos Estados Unidos.

O restaurante, uma «Steak House», era um local favorito para os 4500 militares norte-americanos da vizinha base aérea de Torrejon, uma de quatro bases espanholas em que, no total, estão destacados 12 000 militares dos Estados Unidos.

Os corpos dos 18 mortos, todos espanhóis, foram ontem enterrar tendo sido recolhidos na morgue de Madrid por centenas de familiares que não escondiam a sua indignação e pranto.

Coreanos celebram aniversário de Kim Il Sung

Hoje, 15 de Abril, a República Popular Democrática da Coreia festeja o aniversário do seu líder, marechal Kim Il Sung. Nascido numa família que se havia distinguido na luta contra o colonialismo nipónico, o presidente Kim Il Sung cedo começou a participar nas acções libertadoras do seu povo. Muito jovem ainda, assume a direcção da revolução na Coreia, e, durante vinte anos, vive nas montanhas, com a guerrilha, em combate constante contra os colonialistas nipónicos.

Depois da libertação, é Kim Il Sung que orienta a edificação de uma nova sociedade. Mas em 1950 os trabalhos de reconstrução são brutalmente interrompidos pela guerra imperialista de agressão. Ao fim de três anos, os EUA conheciam a primeira derrota militar da sua história. Sobre as ruínas deixadas como legado daquela guerra, o povo coreano, liderado pelo marechal Kim Il Sung, retomou a marcha para o progresso e o socialismo.

As celebrações do aniversário natalício do presidente Kim Il Sung constituem para o povo coreano um símbolo da sua própria história.

17/21 ABRIL

visite na

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

os Salões de:

ROCHAS ORNAMENTAIS
SIROR

CONSTRUÇÃO
E OBRAS PÚBLICAS
SIMAC

CERÂMICA INDUSTRIAL
KERAMICA

Horário: das 15 às 23 H.

de 17 a 19 abertura exclusiva a profissionais

dias 20 e 21 aberto a todo o público

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA / ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA

Funerais já estão preparados

Só as máquinas mantêm Tancredo com vida

O Porta-voz oficial da presidência brasileira, António Brito, informou às últimas horas da noite que a saúde do presidente eleito, Tancredo Neves, se estabilizou dentro de um quadro de extrema gravidade, que os médicos já qualificaram de irreversível.
Esta noite as actividades vitais do paciente são constantes, a pressão arterial e temperaturas são mantidas com ajuda de medicamentos, a respiração artificial e a frequência cardíaca oscila de 110 a 120 pulsações por minuto.
Ao fim da tarde e primeiras horas da noite de domingo, Tancredo teve duas recaídas graves provocadas por infecções, que puseram o doente à beira da morte, cujos focos os médicos não lograram localizar.
Funcionários do governo e membros da equipa médica já declararam que só «um milagre» pode salvar a vida do político.

Os boletins médicos informam que as funções respiratórias do presidente eleito são praticamente nulas e que a escassa actividade dos seus pulmões só permite aproveitar a 40 por cento a capacidade dos equipamentos de oxigénio que lhe foram aplicados.

Os elevados índices de ureia e de creatinina que se registaram no seu organismo ameaçam o envenamento do seu sangue até provocar o colapso geral, apesar de estar sujeito a hemodiálise para purificar o sangue.

A tudo isto junta-se um novo foco infeccioso de alto poder e de difícil controlo. Só os aparelhos mantêm Tancredo vivo.

A luta pela vida de Tancredo Neves, cujo organismo está à beira de um colapso geral, passa principalmente pela manutenção do complexo equilíbrio entre rins e pulmões.

Logo após a sétima operação os médicos admitiram haver 80 por cento de possibilidades de Tancredo Neves sucumbir em virtude da sua debilidade orgânica.

A decisão de operar pela sétima vez o presidente brasileiro foi «um dos piores momentos da minha vida», afirmou o gastroenterologista Henrique Walter Pinotti, chefe da equipa médica que o assiste.

Neves está a ser assistido por uma equipa de 79 profissionais, dos quais 39 são médicos e 40 auxiliares, na maioria pertencentes aos quadros do Instituto do Coração do Hospital de São Paulo.

Já se preparam os funerais

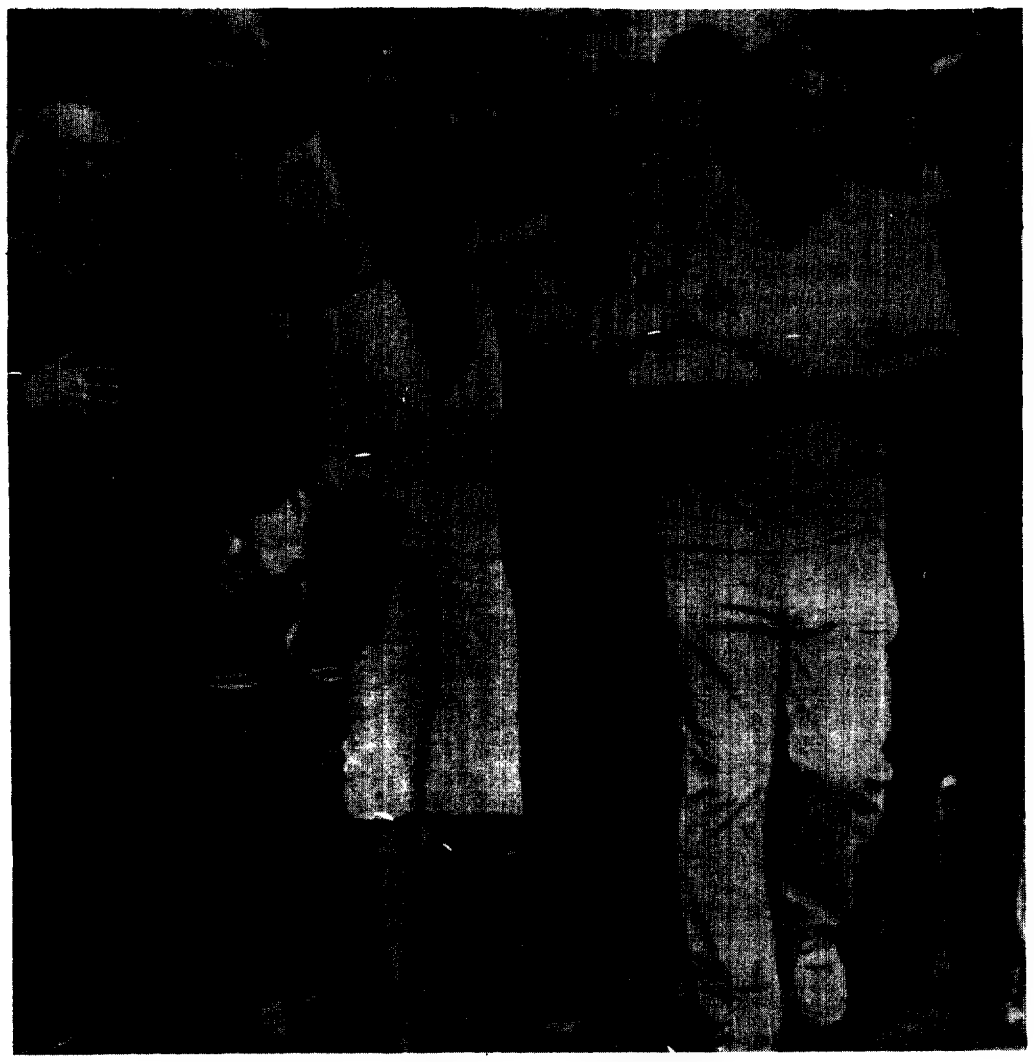
Com o agravamento do estado de saúde do presidente eleito do Brasil, Tancredo Neves, o governo iniciou os preparativos para o seu funeral, disseram domingo à EFE fontes oficiosas.

Segundo a agência nacional «Estado», o próprio presidente interino e vice-presidente da República, José Sarney, já tem pronta a mensagem ao país que será difundida logo após a morte de Neves, que se encontra em estado desesperado.

Estão também sobre a mesa de Sarney os decretos presidenciais que declaram luto nacional em todo o país — acrescentaram as mesmas fontes oficiosas.

O Ministério de Assuntos Exteriores já elaborou o esquema das cerimónias a realizar depois da morte de Tancredo Neves, cujo corpo será trasladado de São Paulo para o Palácio do Planalto para as honras fúnebres.

Em Brasília, quatro aviões e o Boeing presidencial, assim como as suas tripulações, estão a postos na Base Aérea para partir com destino a São Paulo, transportando as autoridades do país.



Cristãos brasileiros invocando o espírito de Nosa Senhora da Aparecida, junto do hospital onde se encontra Tancredo (Telefoto UPI/NP/«DL»)

No Palácio do Governo e no Congresso espera-se com dor a notícia da morte de Tancredo Neves, de 75 anos, e seguem-se com atenção todas as informações sobre o estado do veterano político, operado por sete vezes no espaço de um mês, a primeira das quais a cerca e de 12 horas da sua tomada de posse.

Apesar de ser domingo e de não existir uma convocatória prévia, a maioria dos deputados compareceu ontem no edifício do Congresso vestindo fato escuro.

Sarney solicitou aos presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado, Ulysses Guimarães e José Fraguelli, que comparecessem no Palácio do Planalto para estarem a seu lado quando difundir à nação a mensagem sobre o falecimento do presidente eleito.

De acordo com as previsões oficiais, a notícia da morte de Tancredo Neves será anunciada pelo porta-voz oficial da Presidência, António Britto.

O governo brasileiro completa hoje o seu primeiro mês no poder, semiparalisado pela doença, do presidente eleito, que não pode tomar posse a 15 de Março.

A Presidência tem sido ocupada a título interino pelo vice-presidente José Sarney, a quem políticos de todos os partidos têm exprimido o seu apoio como presidente constitucional em substituição de Neves, se este morrer.

Sarney tem assegurado o funcionamento do governo mas, segundo o «Jornal do Brasil», há ainda cerca de 3000 postos de segundo e terceiro nível por preencher, incluindo 43 cargos de director nos bancos federais.

Analistas têm entretanto sugerido que Sarney poderá afastar alguns dos actuais ministros, no caso de Tancredo Neves morrer e ele assumir plenamente a presidência.

Na sua opinião, um dos ministros que poderão ser afastados é Francisco Dornelles, titular da pasta da Economia e sobrinho de Neves. Outros poderão ser o chefe do gabinete civil, José Hugo Castello Branco e o ministro da Justiça, Fernando Lyra.

Imagens de santos

Milhares de brasileiros transportando imagens de santos, velas e cruzes de madeira acorrem incessantemente ao Hospital das Clínicas de S. Paulo, onde Tancredo Neves luta contra a morte.

«Dona Risoleta, a senhora não está sozinha, somos 130 milhões a rezar pelo seu marido» — lê-se nm enorme cartaz colocado em frente ao hospital.

O cardeal de S. Paulo, D. Paulo Evaristo, deu ontem à noite a sua bênção a Tancredo Neves, a pedido da mulher.

A Polícia reforçou a segurança no exterior do hospital, enviando jpes e um camião cheio de tropas.

Quando se soube que a vida de Tancredo depende apenas agora das máquinas, os elementos da Polícia Militar com capacete e viseira fizeram um cordão de segurança à entrada do Instituto do Coração de São Paulo e afastaram uma multidão de simpatizantes para trás das grades, disseram testemunhas oculares.

Muitas das pessoas caíram de joelhos e choraram quando tomaram conhecimnto da nova crise sofrida por Tancredo, homem em quem depositam esperanças de corporizar uma nova república democrática.

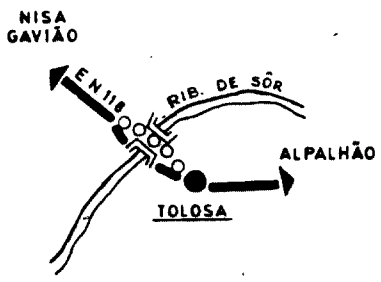
Um porta-voz do vice-presidente Sarney disse que estava reunido em Brasília com ministros e responsáveis militares e dos serviços de segurança.

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL • SECRETARIA DE ESTADO DAS OBRAS PUBLICAS

JAE DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE PONTES

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DA:

E.N. 118 – PONTE SOBRE A RIBEIRA DE SÔR, EM TOLOSA E VARIANTE



OOO – LANÇO E PONTE A CONSTRUIR

PREÇO-BASE ..... 130 000 000$00
CAUÇÃO PROVISÓRIA ..... 3 250 000$00
ALVARÁ EXIGIDO: III Categoria e ou 2.ª Subcategoria da III Categoria e IV Categoria e ou 1.ª Subcategoria da IV Categoria e das classes correspondentes ao valor da proposta para cada categoria, devendo um dos alvarás ser de classe correspondente ao valor global da proposta.
LOCAL, DIA E HORA-LIMITE PARA ENTREGA DAS PROPOSTAS: Direcção dos Serviços, de Pontes, Praça da Portagem. 2800 Almada, até às 16 horas do dia 11 de Junho de 1985.
LOCAL, DIA E HORA DO ACTO PÚBLICO DO CONCURSO: Direcção dos Serviços de Pontes, Praça da Portagem. 2800 Almada, pelas 15 horas do dia 12 de Junho de 1985.
LOCAIS PARA EXAME DO PROCESSO: Durante as horas de expediente. na Direcção dos Serviços de Pontes. na Praça da Portagem, em Almada, e na Direcção de Estradas do distrito de Portalegre.
Almada. 29 de Março de 1985

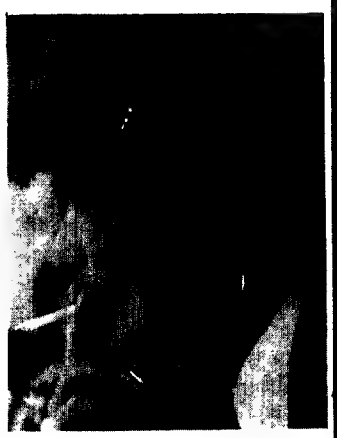
O DIRECTOR DOS SERVIÇOS
CARLOS NOYA COUTINHO

123 RTP **concurso**

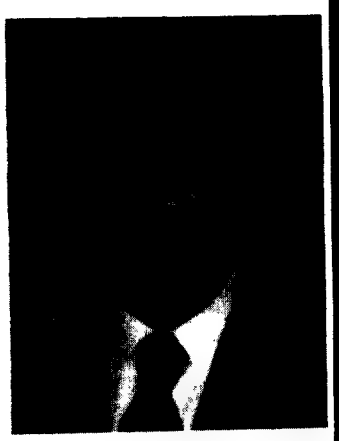
NOME .....
Idade ..... Profissão .....
Morada .....
Localidade ..... Cod. Postal .....
Telefone .....
Freguesia ..... Concelho .....
Tem televisor? ..... N.º Licença .....
ACOMPANHANTE .....
Idade ..... Profissão .....

IMPORTANTE. Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Um, Dois, Três, Apartado 4315 – 1508 Lisboa Codex.

Eles estão na onda



Manuel José: ele não confirma nem desmente, mas nos bastidores sportinguistas (normalmente muito bem informados) afirmam-se que o actual técnico do Portimonense é o sucessor de John Toshack, pois embora ainda tenha dois anos de contrato com o grupo do Algarve está perfeitamente estabelecido que mudará de entidade patronal, aceitando o convite que lhe foi endereçado por João Rocha. Será que, ao lado de Manuel José, virão também Rui Águas e Cadorin?.



FERNANDO MARTINS: o presidente benfiquista em grande. Terceira presença no «top» da gerência do clube da águia, recebendo as melhores e mais elogiativas palavras na hora de firmar compromisso para prolongar a sua obra no Estádio da Luz. A esposa (D. Leonilde Martins) apadrinhou o novo autocarro dos «encarnados» (um «Volvo» matrícula MP-87-66) que já viajou até Coimbra, custou 13 mil contos e é de comodidade e utilidade a toda a prova.

MÁRIO WILSON: a história da sua entrada começa por uma contestação a Fernando Peres levantada pelo jogador Barros, levemente adocicada pelo «capitão» Isidro e, de repente, assumida pela quase totalidade do «team», acorrentada pelo ex-benfiquista que mora no hotel do presidente Júlio Graça e afirmou que sairia da Amoreira se Peres continuasse no cargo. João Carlos, técnico-adjunto, ficou solidário com o chefe: já nem falou a amigos em Alvalade.

Cascais-Lisboa: recorde verde com Lopes e Mamede

O Sporting ganhou em tempo recorde a estafeta Cascais-Lisboa, em Atletismo, apresentando a sua melhor formação e deixando o Benfica a mais de um minuto. O Sporting venceu com o tempo de uma hora, oito minutos e 25 segundos, batendo por 30 segundos o anterior recorde que pertencia a uma equipa do Benfica, desde 1983. Carlos Cabral, Hélder de Jesus, Carlos Lopes, Fernando Mamede e Rafael Marques formaram a equipa «A» do Sporting. O Benfica ficou em 2.º lugar, com uma hora, nove minutos e 30 segundos. O Sporting «B» conseguiu o 3.º lugar. A prova, na sua 51.ª edição, iniciou-se junto ao pavilhão do Dramático de Cascais e terminou à porta da Feira Internacional de Lisboa.

Carlos Lopes vai endossar o testemunho a Mamede

DIÁRIO DESPORTO

Violência continua tocando árbitros

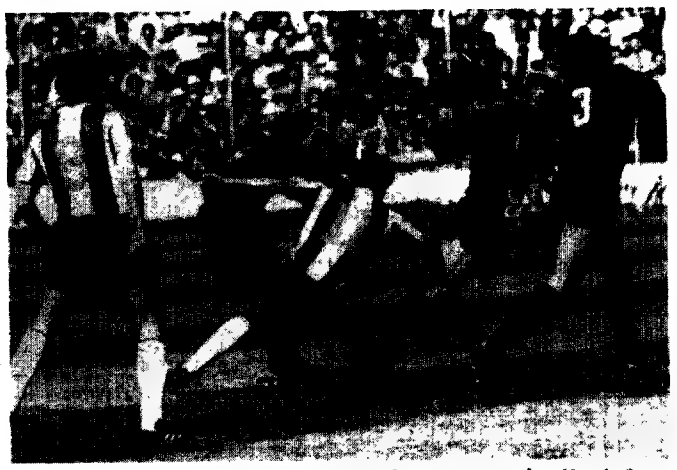
Pág. 18

Manuel Fernandes dispara o tento que encerrou a contagem leonina

Nacional de futebol

Nem sombra de golpe de Estado

Neves de Sousa



Póvoa de Varzim: quem se entendeu nesta salgalhada?

Vinte golos foi tudo quanto rendeu a 24.ª rodada do campeonato nacional de futebol do máximo escalão, sem qualquer surpresa, o trio dominante vencendo como lhe convinha e apenas o Boavista conseguindo (como o Porto e o Benfica) triunfar no palco adversário. Para a história (e para já) fica assim o painel dos desfechos: Varzim, 1 - Porto, 2; Sporting, 4 - Vizela, 0; Académica de Coimbra, 1 - Benfica, 2; Guimarães, 3 - Setúbal, 1; Farense, 0 - Boavista, 1; Salgueiros, 2 Rio Ave, 0; Penafiel, 1 - Braga, 0 e Belenenses, 2 - Portimonense, 0.

Gomes falha «penalty»

Abrindo o marcador com um golo de Gomes, aumentando a vantagem por intermédio de Futre, sofrendo depois um tento varzinista (por Adão, o homem que já esteve com pé nas Antas), o FC Porto viu o seu «marcador de turno», Fernando Gomes, falhar a concretização de uma grande penalidade. Notas a evidenciar: magnífica presença de João Pinto e Lima Pereira, Inácio e Futre, Frasco e André, num «team» portista que nunca esteve em perigo, embora deva credenciar-se o Varzim pela réplica apresentada, mormente através de jogadas de Bobó e Adão, mais das defesas de Lúcio.

Atenção à cobiça por Futre: enviados do Atlético de Madrid estiveram ontem, na Póvoa de Varzim, vendo em acção «o menino de ouro».

Pietra assina triunfo rubro

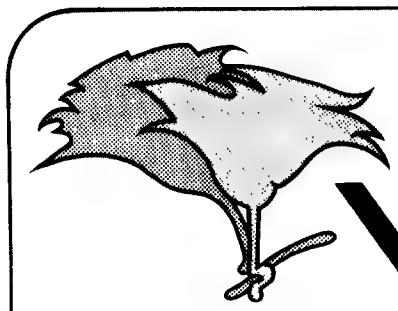
Um óptimo pontapé de Pietra deu o tangencial êxito ao Ben-

Continua na pág. 16

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	G	P
1.º FC PORTO	**24**	**22**	**1**	**1**	**65-10**	**45**
2.º Sporting	24	17	6	1	63-20	40
3.º Benfica	24	13	7	4	45-23	33
4.º Portimonense	24	12	5	7	44-34	29
5.º Boavista	24	10	9	5	31-23	29
6.º Belenenses	24	10	6	8	35-34	26
7.º Braga	24	8	6	10	37-35	22
8.º Académica	24	8	5	11	32-37	21
9.º Guimarães	24	7	6	11	26-33	20
10.º Setúbal	24	6	8	10	27-40	20
11.º Farense	24	6	7	11	17-33	19
12.º Penafiel	24	4	10	10	20-37	18
13.º Salgueiros	24	6	5	13	33-49	17
14.º Rio Ave	24	5	6	13	21-38	16
15.º Varzim	24	2	11	11	18-36	15
16.º Vizela	24	4	6	14	26-58	14

PRÓXIMA JORNADA: Portimonense-Guimarães (1-0); Setúbal-Académica (0-0); Benfica-Farense (0-1); Boavista-Salgueiros (2-0); Rio Ave-Varzim (1-1); FC Porto-Penafiel (1-0); Braga-Sporting (1-8) e Vizela-Belenenses (0-2).



viva 25 Abril 1985

Comemorações

Programa

18, 19 e 20 de ABRIL — VI Grande Prémio de Ciclismo
20 ABRIL — Cicloturismo
— Org. Grupo Recreativo Apelaçonense
— Apoio Câmara Municipal de Loures
21 de ABRIL — Festival de Folclore - 15 h - Praça S. João - Pontinha.
— **COM:**
— Rancho Folclórico «Os Ceifeiros da Bemposta».
— Grupo de Danças e Cantares de Cabeço de Montachique.
— Rancho de Frielas.
— Grupo Folclórico e Etnográfico de Fermentelos.
— Rancho Folclórico da Associação Desportiva Bobadelense.
21 de ABRIL — Espectáculo para crianças — 16 h
MERCADO — CATUJAL
— **COM:**
— Carlos Alberto Moniz.
— Escola de Música da Associação Recreativa e Musical 1.º de Maio
24 de ABRIL — Espectáculo Musical — 21.30 h
Frente à Igreja — Camarate
— **COM:**
— Pedro Barroso e Grupo.
— Espectáculo Musical — 21.30 h
Atlético Clube de **Moscavide.**
— **COM:**
— Luís Cília acompanhado por António Ferro.
— Manuel Freire.
— Coro da Cooperativa «Viver Abril».
— **Espectáculo Musical** — 21.30 h.
Sociedade Musical e Desportiva de **Caneças.**
— **Festival de patinagem Artística** — 21.30 h
Rinque Municipal — Loures.
25 de ABRIL — Espectáculo — 10 h
Frente à Câmara — Loures.
— **COM:**
— Rancho «Os Ceifeiros da Bemposta».
— Rancho do Grupo Recreativo de Cabeço de Montachique.
— Banda da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Loures.
— Inauguração 2.ª Fase do Parque Maria Lamas — 9.30 h
— Concerto de Banda da Sociedade Musical Odivelense.
— Provas Desportivas:
— Patinagem Artística
— Ginástica
— Judo
— Cicloturismo
— Org. CCD, Associação Ciclismo do Sul Apoio da Câmara Municipal de Loures
28 de ABRIL — Corrida da Liberdade — Atletismo — 10 h.
Odivelas

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

Comandantes não baixam ban(

Continuação da pág. 15

fica, em Coimbra. As coisas começaram com a cobrança de uma grande penalidade muito bem assinalada pelo juiz bracarense Azevedo Duarte, que Maniche não perdoou, depois de sofrer carga ilegal de Francisco Silva. Depois do intervalo, surgiu o empate, em belo raide com a classe de Ribeiro. Mas o golo de Pietra arrumou o caso, permitindo que o **tal** Pal continue a gozar do nosso belo sol. Um único senão para aquela que poderia ter sido modelar direcção da partida: o bracarense Azevedo Duarte deixou passar em claro (aos 80 minutos) um derrube a Pedro Xavier, dentro da área de rigor benfiquista. Pontuação bem destacada para Ribeiro, Pietra e Carlos Manuel. Confirmação de que Jorge Silva sofre de uma lesão de cura demorada.

Acidente aparatoso aconteceu quando Ribeiro logrou o tento conimbricense: a estrutura metálica destinada ao marcador do Estádio Municipal desabou e vários espectadores que viam dali o jogo tombaram de certa altura. Seis deles tiveram de ser assistidos no Hospital da Universidade. Identidade dos feridos mais molestados: Mário Rui Marques Vicente (24 anos), Carlos Alberto Pinto Salema (43), Gabriel dos Santos Bessa (36), Armando Manuel Silva Simões (32), Ernesto Marques Lucas (36) e João Martinho Sousa Cardoso (26).

Pacheco e Saucedo ficaram de fora

Num Sporting que não conseguiu ainda apresentar o seu (teoricamente) melhor «team», ficando de fora o excelente Jaime Pacheco e o ainda em exame Saucedo, apenas um breve período de dúvida perante o Vizela. O brasileiro Eldon e o «capitão» Manuel Fernandes (dois golos cada um) rubricaram o êxito dos homems de Alvalade, perante uma má arbitragem do conimbricense Ramiro Santiago que, pelos vistos, não pode aspirar a altos voos.

Morato foi a «estrela» da companhia lisboeta, mas também Oceano e Manuel Fernandes, Damas e Eldon atingiram alta craveira, nem de perto cada por Toni, Perrichon, Barbosa e Caldas, que mesmo assim ficaram a um degrau dos maiorais da festa. Mário Jorge foi expluso por ter «conversado» com o árbitro que, graças a Deus, foi o pior elemento no palco. Uma citação, ainda, para o excelente trabalho de Sousa, apenas prejudicado pela descalibragem da pontaria: falhou uma grande penalidade e perdeu quatro lances de baliza aberta.

Mário Jorge (expulso por «diálogo» com o árbitro) é confortado por um colega vizelense. Verdura da mocidade vai agora provocar castigo aborrecido

A propósito de castigos máximos: Ramiro Santiago «não viu» duas faltas vizelenses sobre Carlos Xavier e Manuel Fernandes e, depois, insolitamente, lembrou-se de penalizar com a lei mais dura um simples mergulho de Caldas aos pés de Jordão. Foi (talvez) A **compensação** de uma torrente de erros: mas, repita-se, um julgamento que nunca pode ser aceite sem a mais viva desaprovação.

Cabrita à disparada

Sem qualquer dúvida: a turma do Penafiel, desde que passou a ser dirigida por Fernando Cabrita, tomou a rédea nos dentes. Agora, mercê de um bom disparo de Ferreira da Costa, bateu o Sporting de Braga e conquistou renovado ânimo para trepar a corda. Porém, o seu «placard» poderia ter subido se o árbitro Mário Luís (que esteve muito mal) tivesse assinalado uma indiscutível grande penalidade cometida por Serra sobre Babá. Os melhores do espectáculo: Ferreira da Costa e Bruno (Penafiel) ao lado do bracarense Nelito, que tentou equilibrar um barco que meteu água por todos os lados.

Alves leva tudo à ponta da espada

Com as rédeas do jogo na mão, o «luvas negras» encaminhou o «team» que comanda para um belo triunfo em terreno farense, onde os espinhos pareciam («a priori») ser muitos e, afinal, tudo se desenrolou a contento do Boavista que, apesar de ter rubricado um solitário golo (por Filipovic), chegou e sobrou para conter o entusiasmo de Javi e Carraça, as melhores unidades do «onze» de Fernando Mendes. Por seu turno, com Phil Walker a tornar-se o dono do «show», bem estribado numa equipa onde Coelho também roçou o brilhantismo, o Boavista conquistou novo impulso para a sonhada caminhada até à Europa, acentuada a partir do instante em que João Alves rendeu Mário Wilson no quartel-general do Bessa. Vinte valores para o juiz setubalense Raul Nazaré, que não teve a mais leve falha.

Guimarães nas calmas

Roldão, Paquito e Valério (vimaranenses de pontaria afinada) suplantaram a magra réplica setubalense (um único golo: por Paulo César) e, com uma muito boa direcção de jogo a cargo de Santos Ruivo (Abrantes, Santarém) recolocaram Goethals em posição mais afoita, ao mesmo tempo que deram ensejo ao presidente Silvério Jones para pensar fortemente em Humberto Coelho para na temporada próxima substituir Manuel Oliveira no comando técnico da formação do Bonfim.

Tonanha arrumou Vila do Conde

Dois tentos do brasileiro Tonanha (um na marcação de cartigo máximo) tranquilizaram o Salgueiros, na esgrima com um Rio Ave muito contemporizador e aparentemente descrente da fuga ao posto em que se encontra na tabela pontual. Se o leitor quiser registar, aí vão os nomes em evidência: Tonanha, Casimiro e Germano (entre os salgueiristas), Brito na formação de um Rio Ave que esboçou um certo «pressing» mas ficou siderado com a pontaria do futuro axadrezado, que continua confirmando a sua vocação para violar as balizas contrárias.

Ronnie faz dupla no Restelo

Ronnie Glavin, o centro-campista escocês de 32 anos, uma vez «internacional» pelo seu país, assinou os dois golos do Belenenses perante o Portimonense (um dos tentos foi na cobrança de grande penalidade) e, acompanhando a excelente actuação de Norton de Matos (perante a antiga entidade patronal) autorizou a que os boavisteiros (de João Alves) apanhassem o 4.º degrau da tabela pontual.

O algarvio Vítor Oliveira foi expulso pelo juiz Rosa Santos e no Restelo, verificaram-se alguns pontos para a história: o árbitro bejense perdoou outra grande penalidade aos portimonenses, actuando com claro descontrolo no capítulo disciplinar (perturbou em demasia os atletas) mas é de justiça mencionar a boa presença da cortina defensiva dos «azuis» e do central algarvio Simões.

Grande jogo de Paquito (bem secundado pela generalidade dos colegas de emblema) e réplica entusiasta de Mota, o melhor setubalense no relvado. À atenção do Sindicato dos Jornalistas: uma vez mais os nossos camaradas de «A Bola» foram impedidos de ocupar o seu lugar, na bancada da Imprensa.

Agora: Supertaça

E, até chegar a ronda 25, quedemo-nos pela 2.ª «mão» da Supertaça, que na 4.ª-feira terá a decisão nas Antas, para onde os benfiquistas viajam com a magra vantagem de um tento. Este duelo, entre o bloco portista e os colegas de Manuel Bento será dirigido por Rosa Santos: oxalá esteja dentro do seu normal. Isto é: bem melhor do que o muito mau que ontem mostrou no palco resteliano.

Neves de Sousa

Divisão 2

No escalão n.º 2 houve mudanças de comandante no Norte e no Centro, com as subidas do Desportio de Chaves e do Elvas, por troca com o Aves e o Covilhã. Resultados da 22.ª jornada na Zona Norte: Lourosa - Sanjoanense, 1-0; Famalicão - Paços de Ferreira, 1-3: Lixa - Aves, 1-0; Fafe - Leixões, 0-0; Valonguense - Felgueiras, 0-0; Espinho - Gil Vicente, 3-1; Chaves -Tirsense, 3-0; Feirense - Marco, 2-1. Classificação: 1.º, Chaves, 31 pontos; 2.º, Aves, 30; 3.º, Leixões, 28; 4.º, P. Ferreira, 27; 5.º, Espinho, 26; 6.ºs, Famalicão e Felgueiras, 23; 8.º, Fafe, 22; 9.ºs, Lixa e Lourosa, 21; 11.ºs, Gil Vicente e Tirsense, 20; 13.º, Feirense, 18; 14.º, Sanjoanense, 16; 15.ºs, Marco e Valonguense, 13.

Zona Centro: Elvas - Cóvilhã, 1-0; Torriense - Guarda, 1-1; Estarreja - União de Leiria, 0-1; Águeda - Caldas, 1-0; Marinhense - Mangualde, 4-0; Alcobaça - Estrela de Portalegre, 3-0; Benfica de Castelo Branco -União de Coimbra, 0-1. Classificação: 1.º, Elvas, 30 pontos; 2.º, Covilhã, 29; 3.ºs, U. Leiria e U. Coimbra, 28; 5.ºs, Torriense e Águeda, 23; 7.ºs, Beira-Mar e Alcobaça, 23; 9.ºs, Estrela e Peniche, 21; 11.º, Caldas, 20; 13.ºs, Mangualde, Guarda e Marinhense, 17; 16.º,

Djão ensanduichado por algarvios

Matosinhos assistiu a renhido Salgueiros - Rio Ave: jogou-se mais com o coração que com a cabeça

ndeira

Benfica C. Branco, 16.

Zona Sul: Atlético - Barreirense, 2-3; União Madeira -Lusitano de Évora, 2-1; Cova da Piedade - Odivelas, 1-0; Torralta - Nacional da Madeira, 2-0; Sesimbra - Olhanense, 2-0; Estoril - Amora, 0-0; Estrela da Amadora - Montijo, 0-0; Marítimo - Campinense, 9-0. Classificação: 1.º, Marítimo, 38 pontos; 2.º, União, 33 (mais dois jogos); 3.º, Estoril, 26; 4.º, Amadora, 25; 5.º, Atlético, 24 (mais um jogo); 6.ºs, Olhanense, C. Piedade e Barreirense, 23; 9.ºs, Montijo e Torralta, 22; 11.º, Lusitano, 21; 12.ºs, Nacional e Amora, 18; 14.º, Odivelas, 17; 15.º Sesimbra, 13; 16.º, Campinense, 10 (mais um jogo).

Divisão 3

Resultados da 22.ª jornada do campeonato de futebol da 3.ª divisão. **SÉRIE A:** Esposende-Monção, 1-0; Moreirense-Montalegre, 2-0; Merelinense-Neves, 0-0; Vieira-Valdevez, 2-1; Ponte Barca-Mirandela, 0-1; Macedo Cavaleiros-Taipas, 2-0; Valenciano-Bragança, 2-0. **Líderes:** Vianense e Moreirense, 30 pontos; **SÉRIE B:** S. Martinho-Oliveirense, 1-2; Paivense-Freamunde, 0-1; Régua-Esmoriz, 0-0; Infesta-Amarante, 0-1; Vilanovense-Ovarense, 2-1; Valadares-União Lamas, 0-0; Cucujães-Trofense, 1-2. **Líder:** Freamunde, 30 pontos. **SÉRIE C:** Académica Viseu-Poiares, 4-0; Penalva Castelo-Naval, 0-2; Mealhada-Tondela, 2-0; Anadia-Gouveia, 2-0; Seia-Luso, 0-2; Santacombadense-Marialvas, 2-0; Belmonte-Viseu Benfica, 1-3; Lusitano Vildemoinhos-Oliveira Bairro, 4-1. **Líder:** Académica Viseu, 34 pontos. **SÉRIE D:** Portalegrense-Alcains, 3-0; Paroquial Fátima-Nazarenos, 1-0; Rio Maior-SL Marinha, 1-1; Almeirim-Bombarralense, 2-1; Alferrarede-União Santarém, 0-4; Guiense-União Tomar, 1-1; Lousanense-Mirense, 5-2; Nisa Benfica-Eléctrico Ponte Sor, 1-5. **Líder.** U. Santarém, 36 pontos. **SÉRIE E:** Charneca-Tires, 0-1; Águia Açores-Olivais Moscavide, 3-1; Vialonga-Oriental, 1-1; Lusitânia Açores-Vilafranquense, 3-1; Samora Correia-Almada, 1-0; Cacém-Santa Clara Açores, 1-0; SL Olivais-Campomaiorense, 3-0; Sacavenense-Marinhais, 6-1; **Líder:** Sacavenense, 35 pontos. **SÉRIE F:** Silves-Esperança de Lagos, 1-0; União Santiago-União Montemor, 1-1; Alvorense-Moitense, 2-2; Louletano-Beja, 2-2; Aljustrelense-Lusitano VR, 2-0; Estrela Vendas Novas-Vasco da Gama, 1-0; Juventude Évora-Comércio Indústria, 3-2; Quimigal-Quarteirense, 4-1. **Líder:** Juventude, 32 pontos.

Juniores

As vitórias do Benfica (no campo do Barreirense por 4-0) e a do Setúbal (nas Caldas, 1-3) são os resultados mais importantes da 4.ª jornada do campeonato nacional de juniores, disputada este fim-de-semana. Desfechos na Zona Norte: Porto - Anadia, 3-1; Braga - Leixões, 4-0; U. Coimbra - Varzim, 2-2.

Classificação: 1.º Porto, 4 jogos 7 pontos; 2.º U. Coimbra, 4/5; 3.ºs Braga, Varzim e Leixões, 4/4; 6.º Anadia, 4/0.

Zona Sul: Barreirense - Benfica, 0-4; Caldas - Setúbal, 1-3; Sporting - Nazarenos, 6-0.

Classificação: 1.º Sporting, 4 jogos 7 pontos; 2.ºs Benfica e Barreirense, 4/5; 4.º Setúbal, 4/4; 5.º Nazarenos, 4/3; 6.º Caldas, 4/0.

Festas em Coimbra

O médio Festas, que não foi feliz nas temporadas realizadas em Alvalade e Braga, firmou contrato com a Académica de Coimbra.

Adão indignado

Está em «brasa» o médio varzinista Adão, que afirma ter sido longamente conversado pelo FC Porto (onde jogou, quando júnior) e, de repente, o interesse ter adormecido. Agora, ninguém o segura em críticas ao «onze» das Antas.

Gomes vai fazendo golos mas, desta vez, não converteu o habitual penaltie...

TOTOBOLA

jogue connosco		a "chave"	
Varzim - Porto	2	CONCURSO N.º 16/85	
Sporting - Vizela	1	21 DE ABRIL 1985	
Académica - Benfica	2	Porto - Penafiel	1
Guimarães - Setúbal	1	Braga - Sporting	X
Farense - Boavista	2	Benfica - Farense	1
Salgueiros - Rio Ave	1	Portimonense - Guimarães	1
Penafiel - Braga	1	Setúbal - Académica	1
Belenenses - Portimonense	1	Boavista - Salgueiros	1
Lixa - Aves	1	Rio Ave - Varzim	X
Fafe- Leixões	X	Vizela - Belenenses	X
Elvas - Covilhã	1	Gil Vicente - Chaves	2
B. C. Branco - U. Coimbra	2	U. Coimbra - Elvas	2
Sesimbra - Olhanense	1	Barreirense - U. Madeira	1
		Amora - E. Amadora	2
		Montijo - Marítimo	X

Valor dos prémios: 67 630 290 escudos.

Benfica e Sporting trintões no andebol

A etapa derradeira do Campeonato Nacional de Andebol, logo ao abrir a página, trouxe uma curiosidade: Benfica e Sporting conseguiram mais de 30 golos nas balizas contrárias, vencendo folgadamente. Vejam-se os desfechos: Benfica, 32 - Porto, 20 e Sporting 32 -Belenenses, 23. As equipas e respectivos marcadores:

● Árbitros: Fernando Rodrigues / Joaquim Mateus (de Lisboa).

Benfica: Santa Bárbara (Prezado); José Manuel (3), Mário Gentil (5), Vasco Vasconcelos (2), João Manuel, Luís Lopes (4), Bernardo Vasconcelos (6), Rui Ferreira (4), Costa Almeida (1), Veríssimo (3) e João Gonçalves (4).

F. C. Porto: Mendonça (Rodrigo); Vítor Loreto (2), Paulo Silva (1), Falcão (2), Teté, Jorge Vieira (1), Luís Miguel (5), Armando Jorge, Jorge Humberto, Rui Ferreira (1) e Pavlovic (8).

João Gonçalves, Vasco Vasconcelos e Mário Gentil foram os benfiquistas que mais se evidenciaram, enquanto os guardiões portistas facilitaram tremendamente o trabalho dos lisboetas.

● Árbitros: Manuel Abreu e Arlindo Robim (de Setúbal).

Sporting: Carlos Silva (Pedro Miguel); Pires (5, 1 de sete metros), Hernâni (4), Miranda (4), Mário Santos (5), Carlos José (6), Areias (3), Marques (4), Franco e Fróis (1).

Belenenses: José António (Gaspar); Janeiro (3), António Mendes (1), Crespo (5), Rui Moreira (5), Caldeira (4, 1 de sete metros), Espadinha (3), Paris, Pinho, Vital (1) e Armindo (1).

Ângelo Pintado apenas aos 25 minutos viu os seus alunos (sportinguistas) passarem ao ataque (11-10), depois da lesão de Carlos Silva e ao mesmo tempo que Pedro Miguel e o Beleneneses José António rubricavam excelente intervenção, no que foram acompanhados por Hernâni, Marques, Rui Moreira, Espadinha, Caldeira, Carlos José, Pires e Crespo.

A 2.ª ronda desta fase final efectua-se no domingo, com os jogos Benfica - Sporting e Porto - Belenenses.

Sporting: triunfo perante o novo Belenenses de António Cascais

Até Madrid, em 1986

I Jogos Ibéricos de Jornalistas: um êxito

Os 1.ºs Jogos Ibéricos de Jornalistas, organizados pelo Clube de Jornalistas, terminaram ontem em Tróia com um almoço de confraternização que reuniu cerca de 300 profissionais da Informação de Portugal e de Espanha.

Durante três dias, jornalistas dos dois países defrontaram-se, nos campos e nos bares, em várias modalidades desportivas e não só. Com o bom tempo que se fez sentir muitos dos «atletas» aproveitaram igualmente para melhorar o «bronze» — uns nos intervalos, outros depois de serem eliminados, outros ainda mesmo durante as competições.

A delegação espanhola, com cerca de 130 elementos (15 vieram de Barcelona), dominou a maioria das modalidades: futebol de onze (Madrid), basquetebol, ténis, ténis de mesa, golfe, xadrez e os 100 e 200 metros masculinos.

Por sua vez os portugueses, no seu estilo habitual nestas e noutras coisas, ganharam o futebol de cinco («NP»), a natação (Pedro Oliveira) e, claro, a pesca (José Cruz). No atletismo ficámos com a parte de leão: os 400, 800 e 1500 metros foram para o esforçado Norberto Santos, da «NP», que sob a orientação de sua mulher, se deitou sempre cedo, não bebeu álcool, não fumou, mas correu que se fartou durante as provas e nos intervalos; os 5000 e os 10 000 foram direitinhos para o Manuel Dias, do «DN», mais conhecido pelo Carlos Lopes dos jornalistas; o salto em comprimento, os 200 e 400 metros femininos pertenceram à Teresa Monserrat, de «A Capital»; os 100 metros femininos a Margarida Gomes (Anop, Porto) e o salto em altura a Leonor Morena, do «Comércio do Porto».

O grande mestre soviético de xadrez participou também numa simultânea com 14 jornalistas portugueses e estrangeiros, que, pela rapidez com que se concluiu, foi apelidado de «instantânea».

Além da parte desportiva os 1.ºs Jogos Ibéricos de Jornalistas incluíram uma sessão musical, que teve a participação de Amélia Muge e de um «cantante-periodista» espanhol, e um colóquio sobre a imagem de Portugal em Espanha e vice-versa.

Eloy Castanhares, secretário-geral da Union de Periodistas de Madrid anunciou a realização da II Edição dos Jogos Ibéricos para Abril/Maio do próximo ano.

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO

COMERCIALIZAÇÃO DE FOGOS

Para os devidos efeitos se torna público que estará aberto **CONCURSO POR SORTEIO**, em conformidade com o Decreto Regulamentar n.º 50/77, de 11 de Agosto, pelo prazo de 15 dias (desde 15 a 29 de Abril), para atribuição por venda, de 1 fogo-T2, sito Rua da Fonte, n.º 1 — 2.º Esq.º S. Sebastião de Guerreiros — Loures, pelo preço de 2 190 946$00.

1. O pedido de admissão ao sorteio é feito mediante requerimento dirigido ao Sr. Presidente da Câmara, acompanhado de documento comprovativo do pagamento da caução de 5%.
2. Os concorrentes devem possuir rendimento mensal por cabeça de valor situado dentro dos limites mínimos e máximos previstos no quadro seguinte e definidos em função do salário mínimo mensal.

N.º de pessoas do agregado familiar	Rendimento mínimo mensal (percapita)	Rendimento máximo mensal (percapita)
1	28.800$00	76 800$00
2	19.200$00	48.000$00
3	15.360$00	33.600$00
4	13.824$00	28 800$00
5	11.520$00	24.000$00
6	10.560$00	23.040$00

3. O Programa do Concurso donde constarão todas as condições respeitantes ao mesmo estará afixado nos Serviços Municipais de Habitação desta Câmara onde poderá ser consultado dentro das horas normais de expediente.

Loures, 9 de Abril de 1985 **O Vereador do Pelouro**
Duarte Nuno Alves Clímaco Pinto

Serviço de Informações e Relações Públicas (tel. 983 00 12)

AUTOMÓVEL CLUB DE PORTUGAL

GP PORTUGAL FÓRMULA 1

DIAS 19·20·21 DE ABRIL DE 1985

BILHETES

Bancadas	Sexta·Sábado	3 Dias	Domingo
A	5.600$00	12.000$00	9.000$00
B		7.500$00	
C	4.200$00	11.000$00	7.000$00
D	3.000$00	6.500$00	5.000$00
E	3.000$00	6.500$00	5.000$00
E	900$00	1.900$00	1.500$00
F	3.600$00	7.800$00	6.000$00
GERAL SUL	2.000$00	4.000$00	3.000$00

PREÇO ESPECIAL PARA SÓCIOS 7 500$00

À VENDA NO AUTOMÓVEL CLUB DE PORTUGAL, SEDE, SRN E DELEGAÇÕES:

LISBOA — Rua Rosa Araújo, 49
PORTO — Rua Gonçalo Cristovão, 2
COIMBRA — Av. Navarro, 6
AVEIRO — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 89/D
BRAGA — Av. da Liberdade, 466 — 1.º Dt.º
FARO — Pç. D. Francisco Gomes

PONTA ESQUERDA

Musgueira: agressão a técnico casapiano

Vergonha: no campo da Musgueira, durante o jogo de futebol entre o Águias e o Casa Pia, a contar para o campeonato lisboeta de reservas, o treinador casapiano Vítor Cóvoas foi agredido por um improvisado fiscal-de-linha (anteriormente recrutado na assistência) tendo de ser hospitalizado com graves lesões que implicaram intervenção cirúrgica na manhã de ontem.

Árbitro agredido em Lisboa

O árbitro Manuel António Correia foi agredido no decorrer do encontro de futebol entre o Hóquei Clube de Portugal e o Grupo Desportivo do Castelo, a contar para o «Regional» de Lisboa da III Divisão, disputado no campo do Hóquei Clube, na Avenida do Brasil.

Manuel António Correia tede de ser evacuado do recinto e transportado numa ambuância aos hospitais civis onde o ferimento foi suturado. O autor da agressão, na versão da Associação Portuguesa de Árbitros, foi um jogador da equipa do Castelo que fora expulso na primeira parte do jogo e dado existirem testemunhas do ocorrido o organismo representativo dos árbitros vai apresentar queixa em tribunal.

Hoje em Odivelas: o adeus a José Carlos

Realiza-se hoje pelas 16 horas em Odivelas o funeral do futebolista do Sporting da Covilhã, José Carlos Gonçalves, que faleceu na passada sexta-feira vítima de um acidente de viação entre a Guarda e a Covilhã no qual ficou ferido o seu companheiro de equipa Rui Silva que ainda se encontra internado numa unidade hospitalar de Coimbra.

O malogrado e jovem futebolista que começou a sua carreira no Sporting Clube de Portugal era casado e deixa órfão o pequeno Bruno de ano e meio.

À família de José Carlos e ao Sporting Clube da Covilhã, o «DL» apresenta os mais sentidos pêsames.

Motociclismo: acidente em Imola

O campeão italiano de motociclismo Lorenzo Ghiselli foi transportado em coma para o hospital de Bolonha, depois de ter caído durante uma prova do campeonato de 500 cc realizada em Imola. Médicos descreveram o estado de Ghiselli como grave, em consequência de fracturas na cabeça e no corpo. A queda da Ghiselli (numa Suzuki) aconteceu no mesmo ponto onde há dois anos perdeu a vida outro motociclista italiano, Guido Pace.

Cena que se repete: corrupção na Bélgica

A Federação Belga de Futebol decidiu abrir um inquérito a um caso suspeito de corrupção no Campeonato da Primeira Divisão.

A atitude da federação surge na sequência de uma queixa apresentada pelos dirigentes do F. C. Malines contra a equipa do Beerschot, durante o encontro entre os dois clubes disputado recentemente.

Boavista "apoia" Sporting

O presidente do Boavista, Valentim Loureiro, manifestou a disponibilidade da equipa de futebol do seu clube em defrontar o Sporting em Lisboa ou noutro local, a propósito de lançamento do novo grupo de solidariedade sportinguista «Leões de Portugal» pretendendo dessa forma manifestar o seu apoio a uma iniciativa que pretende apoiar a juventude e a terceira idade do clube de Alvalade.

Basquetebol: Porto falhou pelo Sul

O FC Porto teve uma dupla jornada negra no Nacional de Basquetebol da 1.ª Divisão (Série A), perdendo os dois desafios disputados este fim-de-semana no Barreiro e em Queluz, enquanto o Benfica venceu o Olivais. No sábado, a equipa portista, que dispunha de vantagem sobre o Benfica, foi derrotada folgadamente pelo Barreirense (93-79) e ontem perdeu frente ao Queluz por apenas dois pontos (81-79) os bastantes para o manter no 1.º lugar mas sem vantagem sobre a equipa da Luz.

O Benfica, que viu adiado para ontem o desafio com o Olivais, encontrou inesperadas dificuldades para levar de vencida a equipa classificada em último lugar. No termo do tempo regulamentar os dois «cinco» estavam empatados a 97 pontos, superiorizando-se o Benfica com facilidade no prolongamento (99-103). Para o Queluz, o fim-de-semana foi proveitoso: vitórias sobre o Sangalhos (a quem acabou por ultrapassar na tabela classificativa) e sobre o FC Porto. Respectivamente: 84-76 e 81-79.

As duas vitórias do Barreirense (93-79 sobre o Porto e 104-90 perante o Sangalhos) permitiram-lhe aproximar-se dos dois da frente, reduzindo de seis para quatro o número de pontos em atraso.

Classificação: 1.º FC Porto, 52 pontos/29 jogos; 2.º Benfica, 51/29; 3.º Barreirense, 47/29; 4.º Queluz, 45/29; 5.º Sangalhos, 45/29 e 6.º Olivais, 40/29.

Resultados da Série B: Belenenses, 70-Sanjoanense, 67; Belenenses-Ovarense, 75-61 e Illiabum-Ginásio Figueirense, 52-76.

Classificação: 1.º Ginásio, 41 pontos/28 jogos; 2.º Ovarense, 40/28; 3.º Illiabum, 38/28; 4.º Sanjoanense, 36/27 e 5.º Belenenses, 33/27.

Nosso hóquei avança na Europa

Foi bastante agitado, especialmente em matéria de resultados, o fim-de-semana vivido no hóquei em patins. Começando pelo campeonato nacional, destaque soberano para o êxito da Oliveirense nas Antas (batendo o Porto por 6-5). Outros desfechos intercaseiros: Famalicense, 5 - Sporting de Tomar, 2; Oeiras, 3 - Académica da Amadora, 5; Sesimbra, 8 - Paço de Arcos, 3 e Cascais, 11 - Belenenses, 2. O embate Turquel - Sanjoanense efectua-se a 27 do corrente, em Alcobaça. A tabela pontual está assim:

	J	V	E	D	G	P
FC Porto	24	20	3	1	171- 83	67
Sporting	24	20	1	2	148- 65	67
Cascais	24	16	2	6	120- 87	58
Sanjoanense	23	16	1	6	122- 74	56
Sesimbra	24	12	1	11	132-117	49
Juv. Viana	24	11	2	11	108-113	48
Sp. Tomar	24	11	2	11	115-132	48
Oliveirense	24	10	3	11	93- 95	47
Paço de Arcos	24	11	1	12	113-123	47
Benfica	24	9	3	12	142-140	45
Ac. Amadora	24	9	2	13	121-124	44
Famalicense	24	9	2	13	79- 88	44
Belenenses	24	7	1	16	111-174	39
Turquel	23	6	0	17	80-125	35
Valongo	24	4	3	17	75-124	35
Oeiras	24	5	1	18	84-149	35

Mas as grandes jornadas viveram-se em termos internaconais; com três equipas portuguesas envolvidas na disputa da Taça CERS. A história da 1.ª «mão» ficou assim: Fontennay (França), 1 - Juventudo de Viana, 7; Sanjoanense, 7 - Moenchengladbach (RFA), 3 e Benfica,9 - Lodi (Itália), 3. As turmas do nosso país alinharam e marcaram do modo seguinte:

● Juventude de Viana: Fernando Almeida, Luís Nuno (2), Pedro, Paulo Viana (1), Almas (1), Jão Pedro (3), Toni e Costa.

● Sanjoanense: Reis, Gentil (1), Lima (2), Zeca, (3), Miguel (1), Gil e Paulo Castanheira.

● Benfica: Vítor Silva, Hernâni (2), Rodrigues (1), Rocha (3), Garrido e José Virgílio (3).

No due lo disputado no pavilhão do Estádio da Luz, as notas dominantes: boa presença dos juízes de baliza portugueses (Jorge Pauleta e Climério Ferreira), excelente actuação benfiquista (como que a «limpar a onda» da época menos feliz que tem realizado no «nacional»), apoio muito decidido do público ao «cinco» da águia que, sem destaques pessoais, brilhou pelo conjunto comandado por José Casimiro. Uma saliência: Vítor Rosado, que esta temporada joga pelo clube italiano (e conseguiu um golo) foi o melhor elemento do seu bloco.

Benfiquistas golearam italianos

MODALIDADES

Ténis

Patrícia Valdas, (Clube da Escola de Ténis de Oeiras) e Bernardo Mota 1.º do Clube de Ténis do Jamor, ganharam, no Estádio Nacional, as duas últimas finais do 1.º Torneio «Triudus», competição organizada pela «Editénis» com o apoio da revista «Ténis Magazine»

Xadrez

O xadrezista soviético Mark Taimanov efectua esta noite a sua última partida em Portugal defrontando numa simultânea 20 xadrezistas na Câmara Municipal da Amadora. Taimanov irá defrontar 20 xadrezistas com idades compreendidas entre os 14 e 23 anos, incluindo duas jogadoras. Na simultânea realizada sábado na Associação de Amizade Portugal - União Soviética ganhou 30 partidas, empatou três e perdeu uma para Alfredo Gouveia.

Bilhar

O Benfica afastou os alemães-federais do Berolina Berlim na 1.ª eliminatória da Taça dos Campeões Europeus de Bilhar ao repetir o triunfo (3-1) de sábado. Os benfiquistas, com um total de 6-2, conquistaram o direito de defrontar na segunda eliminatória os espanhóis do Barcelona em data a combinar entre os dois clubes. O Benfica esteve representado por Luís Santana, Sérgio Lenz, Mário Machado e Mário Ribeiro.

Esgrima

Roberto Durão, Sporting, ganhou a prova de esgrima do Nacional da Primeira e Segunda Categorias que decorreu na Associação Cristã da Mocidade, classificando-se a seguir José Madeira (Ateneu) e António Cardoso (Grémio).

O Nacional da Terceira Categoria, que reuniu 12 atiradores, foi ganho por José Sabo, do Sporting.

Halterofilia

Raul Dinis bateu o recorde nacional absoluto do arremesso na categoria de 56 quilos ao levantar 123,5 quilos na Taça Aniversário em Halterofilia.

Paulo Duarte (Sul) na categoria de 67,5 quilos, com 120 no arranco, 145 no arremesso e 265 quilos no total estabeleceu três recordes de juniores; Paulo Frade (Sul), na categoria de 75 quilos, com 145 quilos no arremesso bateu o recorde nacional de juvenis; Francisco Coelho (Centro) foi o halterofilista com a melhor pontuação, 355 pontos, seguido de Paulo Duarte (Sul), com 347, e de Carlos Alves (Sul), com 340 pontos.

JUNTA DE FREGUESIA DE CAPARICA

EDITAL 4/85

ABRAÚL GOMES AUGUSTO, presidente da Junta de Freguesia de Caparica, faz público que, de acordo com o regulamento dos Cemitérios, serão exumados (LEVANTADOS) no Cemitério do Monte de Caparica, a partir do dia 6 de Maio de 1985 os seguintes covais:

1.ª Secção N.º 48
2.ª Secção N.ºs 19 e 148.
3.ª Secção N.º 102.
4.ª Secção N.º 182.
5.ª Secção N.º 140.
7.ª Secção N.ºs 50; 57; 69; 128; 205; 211; 234; 253; 295; 296; 323; 326; 342; 343; 353; 505.
8.ª Secção N.ºs 99; 117; 126; 136; 137; 207; 227; 252; 254; 262; 274.
9.ª Secção N.ºs 10; 17; 18; 29; 41; 65; 68; 72; 81; 94; 116; 117.
10.ª Secção N.ºs 7 e 95.
11.ª Secção N.ºs 8; 47; 61
12.ª Secção N.ºs 8; 32; 48; 49; 55; 87; 106; 115; 116; 132; 133; 145; 157; 159; 162; 165; 191; 259; 263; 267.
13.ª Secção N.ºs 196; 269; 317; 321.
14.ª Secção N.ºs 3; 24; 43; 44; 66; 71; 73; 80; 97; 100; 120; 127; 130; 134; 142; 150; 157; 162; 163; 170; 184; 208; 216; 221; 222; 237; 245.
15.ª Secção N.ºs 64; 77; 180; 181; 224; 235; 276.
16.ª Secção N.ºs 6; 12; 18; 19; 42; 76; 121; 145.

Pelo que ficam avisados os RESPONSÁVEIS DAS SEPULTURAS acima mencionadas de que DEVEM PROCEDER AO RESPECTIVO LEVANTAMENTO dirigindo-se à secretaria do Cemitério, de 2.º a 6.ª-feira, das 8 às 12 horas ou das 14 às 17 horas.

Caso não compareçam, a Junta de Freguesia procederá aos levantamentos a partir de 6 de Maio de 1985, e os restos mortais serão trasladados para a VALA de acordo com o regulamento em vigor.

Caparica, 4 de Abril de 1985 **O Presidente** *Abraúl Gomes Augusto*

Paulo Ferreira e o Sporting venceram na pedalada

O ciclista Paulo Ferreira, do Sporting, venceu a prova Francisco Duarte Prego, cobrindo os 148 quilómetros do percurso em quatro horas, um minuto e 37 segundos, a média horária de 36,752 quilómetros.

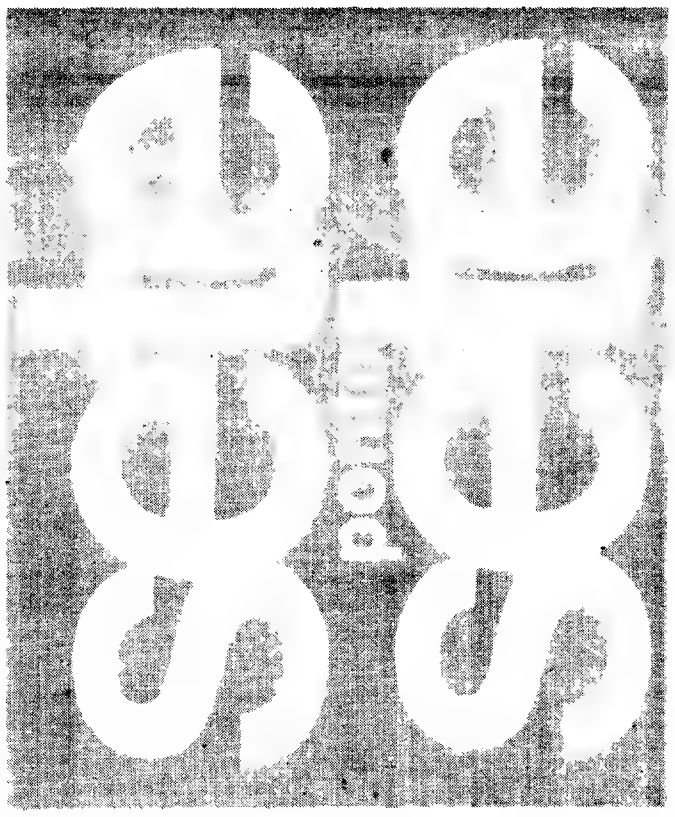
Na segunda posição classificou-se José Poeira, do Lousa e o terceiro lugar foi para Carlos Marta, do mesmo clube.

Classificação da prova de profissionais: 1. Paulo Ferreira, Sporting, 4.01,37; 2.º José Poeira, Lousa; 3.º Casrlos Marta, Lousa; 4.º Alexandre Ruas, Sporting; 5.º Carlos Ferreira, Lousa; 6.º Manuel Cunha, Lousa; 7.º Marco Chagas, Sporting; 8.º António Alves, Sporting; 9.º Benjamim Carvalho, Loua, (todos com o mesmo tempo) e 10.º Eduardo Correia, a 9 segundos.

«GP» de Loures

O VI Grande Prémio de Ciclismo de Loures vai estar na estrada de 18 a 20 de Abril. A prova, primeira por etapas do calendário da época de 85 da Federação Portuguesa de Ciclismo é organizada pelo Grupo desportivo de Lousa, com o apoio da Câmara Municipal de Loures e está integrado nas comemorações do 11.º aniversário do 25 de Abril, que decorrem em todo o concelho entre os dias 18 e 28 deste mês.

Etapas: a primeira etapa terá lugar no dia 18, com partida às 9 horas, entre Bucelas e Pontinha. A segunda terá lugar no mesmo dia, pelas 17 horas, efectuada no circuito Odivelas-Bairro Codivel. No dia 19, pelas 15 horas, terá lugar a 3.ª etapa, entre St.º António dos Cavaleiros e Camarate. No dia seguinte a 4.ª etapa com início às 9 horas, será o circuito da Portela de Sacavém, por séries. A partir das 16 horas decorrerá a quinta e última etapa em contra-relógio individual, no percurso Loures-Loures.



As cartas para Caetano

Curiosíssima polémica esta que se gerou em torno da edição, pela Dom Quixote, das «Cartas particulares a Marcelo Caetano», polémica que constitui, igualmente, a melhor e mais barata campanha de lançamento que uma editora pode desejar para um livro seu. E de tal modo parece estar em questão a liberdade individual de escrever ao Príncipe, nesta polémica, que o seu objecto se desvanece e é substituído: a avaliar pela soma de depoimentos e de opiniões publicadas a este respeito pelos jornais, o que se pretende discutir é sobretudo a legitimidade do gesto autorizador da família de Caetano — como se fosse isto, nesta história, que interessasse.

Que quem escreveu ao Príncipe não suporte assumir agora as suas cartas, reclamando o direito ao sigilo da correspondência, eis o que não deixará de fazer sorrir qualquer curioso diante de quem a polémica passa. E que já se pretendam apurar responsabilidades em tribunal para fazer pagar aquele que permitiu que se transformassem em factos do mundo as cartas até agora fugitivas, eis algo que assusta: mais uma vez, pretende-se, com a lei, assegurar uma espécie de impunidade moral que se sente violada.

Coleccionar as cartas e fazer pela sua publicação é talvez um gesto oportunista. Mas defender que elas deveriam manter-se «inexistentes» é agora pior que isso: é pretender preservar um direito que talvez se não tivesse. É um facto de interesse público que Fulano tenha escrito a Caetano? Depende. Só conhecendo o teor da sua carta cada um poderá ajuizar. Cada um de nós, os que pretencemos ao imenso clube dos que não escreveram nunca a Caetano.

J.M.

José Mattoso conta a História que faz

Pág. 20 a 23

José Mattoso conversando, em sua casa, com Rui Eduardo Paes: um ritmo sereno e equilibrado. Ioga diariamente, mas também cachimbo e whisky...

Fotos de Francisco Paraíso

Mudança vigiada do discurso na Imprensa

João Mendes

A censura prévia continua a ser hoje evocada por jornalistas que com ela tiveram de viver, em alguns casos durante dezenas de anos. Essa evocação realiza no caso português uma dupla performance: por um lado, constitui-se como repetição de um exorcismo tido como eficaz, celebra metonimicamente a mudança de regime e manifesta negativamente o desejo de uma identidade mal conhecida, a do "jornalista liberto da censura". Por outro lado, e curiosamente, a evocação é ela própria censurante, na medida em que nos impede de tomarmos conhecimento de que a censura prévia, essa "inícua polícia do espírito", não é o único modelo de censura.

Na melhor das hipóteses, o novo riquismo democrata que predomina hoje entre os agentes da informação define como heranças da censura prévia certos comportamentos preponderantes da hierarquia corporatista do sector, e, agregando-os por semelhança, certos abusos do mecanismo de exclusão na seleção do que é noticiável. Este último aspecto leva, por aproximação, à crítica, formulada geralmente em termos éticos, da ordem internacional da informação, hegemonizada por um número muito limitado de empresas.

Hoje é de bom tom, entre os profissionais da informação, exibir uma consciência relativamente clara destes últimos factos. Mas parecem pertencer ao domínio do desconhecido outros factos que relevam igualmente do censurante e que integram a própria estrutura da informação: eles dizem respeito, por um lado, à natureza do texto noticioso, e por outro, à lógica a que obedece, através de sucessivos actos de sujeição voluntária e assumida, cada experiência jornalística globalmente considerada (um novo jornal que se cria, por exemplo).

Refiro-me ao desejo de censura que marca, em cada neófito, a entrada no universo sobrecodificado dos produtores de informações, à lenta e persistente legitimação de um conjunto de normas e de obrigações narrativas interiorizada por cada profissional ao longo da sua experiência, e à esmagadora sedução que a imitação dos códigos dominantes significa para cada redacção (entendida no sentido técnico de conjunto de jornalistas trabalhando com vista à reprodução de determinado orgão de informação).

Vale a pena reflectir - desenvolvendo esta última referência sobre o que a organização de conteúdos de uma edição, do ponto de vista das sua partes componentes e do ponto de vista da ordem da "entrada em cena" destes, significa de adesão voluntária a uma norma, empiricamente tida como inamovível e suposta satisfazer um quadro constante de necessidades de informação:

Chamamos **quadro editorial**, exactamente, ao modo como cada jornal (tomemos apenas, para simplificarmos os objectos em análise, os diários e os semanários) escolhe e designa os seus conteúdos, os

Continua na pág. 20

José Mattoso

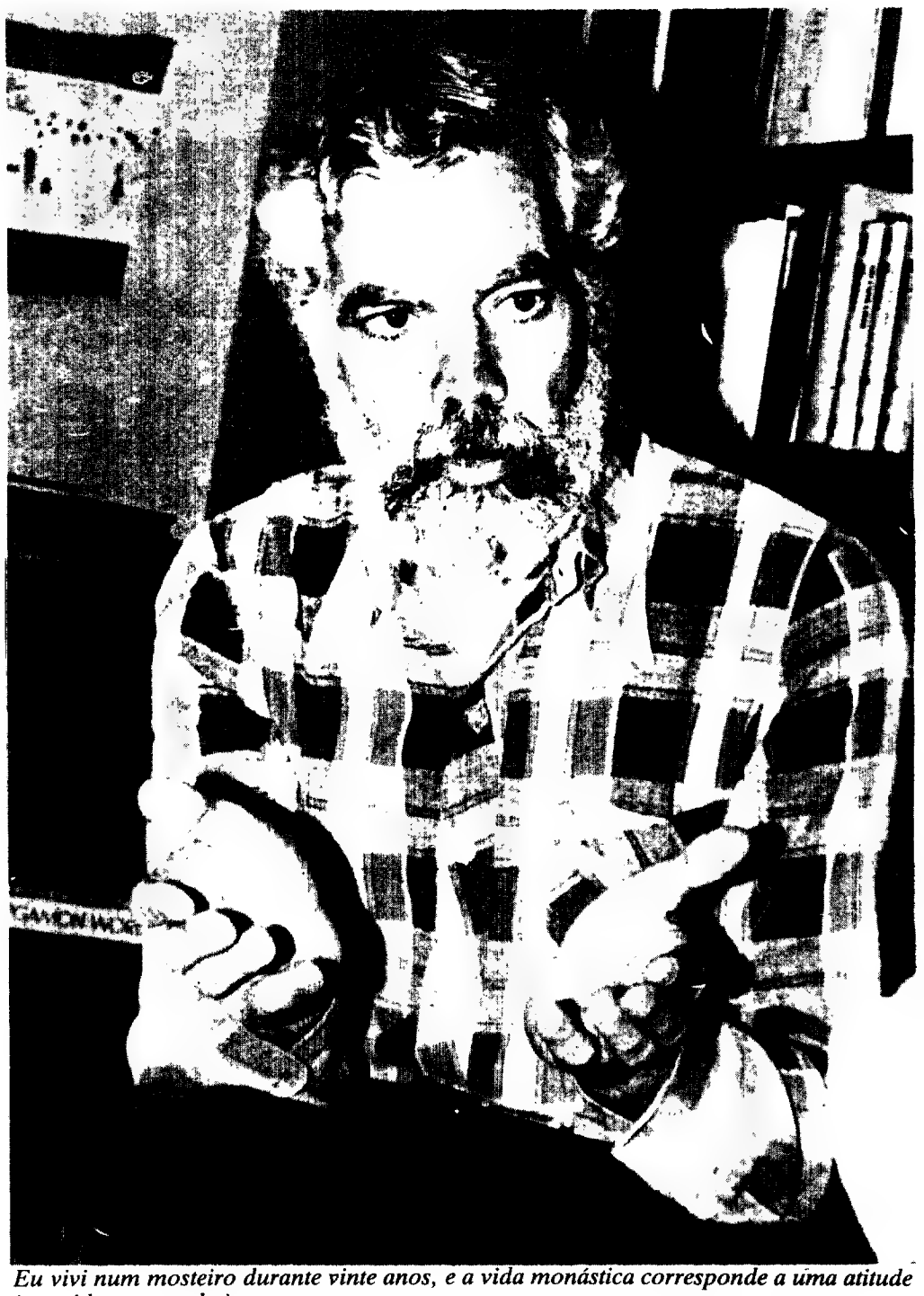
A História interessa ao dia de hoje

Saiu há cerca de duas semanas um novo livro seu, onde se reúnem textos que escreveu para revistas da especialidade ou para opúsculos universitários, conferências proferidas por si e intervenções em congressos de História. À súmula feita deu José Mattoso o título de «Portugal Medieval — Novas Interpretações» (Imprensa Nacional). A esse propósito mantivemos uma agradável conversa em sua casa, na Parede, da qual se dá aqui testemunho.

Rui Eduardo Paes

José Mattoso, investigador em história da Idade Média e ainda em História da Igreja, professor na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, é um homem que se pode caracterizar pela placidez, vivendo em um ritmo sereno, equilibrado, com o subtil sentido da harmonia. Levanta-se cedo, pratica yoga diariamente, e de seguida mete-se ao trabalho, no qual tem uma capacidade criativa imensa, horas e horas da aplicação metódica.

Cultiva um certo ascetismo vivencial, com uma alimentação frugal e os pequenos prazeres medidos, o cachimbo ou o whisky naqueles momentos em que se rodeia dos muitos amigos. O seu estado de espírito é de geral contenção; raramente o vi com alguma alteração de temperamento. Uma não esqueço: o seu entusiasmo depois de ter lido «O Nome da Rosa» de Umberto Eco.



Eu vivi num mosteiro durante vinte anos, e a vida monástica corresponde a uma atitude à partida contemplativa

Foi monge em tempos, desde então guardando como que um alerta maravilhado em relação à vida, depois amou uma mulher e dela tem agora três filhos: são uma família especial.

Não acredita no «comprometimento» do intelectual, assinou o Documento dos 199 que deu origem ao MAD mas ficou com a sua intervenção política por aí. A sua atitude contemplativa perante a vida, que trouxe do mosteiro, é, como me diz, «aversa à atitude de militância». No entanto está particularmente activo no seio do Centro de Reflexão Cristã, onde desenvolve uma actividade que considera estimulante.

O modo de ser e estar de José Mattoso vai influenciar a sua forma de conceber a História. Disse-me ele, há uns dias atrás: «Mantenho a ideia de que a História , enquanto História escrita, enquanto revelação do passado humano, só pode ser uma arte. E uma arte por transmitir o conhecimento do passado em termos compreensíveis, expressos de uma forma esteticamente válida, por meio de formas simples e claras. Ela é uma ciência no sentido de que é necessária a utilização de operações exactas e das chamadas ciências auxiliares da História ou das técnicas de organização do material. Só que a História não é só o estabelecimento de uma série de dados e o seu ordenamento; a História é, de facto, um discurso histórico, uma explicação das linhas, dos mecanismos que organizam todos esses dados.»

E sobre o mesmo acrescentou: «Eu vivi num mosteiro durante vinte anos, como tu sabes, e a vida monástica corresponde a uma verdadeira atitude perante a existência, uma atitude à partida contemplativa, de apreensão dos aspectos sedutores do real, e aí aconteceu uma concentração em mim mesmo de modo a apreender esse real. Mas a apreensão não é apenas do momento presente, é também do que está para trás, e a minha experiência pessoal diz-me que a racionalização, a expressão da maneira como conheço esse real passado é muito importante, porque me ajuda a compreender a realidade segundo a sua totalidade. Quer dizer: quando eu assisto ao que se passa hoje e vejo a relação que isso tem com o que se passou ontem percebo que as coisas foram de alguma maneira assim, há dois mil anos, agora, amanhã. Isto é algo de extremamente pessoal, entre mim e a realidade, mas o que aconteceu de facto na minha vida foi ter-me dado conta de que a maneira como eu exprimia o conhecimento da História interessava para o dia de hoje.»

Esta forma muito pessoalizada de conceber o seu trabalho implicaria necessariamente uma deslocação de termos em relação aos estabelecidos na prática histórica. Por exemplo, em relação ao marxismo. Neste plano inclusive alguns equívocos se geraram com colegas seus, como é o caso de Borges Coelho: na recente reedição do seu livro sobre a revolução de 1383, este historiador marxista opõe-se ao facto de José Mattoso ter afirmado algures que não tinha existido luta de classes na Idade Média. Ao conversar com ele, disse-me que o que na altura tinha afirmado era que na Idade Média não tinha havido luta de classes tal como por tal se entendeu no século XIX. «O que me separa da concepção

Continua na pág. 21

O jornalista aprende a escrever para a Imprensa

hierarquiza e os apresenta em página. O quadro editorial de um jornal exprime, assim e a um tempo, o que para si fundamentalmente constitui o real noticiável, e o seu modo específico de o conceber enquanto "montagem de atracções". Não confundamos quadro editorial com maquette: esta resolve expressões gráficas, não selecciona conteúdos. E se uma maquette exclui conteúdos, o que pode acontecer em jornais rigidamente organizados do ponto de vista gráfico, esse "defeito" não lhe é imputável: o erro deve-se nesse caso à incapacidade dos responsáveis de **obrigar** a maquette a adaptar-se aos imprevistos que **furam** a norma do quadro editorial.

O paradigma do quadro editorial é, por exemplo, uma figura composta de **opinião nacional, fait-divers nacionais, política internacional, fait-divers internacionais, ensino e educação, saúde, desporto, economia, questões sociais envolvendo trabalho e sindicalismo, cultura, espectáculos, passatempos...** Esta partilha da realidade, geralmente explícita, tem funcionado como matriz de satisfação de necessidades supostas (o jornal julga saber que o leitor espera ser informado de modo contínuo sobre estes diferentes items), e mostra uma grande capacidade de resistência à mudança.

Esta série não se pretende exaustiva, nem dá, obviamente, conta da variedade de conteúdos que um leitor habitual de imprensa encontraria ao inventar "secções" do seu jornal. Mas ela significa a norma: ela exprime, na imprensa "de grande expansão", um modelo de sedimentação da aventura jornalística que se afirma capaz de subsumir as componentes do real noticiável de modo "total".

Ora, o facto para que vale a pena chamar aqui a atenção é o de que este real "totalmente" contado não resulta senão de uma soma de partes empírica e arbitrariamente escolhidas para formarem, justapostas, um simulacro de totalidade.

Ao seleccionar o real que vai narrar, e ao escolher o modelo narrativo em que o vai exprimir, um jornal - ou mais precisamente, quem nele detém a responsabilidade editorial - reduz a infinitude de realidades e de significações a um pequeno conjunto que as representa. Este trabalho produz um sem número de exclusões, e comporta uma censura permanente. Ele é vivido como "natural" e "inevitável": a naturalidade e a inevitabilidade desculpabilizam e legitimam. O jornal pode calar sem pecado. Uma das suas lutas constantes consiste, aliás, na conquista - sempre inacabada - do direito à auto-absolvição sem arrependimento.

Mas este movimento é solidário do que é efectuado pelo jornalista no seu trabalho individual: a tirada de notas, a selecção dos materiais recolhidos, e finalmente e sobretudo as normas obrigatórias de construção da narrativa noticiosa, exprimem a situação contraditória de um sujeito da enunciação orientado pela vontade de verdade, por um lado, e por modelos de eficácia comunicativa que só obedecem à sua própria lógica, por outro.

Com efeito, a experiência continuamente vivida por qualquer profissional da informação que, observado um acontecimento complexo e ouvidas fontes de informação subsidiárias, selecciona as suas notas e se prepara para produzir um texto disciplinado e coerente do ponto de vista dos objectivos da comunicação, significa para ele a adesão voluntária a uma determinada ordem discursiva institucionalmente imposta. É por isto que se torna legítimo falar, a respeito deste movimento, de um "desejo de censura": o produtor de informação constrói um texto violentamente condicionado por uma estrutura suposta eficaz na "recondução do efeito de realidade". Sabe que não deverá escapar - e não deseja escapar - ao modelo universalmente venerado do lead e da pirâmide invertida. Suprimirá todos os dados susceptíveis de desviar o futuro leitor do conjunto de elementos narrativos "essenciais". Mas, melhor e mais importante, só redigirá frases curtas, preferirá os sinónimos com menor número de caracteres, reduzirá o seu vocabulário às significações de base da sua língua materna (pôde assim falar-se, a propósito das normas de redacção de um conhecido jornal de Paris, do "francês das mil palavras"), abolirá do seu texto toda a polissemia, preferirá o ponto final e a vírgula a formas mais complexas de pontuação, produzirá - mesmo artificialmente - parágrafos destinados a decompor em curtos "tempos" a sucessão de movimentos de leitura. Com o tempo, e com a sedimentação de algumas turbulências iniciais, ele saberá usar ou evitar a palavra que "enche" ou que "esvazia" o real narrado, de acordo com uma segunda adesão, mais explicitamente ideologizada, às vantagens do império do senso-comum.

Um sem número de vozes, na rede anónima do jornalismo internacional, pontificam a seu favor. As regras que o neófito interiorizou ao longo de uma deriva empírica de iniciação tão ampla e notoriamente **reconhecidas** como únicas. A instituição genérica do jornalismo internacional é caucionada por um grande número de "sociedades de discurso" que policiam e regulam, benevolamente, o exercício da produção profissional de textos informativos. Estas sociedades - que em alguns casos, como o português, são substituídas pela própria associação sindical do sector - ocupam o lugar das "Ordens" que autorizam e regulam o exercício de certas profissões liberais: médicos, advogados, engenheiros conhecem esta mesma figura institucional que, de modo mais ou menos autoritário, legitima a intervenção profissional.

Continua na pág. 21

Houve luta de classes na Idade Média?

Continuação da pág. 20

marxista da História é nela as soluções já serem conhecidas à partida, num esquema que pode facilmente levar a forçar a realidade histórica», acrescentou, frisando no entanto que considera o modelo analítico do marxismo útil.

E concluiu por considerar que nem tanto o separa de historiadores como o próprio Borges Coelho, com quem compartilha uma mesma fundamental preocupação pelos contextos materiais.

A mesma distinção se passará em relação a outros dois pontos: um muito usual recurso à Antropologia e à Sociologia, que diz levá-lo «a descobrir outros aspectos novos à História», mas que ele enquadra numa orientação actual da investigação histórica, e por outro lado, ligado a este primeiro aspecto, como que um prolongamento da ideia de tempo longo de Braudel ao estruturalismo de nomes como Lévi-Strauss e Michel Foucault, criticando porém o «antipersonalismo» deste último , por descentrar do homem o processo histórico: «Há determinados fenómenos que têm uma certa permanência, e são esses fenómenos que mais me interessam.»

Passámos então a falar do livro que agora saiu a público, e aproveitei para o interrogar sobre a questão das «novas interpretações», uma necessidade que tem sentido no seu trabalho: «Na História medieval ainda se recorre muito a Alexandre Herculano, e do que ele escreveu pouco foi revisto, continuando-se a partir da interpretação de Herculano como se não tivesse havido renovação historiográfica. Um segundo aspecto é que a historiografia medieval portuguesa está excessivamente influenciada pela escola jurídico-institucional, na qual se estudava os textos normativos como se eles fossem representativos da realidade. Um outro aspecto ainda é que se estudou sempre a História de Portugal como um todo, sem se fazerem as necessárias distinções e considerando-se significativas para um espaço humano fontes que o eram para outro. Para além disso, penso que não tem havido uma revisão suficiente dos problemas da História portuguesa.»

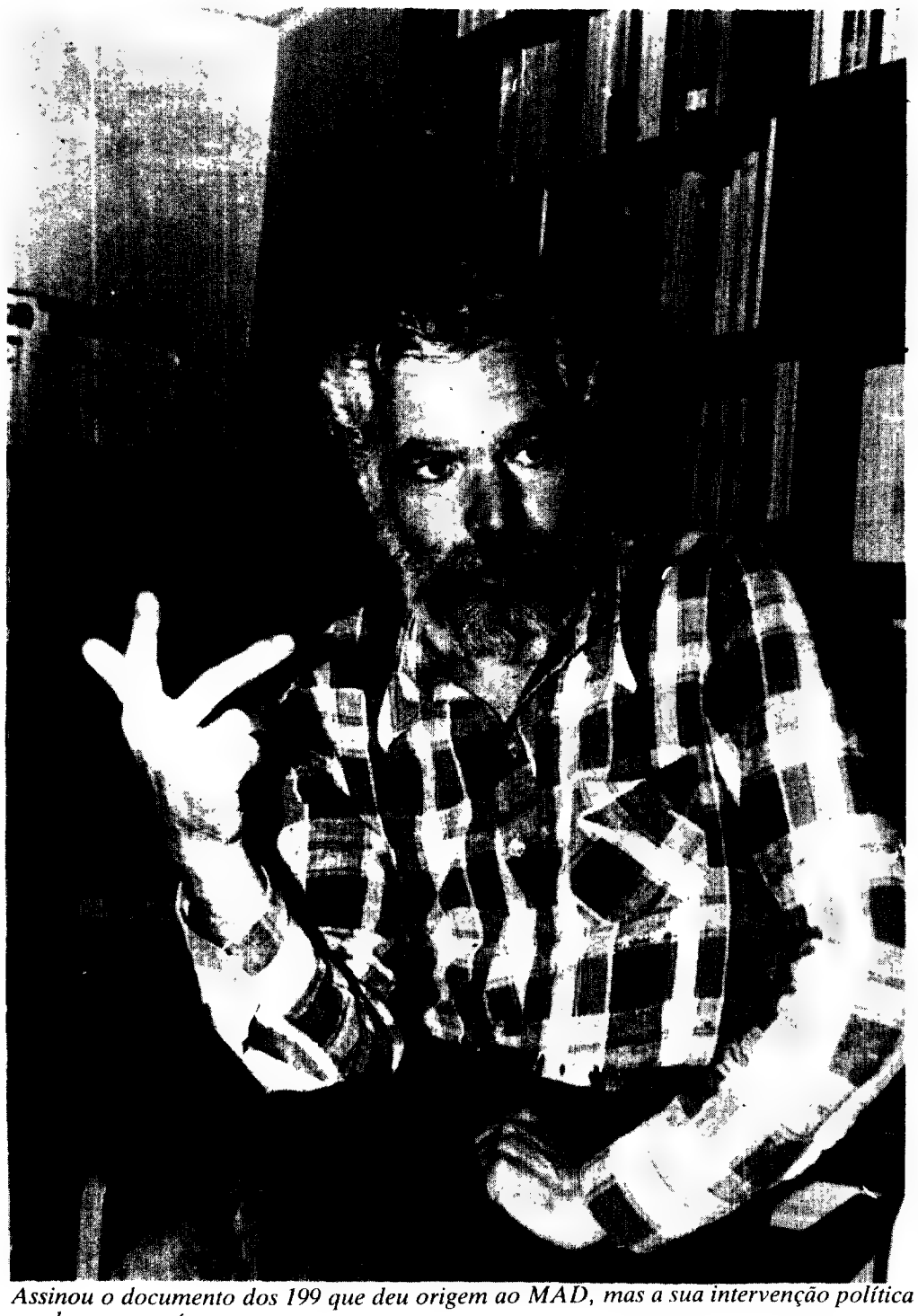
Por tudo isso este «Portugal Medieval», resultado da consciência de que é preciso inovar e renovar, pois, como escreveu José Mattoso na Introdução, os «velhos caminhos» encontram-se cheios de «lugares-comuns e esquemas estereotipados» e é preciso desbravar os «espaços virgens».

Propus-lhe de seguida que fizesse pequenos comentários paralelos a cada um dos textos incluídos no livro. Em relação a alguns deles acabaram por surgir equacionamentos, relações, contactos. Sobre «A Nobreza Medieval Portuguesa e as Correntes Monásticas dos Séculos XI e XII» adiantou-me.

«O que me interessou neste texto foi a questão das clientelas dos grupos monásticos, foi o ter descoberto que havia grupos sociais que eram definidos justamente pelo facto de serem clientelas preferenciais em determinadas correntes monásticas. De tal modo que esses grupos são difíceis de identificar, mas a aproximação de uma determinada corrente monástica permite uma identificação cultural, verificando-se assim um paralelismo entre certas correntes monásticas e grupos da classe dominante. O posicionamento desses grupos perante os problemas políticos é muito importante e não há dúvida que há questões do relacionamento do Estado com a Igreja que levam esses grupos a posicionarem-se de uma certa maneira.»

À conjugação que eu fiz entre «A Guerra Civil de 1319-1324» e «Espanhas Medievais: Aspectos Económicos e Sociais» acrescentou-me

«A distinção que eu nestes dois textos faço entre 'dois países', o senhorial e o concelhio, é uma das minhas teses fundamentais, uma das minhas grandes linhas de interpretação da História de Portugal. O Portugal a Norte do Mondego como predominantemente senhorial e o Portugal a Sul sobretudo concelhio, devido às comunidades locais ou se organizarem por dependência dos senhores sob a forma de concelhos. E é nestes que se vai apoiar o rei, estando aí precisamente a base do seu poder régio. E ele o senhor directo dos concelhos, os quais, por sua vez, se não tiverem a protecção do rei ficam ameaçados pela vaga de senhorialização que invade o País na altura — esta ligação entre os concelhos e o rei vai-se opor à extensão do poder senhorial.»



Assinou o documento dos 199 que deu origem ao MAD, mas a sua intervenção política quedou-se por aí.

Veio então a série de artigos que, sendo de temática cultural, José Mattoso tratou dirigindo a sua atenção à conjuntura económica e social, e por vezes também à questão das estruturas de parentesco. É o caso de «O Românico Português», «Orientações da Cultura Portuguesa no Princípio do Séc. XIII», «Monges e Clérigos Portadores da Cultura Francesa em Portugal» ou «João Soares Coelho e a Gesta de Egas Moniz».

«Há um princípio fundamental da historiografia materialista que diz que existem níveis mais profundos e outros mais superficiais da História. Os mais profundos serão os níveis económicos, os culturais os que ficam na sua superfície. Isso veio chamar-me a atenção para o inter-relacionamento entre os diversos níveis históricos. Há relações muito íntimas entre esses diversos níveis, e para mim os problemas fundamentais da História situam-se na charneira, justamente, dos diversos níveis — uma relação entre os níveis material e social, social e cultural, cultural e político. É por isso que é preciso fazer História total, não se explicando os problemas culturais pelos problemas culturais, como se fez até ao séc. XIX.

É possível que haja nesta minha concepção uma influência do marxismo, mas em todo o caso não será uma influência ortodoxa. E haverá apenas na medida em que eu, de facto, considero que o nível material é o mais determinante de todos os outros.

Esta questão das relações entre os vários níveis históricos foi-me dado a ver ao longo do meu trabalho de historiador: comecei pela História monástica, mas desde que tentei fazer a História dos mosteiros do Porto eu percebi que não o podia fazer sem ao mesmo tempo conhcer com algum rigor as famílias que protegem esses mosteiros e que são a sua clientela. Inseri pois a História monástica numa História social, comecei a estudar as genealogias, a fazer História da família, a interessar-me pels estruturas de parentesco.»

Quanto a «S. Martinho de Dume e as Correntes Monásticas da sua Época».

«Eu faço aí uma interpretação do monaquismo que não é muito corrente, porque é feita de dentro. As instituições costumam ser estudadas ape-

Continua na pág. 22

...interiorizando um conjunto de normas

Duas metáforas podem representar o conjunto dos constrangimentos livremente assumidos que nos ocupam: a primeira é constituida pelo trabalho contínuo de redução de conteúdos a que são sujeitos os originais fotográficos para efeito de publicação que "fogem" à leitura simplificadora do real a noticiar - esse persistente trabalho de censura do significante fotográfico a que Barthes se referiu designando-o por procura do efeito **unário** - é solidária do movimento de escrita que descrevemos, como se obedecesse ao mesmo código e satisfizesse as mesmas "necessidades".

A segunda pode ser expressa pelo apagamento do sujeito enunciador na narrativa noticiosa. O jornalista dificilmente se autoriza a referir-se a si próprio na primeira pessoa do singular. A tradição e a norma obrigam-no ao pronome reflexo (pensa-se que), capaz de reduzir o efeito de subjectividade da observação. O observador suposto informar objectivamente e de acordo com critérios validamente universais é convidado a desaparecer da cena, muito embora a esmagadora maioria das suas observações esteja efectivamente marcada pela subjectividade individual e pela subjectividade de grupo, ou de casta... Ele deve mimar a posição do observador "científico", obrigado a produzir descrições do real que poderiam ser repetidas por uma série de observadores outros, desde que a realidade e as condições da observação pudessem também repetir-se.

A autoridade do sistema de legitimação do discurso jornalístico e o conjunto de normas empíricas que condicionam a economia das narrativas noticiosas está hoje longe de ser posta em causa. No caso português, a sua hegemonia atravessa mesmo uma fase de expansão, dada a especificidade da situação dos nossos meios de comunicação: a questão (herdada da intervenção da banca na estrutura da propriedade das empresas jornalísticas) da coexistência de um sector público ou intervencionado e de um sector privado na Informação levou, num quadro geral de recessão económica e de bloqueamento, à preponderância dos modelos dircursivos que se autolegitimam como "serviço público" e que necessitam por isso de invocar a seu favor a obediência à panóplia de normas que, no Estado democrático, rege formalmente a informação... estatal.

E, no entanto, a Imprensa muda.

Um segundo momento desta reflexão visa explicitar alguns dos mecanismos que regem a **mudança** na Imprensa, tendo sobretudo em consideração o caso português.

Tentarei esboçar o perfil das duas ordens de factores que pressionam a Imprensa no sentido da mudança - mudança de conteúdos, mudança de linguagem, mudança, igualmente, de objectivos de comunicação. Trata-se, por um lado de compreender a força e a lógica dos factos **exógenos** (pressões financeiras, mudança de grau de dependência em relação à liderança de opinião, mutações qualitativas importantes do público leitor, nomeadamente as provocadas pela incapacidade de a Imprensa reabsorver os efeitos negativos da inflação sobre o consumo e/ou pela alteração dos quadros etários dominantes nesse mesmo público). E, por outro, de tentar compreender se existem factores **endógenos** (eventualmente provocados pela interiorização dos efeitos dos primeiros por parte dos agentes da informação).

Vale a pena invocar, no quadro desta reflexão, a experiência americana do "new journalism" e dos "alternative media", narrada por Robert D. Murphy no seu *Mass Communication and Human Interaction*:

"In the 1960's and 1970's a small band of skilled writers began combining the techniques of the journalism and the novelist. During the same period some larger cities saw the establishment of publications designed to report situations that were ignored by the regular media and to present viewpoints that had heretofore been largely left unvoiced".

"The new journalism and alternative media were largely separated developments, although they occurred at about the same time. The general effect of the two movements was the start of a re-examination of the techniques of writing for journalism, and at the same time a questioning of the standards by which information is judged to be newsworthy".

De um forma genérica, poderia afirmar-se que ambas as experiências testemunham a emergência, no campo media, de determinadas expressões do idealismo racional, ou do utopismo poético, que floresceram no período em referência, adquirindo com frequência a forma de um discurso de intervenção social ou política baseado na crítica do quotidiano. Este movimento, que se estendeu à Europa no limiar da década de setenta, significa a implosão, no campo media, do regime tradicional da rarefacção dos sujeitos da enunciação. Uma imprensa de bairro, de classe, de zona, uma imprensa "marginal", contestando as formas do poder político, ou desinteressando-se militantemente dele, ameaça substituir parcialmente os "megajornais" produtores de uma informação obediente aos critérios universais da objectividade feita em nome do interesse geral. Ao mesmo tempo multiplicam-se as publicações para públicos específicos, a sociedade do espectáculo rivaliza com o espectáculo do político. As experiências não se limitam ao campo da Imprensa: é a época das videos ligeiras consideradas como formas de animação de comunidades ou de regiões.

Continua na pág. 22

Os marxistas conhecem à partida as soluções

Continuação da pág. 21

nas através das suas manifestações externas, mas penso que para se compreender o seu funcionamento têm que se compreender as intenções, os propósitos dos seus protagonistas. Ora, esses propósitos não são meramente mecânicos, há qualquer coisa que não se explica apenas em termos de História social, qualquer coisa de impalpável na inquietação de homens, como os monges, que têm um comportamento, pouco habitual, de renúncia a todos os valores de competitividade e de luta pelo êxito que se têm correntemente.»

Em «Problemas Sobre a Estrutura da Família» José Mattoso discorre um pouco sobre a sua formação teórica, de tal modo que este capítulo funciona um pouco como o eixo desmontador de todos os outros.

«Nas coisas que eu escrevi há mais tempo, a consciência sobre as minhas opções téoricas ainda não era clara, muitas dessas opções fi-las intuitivamente. Mas as minhas preocupações no cnhecimento da Históriaforam sempre as mesmas: o estudo dos pequenos grupos, tanto os monásticos como a nobreza, enquanto reveladores da História total, e a História social. Os processos e os apoios interdisciplinares é que foram variando.»

Sobre «O Enquadramento Social e Económico das Primeiras Fundações Franciscanas em Portugal» — «A inter-relacionação das ordens mendicantes com a urbanidade é já um dado adquirido. Sabe-se bem que as ordens franciscanas e dominicanas foram criadas para corresponder a qualquer coisa de novo nos sécs. XII e XIII, o aumento da população citadina, que teve, obviamente, reflexos na vida religiosa. Foi pois a resposta da Igreja, dos cristãos, à nova importância que ganhou a acumulação de gente no espaço urbano.

Toda a alta Idade Média tinha-se passado num espaço rural, havendo uma maior vivência do sagrado e dos rit-

Continua na pág. 23

Na vida urbana o tempo tem outra medida e outro significado

...que cedo ou tarde acaba por pôr em questão.

Illitch e o grupo de Cuernavaca hegemonizam a "mise en question" de discursos e de práticas fundadoras de modelos de sociedade, e as faculdades de ciências humanas são atravessadas, nos E.U.A. como na Europa, por uma crise epistemológica que reveste sobretudo o aspecto de uma crise de fundamentos e objectivos da investigação. Não nos demoraremos, aqui, sobre estes aspectos.

E também não esboçaremos, aqui, a exegese ou a hermenêutica destas experiências geralmente classificadas de "marginais", que fizeram a sua época e de que restam, aqui e ali, reminiscências. No presente quadro de reflexão interessa-nos, sim, verificar que algumas delas acabaram por ser reincorporadas como componentes simples dos media convencionais. Assim, se a década das videos ligeiras deu lugar à explosão das TV's privadas, das TV's locais, das TV's por cabo e, talvez sobretudo, ao novo mercado das videocassettes, na rádio a proliferação das emissoras "locais" ou "piratas" está, ainda hoje, a dar lugar à série de reajustamentos legislativos necessários à legitimação formal dos "pequenos" direitos de antena. Trata-se de situações que produzem ritmos de resolução diversificados, mas que, globalmente consideradas, apontam tendencialmente para um futuro de moderação do monopólio estatal de emissão, que constituiu modelo dominante durante três décadas na Europa, à saída da segunda Grande Guerra.

Na Imprensa, o que Murphy designa por "new journalism" é sobretudo o sintoma de uma crise de identidade do discurso jornalístico. Como se, com a progressiva quebra de vendas dos "jornais de grandes expansão" (fruto, em primeiro lugar sem dúvida, da concorrência directa da televisão), o conjunto de regras, códigos e normas gerais a que fizemos referência tivessem, momentaneamente, sido postos em causa **por dentro.** É curioso constatar que, face à potenciação, pelo "novo" discurso televisivo, das características depuradas da narrativa noticiosa do "antigo jornalismo", a Imprensa tenha sentido necessidade de regressar a um convívio mais íntimo com a "literatura" - a ideológica e a de ficção.

De facto, a Imprensa responde à concorrência que lhe é movida pela televisão com um movimento a favor do reforço da **opinião** nos jornais (não é raro que o "leit-motiv" de tal campanha seja a identidade de significações **liberdade de Imprensa/liberdade de Opinião**), e com uma procura deliberada de **novas dramatizações da narrativa noticiosa:** os acontecimentos passam a ser noticiados em regime de maior abertura à subjectividade do observador, o texto jornalístico reaparece frequentemente como **texto de autor** e o conjunto dos factos noticiáveis passa a constituir elemento de **intriga** de **novelas jornalísticas.**

Esta larga rotação de retória clássica do discurso na Imprensa manifesta o desejo de uma estratégia de defesa e apresenta duas modalidades de base: trata-se, nuns casos, de reforçar a autonomia e a identidade das duas componentes vitais do jornal: o "staff editorialista" e o "staff noticioso"; noutros, assiste-se pelo contrário a uma tendência para a **editorialização da notícia,** que testemunha o regresso a um velho "jornalismo de combate", ou a um velho "jornalismo de opinião". Este último modelo é o mais refractário à abertura do espaço do jornal às opiniões alheias, e corresponde facilmente a uma sobrestimação da importância que a experiência jornalística a si própria se atribui, no cenário social para que fala. O primeiro modelo é o mais "aberto" ao peso e importância do exterior: em alguns casos ele aposta na expansão dos espaços tipo **correio do leitor,** e admite reconversões parciais do "papel da Imprensa" a caminho de uma valorização da função tipo **ombudsman.**

Um exemplo de "new journalism" no caso português é o modelo de narrativa noticiosa que passou a dominante em alguns dos jornais semanários. O "Expresso" e "O Jornal", designadamente, exprimem a tendência para a **novela jornalística** acima descrita. Por vezes, esta tendência é simbolicamente ampliada pelo convite permanente a autores de ficção que ocupam, no jornal, um espaço dedicado ao utopismo poético como forma positiva de comentário do real. Este "regresso da literatura" - que "mina" o regresso de algo recalcado pelo discurso jornalístico "clássico" - é solidário da consagração mitológica de autores cujo discurso operou a simbiose do jornalismo e da ficção (casos de Gabriel Marquez e de William Burchett, por exemplo). Ele produz, também, uma nova simpatia do jornalista pelo comentário próximo do utopismo poético: o jornalista volta a escrever contos morais, novelas exemplares, fábulas e alegorias.

Este quadro de mudança não diz apenas respeito ao reexame das técnicas de escrita para jornais: ele estende-se também aos critérios de selecção do real noticiável, como sugere Murphy. Assiste-se, assim, a uma nova atenção pelo "fait divers", sobretudo inspirada pela mudança relativa do quadro geral de preocupações daquilo que no campo media se designa geralmente como **opinião pública:** o interesse cultural pelos fenómenos socialmente minoritários e os enfoques da realidade induzidos pelas preocupações ecológicas tornaram-se dois exemplos clássicos desse "new deal" procurado pela Imprensa.

A Imprensa procura em primeiro lugar conservar os seus públicos tradicionais, o que justifica a resistência à mudança que os seus quadros editoriais dominantes testemunham. Mas contraditoriamente

Continua na pág. 23

Contra o antipersonalismo de Foucault

Continuação da pág. 22

mos cósmicos, o que permitia mesmo o prolongamento das estruturas mentais vindas dos povos primitivos, embora interpretadas pelo cristianismo. Na vida urbana isso já não é possível, o tempo tem outra medida e outro significado, assim como o espaço, como as coisas materiais, de modo que, para que as populações urbanas tivessem uma vida religiosa, era necessário encontrar novos valores, novos ritos, novas formas de interpretar a religião.»

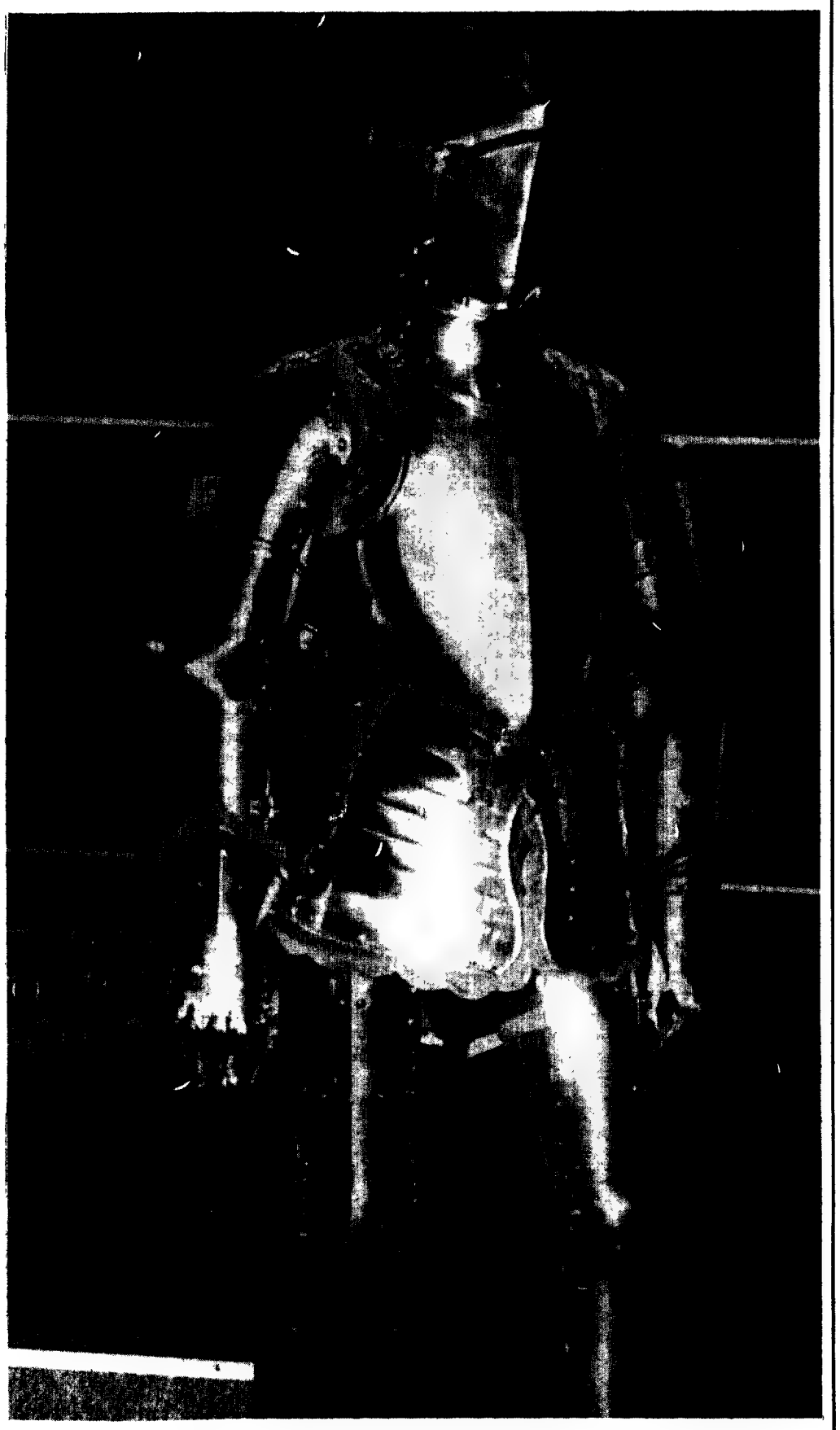
A propósito da questão da formação da nacionalidade portuguesa, um outro encadear de textos, «A Nobreza Medieval Galaico-Portuguesa» e «Cluny, Crúzios e Cistercienses na Formação de Portugal».

«Todo o problema das origens da nacionalidade foi muito discutido, nomeadamente no Estado Novo, estando mesmo na ideologia política dominante da altura esta questão: procuravam-se os apoios científicos para uma concepção apriorística, tendo a nacionalidade que existir de alguma forma desde toda a eternidade. À medida que a ideologia nacionalista se tornou ultrapassada, foi possível estudar o problema da nacionalidade em termos mais objectivos.

Penso que é preciso estudá-lo como um fenómeno colectivo, como um fenómeno político, um processo lento com fases muito variadas, com avanços e recuos, e cujo auge não é obrigatoriamente, uma nação centralizada.

É esse aliás o tema do meu próximo livro, intitulado «Identificação de um País», que estuda precisamente o desenvolvimento do processo de formação da nacionalidade. A consciência de se pertencer a uma nação é qualquer coisa de extremamente lento, daí que o Estado, como organismo político, tenha precedido a nação, indo constituir-se no sentido administrativo só por volta do séc. XIII.»

Pistas para uma leitura deste «Portugal Medieval»■



Continua-se a partir de Herculano, como se não tivesse havido renovação historiográfica

Que resulta desse seu movimento de vaivém?

procura novos públicos, nomeadamente entre os grupos etários mais baixos, porque sente que o seu futuro depende da capacidade actual de fixar leitores jovens. A tensão entre estes dois polos passou a marcar decisivamente tudo o que de experimental é induzido no discurso jornalístico escrito, e o caso português é dos que mais claramente manifestam esta situação, porque ele apresenta dramaticamente aspectos de perda global de público e de recessão nas condições de explorações das empresas jornalísticas que não fizeram senão acentuar-se nos últimos dez anos.

Caberá aqui uma referência a dois factores "exógenos" de pressão sobre a experiência recente da Imprensa portuguesa que determinam a quase totalidade dos aspectos que a caracterizam, sem que a mudança específica de discurso jornalístico lhe possa, de qualquer modo, responder:

Em primeiro lugar, pagando-o em divisas quando a moeda nacional não cessa de se desvalorizar, agravou de forma muito importante os reflexos dos custos gerais de produção.

Em segundo lugar, os preços excessivamente concorrenciais praticados para a publicidade na televisão do Estado (a única autorizada) produziu uma fuga global de receitas tradicionais da Imprensa.

A associação continuada destes dois factores, aliada a uma curiosíssima política de recapitalização, pelo Estado, das empresas de Comunicação Social dele dependentes, em detrimento de uma política de apoio financeiro global à comunicação social, vieram acentuar gravemente a sintomatologia da "crise" da Imprensa portuguesa. Estes factores condicionam o cenário no qual evoluem os objectos em análise nesta reflexão, sem que a dinâmica interna destes possa de algum modo intervir nesse cenário, para o modificar.

Os problemas de gestão assim criados à Imprensa portuguesa são múltiplos, e justificam uma atenção particular que foge aos limites do presente artigo. No entanto esse cenário é, hoje, um gerador permanente de alterações na estratégia discursiva da imprensa - e é nessa medida que é importante recordá-lo aqui porque:

Os jornais portugueses enfrentam, no seu conjunto, uma tendência geral para a diminuição da sua audiência, não devendo ser exagerado admitir que, entre 1963 e 1984, o volume global das vendas da Imprensa "de grande informação" diminuíu entre 30 e 40 por cento. Esta tendência faz descer mais ainda o tradicionalmente baixo índice de leitura de jornais em Portugal (a venda global dos diários portugueses ronda, hoje, os 350 mil exemplares).

Aliado à subida periódica dos preços de venda ao público dos jornais, o esforço actual de "racionalização" da sua distribuição nacional (provocado pelo encarecimento dos combustíveis) privilegia as faixas de implantação tradicionais, constituidas pelo litoral e pelas faixas de maiores concentrações urbanas, em detrimento do mundo rural e do **interior** no seu conjunto.

E neste cenário regressivo que as aventuras jornalísticas subsistentes procuram expandir-se entre o público jovem, e multiplicar as motivações de leitura.

Na verdade, assiste-se nos nossos dias a um bloqueamento geral da iniciativa jornalística, e a brutais movimentos de adaptação por parte das empresas e jornais que partilham o mercado em recessão. A multiplicidade dos constrangimentos torna-se mais aguda, neste quadro, para os produtores de informação, que manifestam, contraditoriamente com a necessidade de procurar públicos jovens, um "terror do novo", uma vontade persistente de **não-arriscar** a fuga aos padrões jornalísticos que lhes garantem a conservação do "velho" público leitor.

Eis, em boa parte, o que explica o facto de não terem sido tentadas, entre nós, nos últimos anos, experiências de implantação de novos jornais capazes de "romper o cerco" e de liderar um movimento renovador mais aberto à necessidade de reestruturar o discurso jornalístico no seu conjunto, em termos de linguagem, de temáticas e a sua abordagem, e propriamente quanto aos objectivos da Informação.

As **censuras** transportadas na inércia da experiência dominante, acrescenta-se de momento, com peso crescente, a soma de **censuras** decorrentes da recessão do sector. Na impresa portuguesa está a instalar-se, a quinze anos do fim do século, um verdadeiro "terror milenarista" que bloqueia a mudança, ou melhor: que obriga a mudança a não percorrer de novo senão os lastimáveis atalhos que novos caminhos já tinham permitido abandonar.

A investigação que parte de uma descrição pormenorizada da situação aqui esboçada, e que vise desembocar na **acção** (criação de cenários alternativos aos actuais modelos de gestão, criação de condições para que o discurso jornalístico não estagne, em Portugal, em resultado do **medo de gerir a mudança**) pode ter um papel importante a desempenhar na modificação do cenário que chamei suicidário. "Acabar com todas as censuras" parece ser um objectivo destinado a extinguir-se na enunciação do próprio slogan. Hospedar **apenas** as censuras consensualmente admitidas como funcionais é, porventura, um objectivo realista... e necessário, desde que elas sejam como tal assumidas pelos próprios agentes do discurso jornalístico, que devem poder gerir a mudança dos códigos que definem o campo em que trabalham.

A moda Glucksmann de Gulag em Gulag

Bernard Alliot

Dos seus livros precedentes sabe-se que André Glucksmann exibe as virtudes e as imprudências do iconoclasta. Tira os cadáveres dos armários e força a caixa de Pandora. Filósofo seguro mas contestado, estrela dos medias, lança as suas verdades com um vigor que não suporta qualquer verificação. Sempre atento, põe à vista o totalitarismo que pode surgir dos antros que são as oficinas de partidos, os refúgios dos burocratas estalinianos, os ramos de flores dos pacifistas e o cérebro dos **maîtres penseurs** (mestres pensadores). Vigilante, Glucksmann faz a guarda às fronteiras do ocidente e às orlas do espírito, dá constantemente o alarme aos povos demasiado inclinados a aceitar o jugo totalitário, o **goulag** e a utopia.

André Glucksmann tem razão: as liberdades «formais» são demasiado raras num planeta onde diversas literaturas esmagam os povos. Mas, no seu zelo vingador, ele atira muitas vezes sobre tudo aquilo que mexe. Aquele que não é amigo de Staline, nem discípulo de Glucksmann, nem grande oposicionista do governo, ou aquele que, muito simplesmente, tem outra ideia do mundo, não tem tempo para formular uma objecção: a sua sombra já caiu, furada pelas balas.

É o que custa levantar o dedo perante o provocador. E como qualificar de outro modo um autor que, intitulando o seu livro **la Bêtise,** substitui o «i» da capa pelo emblema socialista; o punho fechado e a rosa. Conjunção indispensável para atrair amadores de panfletos e leitores desprovidos a quem faltou a luz, porque o continente importa mais do que o conteúdo.

Sofismas e arranhões

Bastará, no entanto, coser em **patchwork** textos tirados do cesto dos **maîtres penseurs** , com o ténue fio do seu próprio pensamento, para fazer obra de filósofo? Avançar com **le Burlesque ou morale de la tarde à la crème** de Petr Kral, a crítica da estupidez de Flaubert, invocar Platão, Aristóteles, Heidegger, Soljenitsyne, etc., para trazer um conceito novo, um ponto de vista original? O facto de haver tantas celebridades não impede o esperto de atirar aos olhos das pessoas o pó das ideias à moda.

Através de André Glucksmann, os socialistas tornam-se pois os servos consumados da estupidez que até então se imaginava partilhada em comum. Sob a caneta — inconsequente mas por vezes divertida e feroz, — a estupidez atinge o poder como o bolo de creme imunda os heróis do burlesco. Por não terem compreendido que o seu **«socialismo à francesa»** é o **«encontro no fundo da urna de uma lamparina de azeite, de um navio almirante com velas, de uma casquinha de má consciência e de um mostruário completo de bolos de creme»**, os socialistas são afastados por um demiurgo para as ondas da estupidez. Assim, Pierre Mauroy, Jack Lang, Jacques Attali, François Mitterrand são apanhados em flagrante delito de voos líricos, de derrapagens, de ingenuidades no exercício da gesta simbólica, ou de frequentações duvidosas. Buster Keaton, Mack Sennett e Charlot lançam as suas bombas de creme sobre os palhaços do poder.

Claro que os políticos não estão ao abrigo da estupidez; as suas declarações estão cheias de escórias da lengalenga quotidiana. O próprio André Glucksmann, que execra o marxismo, alimentava-se outrora de uma das suas variedades mais exóticas.

Ele reivindica o que incitaria outros à prudência. **«Quem nunca cedeu à embriaguês parece pouco preparado para penetrar no romance da bebedeira.» «O energúmeno que escreve o seu nome antes de um ensaio consagrado à estupidez, é um rato que brinca com o gato.»** Também se expõe a receber na cara um bolo de creme **«que por vezes dissimula outro»**, a coleccionar as aproximações, os sofismas, os truísmos. **(«Toda a técnica, mesmo a super, é técnica por bem ou por mal»; o homem de má-fé dissimula aos outros, às vezes a si próprio»**, etc.).

Mas para além das variações sobre a estupidez, por divertidas que sejam graças aos auxílios de Bouvard e Péruchet, surge sob as contradições e as arranhaduras uma tese já ilustrada por Alain Touraine: o declínio do mundo operário.

A esquerda agarra-se a uma ideologia ultrapassada, e, constrangida pela realidade do mundo, não a respeita. Enquanto as suas fortalezas operárias se esvaziam — fortalezas que os socialistas, com o desemprego, contribuem para despovoar, — os seus chefes hesitam **«em se emancipar do mito do operário conquistador e dominador»**. A «mayonnaise» (movimento operário, progresso industrial e moral do trabalho) já não pega.

Das fontes da utopia

«A esquerda perde o seu mundo. Ela é atacada de assombro ideológico.» Quer deixe de montar **«máquinas de fabricar o ideal»**, fontes de utopia impossível de atingir e germes de totalitarismo; quer renuncie de qualquer modo à crença ingénua e perigosa de que **«o socialismo é o modo de produção do bem para os bons»**. O operário volta-lhes as costas e **«a esquerda continuará a esquerda se o operário real não estiver decididamente adequado à missão que lhe atribuem?»**.

Mas ao convidar essa esquerda — mais imaginária do que real — a renunciar aos últimos oropeis daquilo que faz a sua identidade, e, aos seus olhos, a sua legitimidade, André Glucksmann, que balisa **«a derrota dos ideologistas»** não se torna ele, por sua vez, o porta-voz do ideólogo? E não dissipa o nevoeiro ideológico de que se cerca quando afirma que basta que a esquerda **«falhe para que uma França inesperada desaprove as partilhas tradicionais e parta às cegas a explorar horizontes ignorados»?** Porque não, visto que **«a crise se tornou a crise das visões do mundo»?**

Bêbado e idiota

Com maior discernimento, André Glucksmann ergue-se contra as ideias feitas tais como as de que **«a esquerda é o gulag e a direita se enche com a miséria dos pobres»**. É preciso, com efeito, abrir os olhos. Com efeito o gulag anunciado em França por tantos pregadores, tarda a chegar. Mas, de súbito, eis-nos a leste, onde reina a absoluta estupidez. A gerontocracia do Kremlin mantém-se, estupidificando os povos e instala-se numa «quase eternidade». Só se poderia aprovar Glucksmann quando ele diz: **«O totalitarismo continua no post-totalitarismo»**, porque **«o aparelho policial, o sistema jurídico que cobre a negação dos direitos do homem, a intolerância perante qualquer protesto não autorizado, ficando os hábitos e os homens no seu lugar.»** Fica-se bêbado e idiota.

Porque o homem é ameaçado de idiotia se acredita que **«estamos num mundo bom»** e que **«a paz reinará quando as nações adorarem a humanidade»**. Seguindo o príncipe Muichkine, **«um ingénuo, um santo ou um epilético, segundo os observadores»**, Glucksmann elabora **«uma teoria dos pontos de idiotismo»**. Todo bondade, o idiota, **«revolucionário científico»** ou tocado pela graça, espera o dia de Glória ou a Revelação, ignora os maus, **«encerra o mundo em si próprio»**. O idiotismo é o último refúgio da estupidez, a sua **«garantia de calma»**.

Uma moral de extrema urgência

«Não quero morrer idiota», diz Glucksmann. Tomando a sua defesa do intelectual: (**«sem estupidez não há intelectual»**) ele explica: **«Enquanto for possível acender uma bomba-estupidez no coração de toda a pretensão de dominar os derradeiros fins de uma colectividade, o intelectual amador que protesta por não fugir ao grupo da estupidez comum, transforma a sua confissão de fraqueza em vantagem estratégica.»** Ele reclama-se da **«competência insólita de um conhecimento pelos abismos»** e pronuncia-se por uma moral de extrema urgência. A dos Médicos do mundo, por exemplo, do **«socorrista que não escolhe as vítimas»** dos vários campos de batalha.

A defesa dos direitos do homem, o auxílio humanitário a todos os sofredores, que democrata estaria de acordo? Mas uma sociedade poderá passar sem um **«ideal colectivo»** a reduzir toda a esperança às aquisições? Ela condenar-se-ia à regressão colectiva e prepararia ao mesmo tempo esse retorno à barbarie que um profecta travesso pretende conjurar. ■

(+) LA BÊTISE, de André Glucksmann, Grasset.

Hollywood Night

Fotos de Francisco Paraíso

Pretexto — Quando as imagens significam por si mesmas, um texto a elas acrescentado só pode tomar duas feições: uma a de ser comentário, legenda; outra a de discorrer autonomamente. Face a estas fotos tiradas numa boîte do Bairro Alto, a **Juke Box**, por ocasião de uma cerimónia mimada da hollywoodesca atribuição de Óscars, interessa apenas enquadrar as figuras nos vários contextos que sugerem e de que decorrem.

A noite, lugar lúdico — A noite é bem o inverso da ordem diária, obedecendo na vida dos homens a uma lógica diferenciada, a do lazer. Por isso mesmo a noite traz consigo a libertação dos comportamentos, multiplicando os espaços que a materializam. Ela é também onde se instala o prazer, sob as suas mais díspares formas. Como o prazer do espectáculo ou do concurso. O lazer conjuga-se assim com a dimensão lúdica do homem, numa igual base temporal — o que intercala um ciclo de produção do ciclo que lhe sucede.

O cinema, despojamento — O cinema é um produto de consumo. Este, quando satisfeitas as necessidades elementares, adopta as tonalidades do lazer, passando a ser um consumo cultural e recreativo, ocupando o cinema um lugar predominante nos interesses das pessoas. Para além de influir no alheamento da vivência instante, a magia do cinema está em oferecer a cada um de nós, na vivificação do personagem com o enredo, uma vida que não é a nossa e por isso nos descansa e atrai. Hollywood será com certeza neste aspecto a «fábrica» cinematográfica que mais mágica alteridade tem vendido aos seus públicos: eu vou ao cinema para que, assumindo a imagem do Outro, me possa momentaneamente esquecer de mim. Despojando-me.

A boîte, libertação da socialidade — A nossa socialidade acontece em dois eixos dominantes: no trabalho, com os colegas; na família e na roda restrita das relações. Ou seja, somos sociáveis quando isso traz proveito ao funcionamento da sociedade. Socializamo-nos com os colegas de trabalho porque estamos lá, conjuntamente com eles, funcionando; socializamo-nos em família porque ela constitui uma função, tem uma finalidade societária. A frequência de boîtes rebenta com a funcionalidade da socialização: as pessoas circulam sem propósito finalista, encontram-se. A comunicação deixa de ter operância, não conflui em absolutamente nada.

Noite de Hollywood na Juke-Box — Quando à noite, numa boîte não costumeira

40 anos depois da morte do fuhrer

Braunau-am-Inn, cidade natal de Hitler, sente-se frustrada porque não tem o direito de lucrar com a recordação e a lenda do seu «grande homem»

Adolfo Hitler, que nasceu no dia 20 de Abril de 1989 às seis horas e meia da tarde, em Braunau-am-Inn, era, no sentido que se dava e continua a dar-se a esta palavra, filho de «imigrante», e só por acaso viu a luz do dia naquela cidade. Seu pai, Aloys, empregado aduaneiro, embora morasse e trabalhasse, havia já muitos anos nessa localidade fronteriça da Alta Áustria, não era natural do país. Tanto ele como a sua segunda mulher, Klara Poelzl, eram naturais da Baixa Áustria.

Conforme o pai ia sendo transferido, Adolfo vai frequentando a escola primária em Fischlham, em 1895, depois uma escola religiosa no convento de Lambach, onde um dos professores o surpreende um dia a fumar — aos 8 anos e meio — no jardim do convento. Detalhe sem importância que não figurará nas suas (futuras) biografias oficiais. Depois de Lambach vai estudar para Leonding, onde acaba, por fim, a primária.

Hitler, aos 16 anos, já com o seu pequeno bigode

Hitler aos dezanove anos

Erika Doll

Não causa espanto que, em Setembro de 1900, ao entrar para a «Realschule» (escola secundária) de Linz, tenha imediatamente que repetira o primeiro ano, e que o seu «certificado de saída», datado de 16 de Setembro de 1905 (tem então mais de dezasseis anos) de oito disciplinas terminadas, lhe dê no primeiro semestre **insuficiente** em alemão (!) e em matemática, e, no segundo semestre excelente só em ginástica e em desenho.

É saboroso recordar que Linz, cidade principal da Alta Áustria, hoje com 200.000 habitantes, é a cidade de origem de outro personagem tristemente célebre, Adolfo Eichmann, e que no princípio do século, precisamente na época em que Hitler lá fazia os seus estudos não muito brilhantes, católicos, protestantes e uns mil judeus viviam em excelente entendimento.

Mais ainda — incrível mas verdadeiro — o pai do zelador da «solução final» (este último capturado, julgado, condenado à morte e executado pelos israelitas), que tinha o mesmo nome próprio do filho, era um fervoroso partidário do ecumenismo entre as várias confissões.

Como a família do futuro führer abandonou Braunau, já ninguém se lembrava do obscuro aduaneiro, que, de resto, morreu em 1903, nem de sua mulher, falecida em Linz em 1908, quando, depois do **putsch** falhado de Munique, em 1923 e, mais ainda, a partir de 1925--1926, cada vez se falava mais na Alemanha (que começava na margem em frente do INN), e em breve também na Áustria, de um certo Adolfo Hitler.

Nazi e excelente homem de negócios

Os seus biógrafos mencionavam que ele era natural da sua pequena cidade, mais exactamente do número 15 do Alzburger Vorstadt, o que não tardou a atrair, primeiro os curiosos que atravesavam a região de carro, de bicicleta ou a pé, depois admiradores, «fans» que desejavam «respirar o ar», ver ou até visitar os lugares onde outrora nascera o seu führer.

De tal modo que um astucioso embora modesto farmacêutico, que fracassara no seu negócio, Joseph Pommer, comprou a casa natal e transformou-a em pousada. Chamava-se «Zum Hirschen» e da estadia fazia parte a visita ao quarto onde Hitler nascera, e fotografias.

Mina de ouro durante a ascensão vertiginosa de Adolfo Hitler — **Dolfi** para os íntimos — nos anos de 1930...33...35... 37. O dinheiro, sobre tudo os marcos, alfuem, mas também os schillings.

Em Março de 1938, os postos fronteiriços caem perante o avanço da Wehrmacht. É o Anschluss, Áustria já não é mais do que uma província alemã, e Braunau-am-Inn, berço do glorioso führer do Reich de Mil Anos, um local de peregrinação. Todos os comerciantes ganham, principalmente os Pommer, todos eles nazis. Convicção ou oportunismo? Que importa! Gritar «Heil Hitler!» não é incompatível com o verbo «enriquecer.»

Hitler detestava a cidade natal

Uma única sombra no quadro: No dia 12 de Março de 1938, quando, a caminho de Viena, o führer devia fazer escala em Braunau, os edifícios foram enfeitados, toda a população estava nas ruas, havia tapetes vermelhos e flores no número 15 de Salzburger Vorstadt, a orquestra municipal tocava o «Deutshlant, Deutschland uber alles». **Dolfi** chegou efectivamente no seu Mercedes blindado que desceu, depois subiu a célebre rua natal — mas, grande espanto — sem se deter no número 15, e sem que o Grande Homem descesse. Depois carro e cortejo voltaram a partir. Que se passou? Muito simplesmente Hitler não gostava, mais ainda, detestava a pequena cidade, a causa onde nascera, tinha delas más recordações. O caso não era único. Thomas Mann e Willy Brandt por exemplo, ambos naturais de Lubeck, sempre tinham manifestado uma antipatia virulenta perante essa cidade hanseática, que os vira nascer.

Mais grave do que esse mau presságio: o Partido e — o próprio Grande Adolfo, ao que parece zangados com «a exploração mercantil» dos «muros sagrados que tinham visto nascer o «fuherer», expropriaram a pousada. Quem levou a operação a efeito foi o próprio Martin Bormann. Mas tranquilizem-se, o fiel nazi — e sobretudo muito bom homem de negócios Pommer, saíu-se muito bem: recebeu 150.000 marcos, soma mais do que agradável em 1938.

Arranjada com grandes despesas (foi Albert Speer, o grande arquitecto do Terceiro Reich que elaborou os planos) a casa encontra o seu aspecto mais decente do passado e só passa a ser acessível aos que querem «sinceramente» prestar homenagem ao seu ilustre filho.

Chegam os americanos

Pormenor significativo, o próprio Hitler nunca lá voltará — depois da visita relâmpago — no momento do Anschluss.

Depois disso os anos passam depressa, e os concidadãos de **Dolfi,** tal como os outros austríacos metidos na Wehrmacht, nas SS, na Gestapo, mortos, feridos a leste e o oeste, terão tempo de lamentar o seu entusiasmo inicial de pertencer à Grande Alemanha.

No dia 1 de Maio de 1945, quando Hitler já morrera havia vinte e quatro horas — como o antigo chefe de polícia austríaco da cidade, Walther Hartner o contaria mais tarde — a 13.ª Divisão Blindada americana, depois de ter ocupado de manhã Eggenfelden, chegou ao meio-dia a Simbach, em frente de Braunau, na outra margem do Inn, cujas duas pontes acabavam de saltar, apontando imediatamente os canhões dos seus primeiros carros para aquilo que seria o próximo objectivo do seu avanço.

Capitulação

À excepção de algumas espingardas caçadeiras, não havia ali nenhuma defesa, o que não

Continua na pág. 26

na boîte Juke Box

nesse tipo de divertimentos, se resolve fingir uma Hollywood de óscares e actores famosos, são as várias fascinações que se globalizam: a do cinema, a da convivialidade «night club», a do prazer da travessia nocturna. Por meio de um vector unificante: a **representação**. Porque a noite é representação da nossa efémera liberdade de movimentos e o território em que se exorciza a existencialidade funcional. Porque mimar o cinema é uma representação da representação, um cerimonial lúdico com uma referência lúdica. Porque representar entre as mesas de uma boîte é dar forma à representação que é já de um certo modo de estar. Eu vou a um «pub», a uma discoteca, pelo prazer: da bebida, da dança, da conversa, da sedução. E do espectáculo, incluído na recente vaga de cafés-concerto.

Espectáculo e representação — O espectáculo veste-nos, traveste-nos do nosso imaginário. Transpersonaliza-nos a nível significante: já não sou eu mas Liza Minelli quem o meu rosto dá a ver. Mas aqui o essencial é que eu sugira Liza Minelli sendo eu mesmo, conectando duas formas em um corpo. A sessão de travesti joga precisamente com a ambiguidade inerente na representação.

O espectáculo é parte de uma questão maior: a representação, que vai caracterizar as diversas dimensões humanas.

doces crónicas

Braunau-am-Inn e o seu fuhrer

Continuação da pág. 25

impediu os elementos fanáticos de preconizar a política da terra queimada, começando por dinamitar a sacrossanta «casa natal» para que ela não caísse nas mãos dos... bolchevistas e dos judeus. Adolf Eichmann e os seus tinham decididamente adeptos na região.

Quando Hartner e outros moderados protestaram, lembrando que a situação militar era desesperada, um jovem tenente das fracas unidades que ainda ali se encontravam, sob o comando do major Grunwald, respondeu-lhe em tom de desprezo:

Foram destruídas tantas belas cidades alemãs! Não vamos discutir por causa do seu «Drocknest»! (Literalmente «Ninho de merda»)

— Permiti-me responder-lhe que era estrangeiro, se estava nas tintas para aquilo que nos ia acontecer, mas que, pessoalmente, o meu papel era preocupar-me com a vida e o futuro dos meus compatriotas.

Assim, quando no dia seguinte, 2 de Maio, os americanos fizeram um ultimatum» exigindo a capitulação da cidade, primeiro para o meio-dia, depois para as três da tarde, sob pena de a «reduzir a pó», o bom senso venceu.

Os primeiros ocupantes: dois jornalistas

Pormenor saboroso, os primeiros militares US que chegaram, eram jornalistas e fotógrafos... e perguntaram onde se encontrava a «histórica casa natal do homem a quem a Alemanha devia a sua destruição e os seus milhões de mortos».

Em 1985, quarenta anos depois da «libertação» de Braunau, morto o generosamente pago ex-nazi Pommer, sua filha Zenta, representando sem pudor a vítima espoliada, recuperou a casa em 1945, por um preço irrisório. Depois o edifício relíquia mudou várias vezes de ramos: escola, biblioteca, banco, galeria de arte, etc.

A cidade tem hoje mais de vinte mil habitantes e contínua a aproveitar-se — turística e comercialmente — do seu «grande filho prematura e injustamente desaparecido», segundo os termos de um semanário neonazi. Cem a duzentos mil visitantes visitam-no todos os anos. Podia haver o dobro ou o triplo, se não fosse o justificado complexo das autoridades em não basear a sua propaganda turística no edifício maldito de Salzburg Vorstadt.

Paciência!

Terrível dilema — Ah, suspiram comerciantes, promotores, candidatos e investigadores. Se se pudesse instalar um museu, mesmo com móveis, objectos, manuscritos, etc, todos falsos, apócrifos, abrir «Restaurantes Adolfo Hitler», cafés... Dar o seu nome a um ou a vários hotéis, colocar placas na «sua casa» e até noutras, mesmo que fossem completamente fantasistas! Os americanos, os ingleses, os franceses, mas também os alemães e os austríacos afluiriam.

Mas é impossível. Os ecologistas, os socialistas, Simon Wiesenthal, o «caçador de nazis» que é austríaco, os anti-racistas, protestariam, diriam que era um escândalo, chamariam a Braunau cidade neonazi.

— É preciso ter paciência, diz o responsável do Sindicato de Iniciativa, que as paixões acalmem e as más recordações esqueçam. Um dia Adolfo Hitler já só será uma personagem histórica. Nesse dia já ninguém se espantará de que o seu nome seja dado a uma rua da nossa cidade, a um hotel, a um café, e que a sua casa natal seja transformada em museu.

Banalização do nazismo e dos seus crimes que outros recusam admitir e afirmam que a humanidade nunca o aceitará, nem nos cinco, nem nos dez anos próximos, nem nunca. ■

MENSAGENS PESSOAIS

Canto Coral

Se é simpatizante deste jornal, se gosta de música e de convívio são, e se dispõe de quatro horas semanais para participar nas actividades de um grupo coral sediado em Lisboa, escreva para: A. Alves, Est. das Areias, BL. B-2.º D, S. Pedro do Estoril, 2765 Estoril.

Senhora oferece-se

Para escritório, consultório não importa fazer limpezas. Telefone 767921.

Às boutiques e pronto-a-vestir

Executam-se pequenos arranjos de costura (bainhas, colocação de fechos e outros), com rapidez e perfeição. Telefone: 83513.

Oito séculos de Arte Portuguesa

História e Espírito— de: Reynaldo dos Santos — 3 volumes muito bem encadernados — vendo. Tel: 847951 — até às 13 horas.

Explicações

Alta competência no ensino de Desenho de Projecções, Geometria Descritiva, Geometria Cotada, Teoria de Sombras e Perspectiva Cónica, a qualquer nível de ensino, nomeadamente preparatório, exames «ad hoc» e ensino superior. Tel: 764096.

Jeep Willys

Vendo Jeep Willys CV3 de 1958 todo reparado 2 jogos de jantes importadas USA. Telefone: 712087.

Atrelado-tenda (4+2)

Vendo em óptimo estado, material muito resistente, com 2 quartos de casal, sala, avançado e roda de reserva. Preço 100 c. Telefone: 82794 Vendas Novas.

Vende-se bicicletas

Bicicleta especial e corridas em alumínio roda n.º 24 só por 17 000$00 e bicicleta de crosse grande, pintura nova, travão de tambor e caixa de 3 mudanças por apenas 6 000$00. Contactar para o 709030 depois das 20h (Álvaro Melo).

Explicações

Universitária dá explicações ao ciclo preparatório. Telefone: 831966.

Cooperativa Plataforma

Como pode o fascismo instalar-se por via «legal». Um exemplo recente, num livro alucinante — «A Batalha do Uruguai». Preço: 200$00. Se desejar recebê-lo por apenas 150$00, remeta-nos o recorte desta mensagem acompanhado da referida importância para: Plataforma, Apartado 1332, 1009 Lisboa Codex. (Oferta limitada aos leitores de «Sete Ponto Sete» até 15 de Maio).

Enciclopédias Novas

Vendo «New Caxton Encyclopedia», 20 volumes, 35 000 Esc; «New Junior Encyclopedia», 18 volumes, 12 000 Esc.
Tel: 675002.

Regulamento:

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.

Responsável de edição, João Mendes
Correspondência, Diário de Lisboa /Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA

Supercraques da arquitectura na Bienal de Paris

A arquitectura está bem, obrigado. A que se faz, a que se mostra. Paris-construções; Paris-cimácios. Se atravessarmos a cidade em diagonal, encontramo-la em várias situações.

No estado de projectos. Violentamente coloridos de um belo vermelho, as «folies» de Bertrand Tschumi, que serão construídas no parque de La Villette, são explicadas pela primeira vez no Instituto Francês de Arquitectura, na rua de Tournon.

No estado de jóias. Maquettes preciosas e desenhos originais, pastéis delicados e vagamente decadentes que formam as colecções do novo museu de Frankfurt, são expostos pelo CCI em Beaubourg. Tom bonito, a arquitectura com um dedinho no ar.

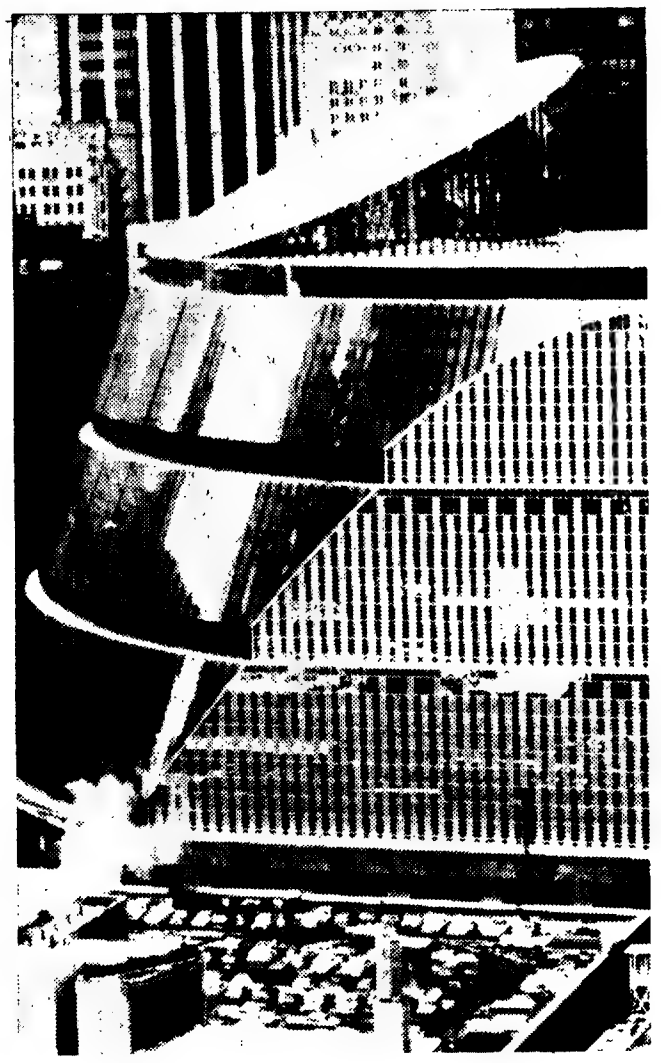
Bom aspecto, enfim. Viva, carnuda, a arquitectura heróica encontrada nos quatro cantos do mundo pelos enviados da Biennale de Paris está num dos lados baixos no grande espaço cuja nave central, em plena luz, está reservada à pintura. A Biennale, secção arquitectural, pela terceira vez.

O dispositivo é atraente, agradável, muito claro também: a sombra atrai, nos 200 metros pavimentados, escondidos pelos painéis em que continuamente se desenrolam as visões pessoais de dois fotógrafos, Deidi von Schaewen e Daniel Lainé, que viram os mesmos lugares as mesmas obras. Em face, são projectados em grande «ecran» diapositivos (mal se olha para eles) e os filmes video passam continuamente. Não há discurso pontificante, o pathos dos arquitectos a propósito da arquitectura (para os amadores masoquistas ver o catálogo), não há explicações pomposas. Imagens, um relevo concreto que nasce do confronto de várias visões, deixando ao espectador o livre jogo da sua imaginação.

Os arquitectos candidatos tinham enviado os seus documentos, as suas próprias imagens. O júri, seleccionando vinte e quatro edifícios, quis reportagens expressamente pedidas a profissionais.

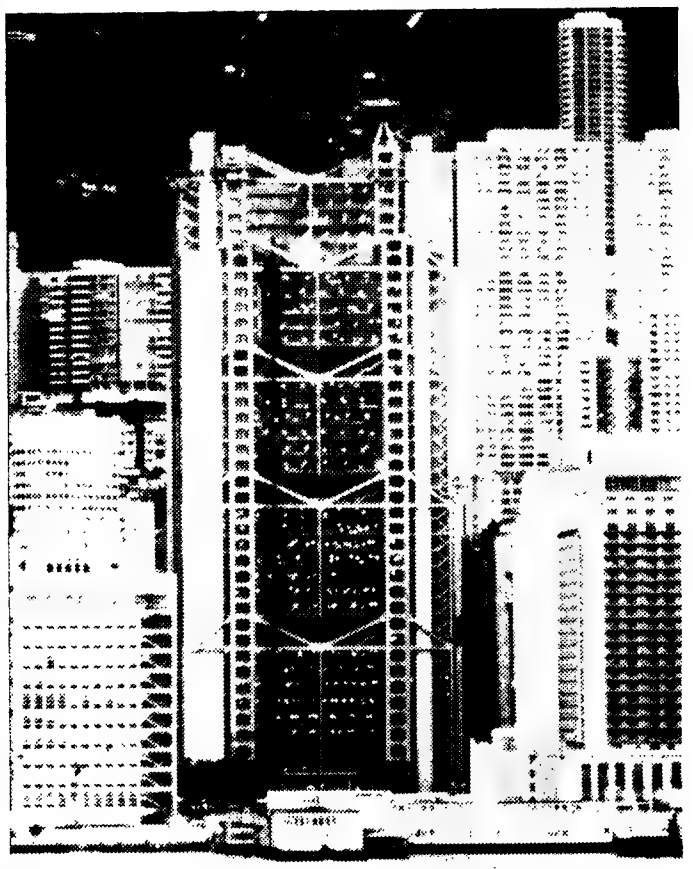
O contraste é, por vezes, violento. Determinada casa de Braga, em Portugal, pareceu a uns quente e íntima, a outros só viram nela mármore e frieza. Mas os pontos de vista também podem ser idênticos: o hospital uiversitário de Aix-la-Chapelle, que ergue em pleno campo pequenas torres revestidas de aço, e tem por fora e por dentro tubos agressivos e angustiantes, fez-lhes medo a ambos. Em Chicago, as visões misturam-se, as cabeças giram, e a montagem das imagens em caleidoscópio mostra a confusão.

O projecto oficial, e até a arquitectura do interior, compreender como vive o objecto que as revistas mostram em papel glacé, sem nenhuma actividade humana, isento das imperfeições do quotidiano, será atingido? Presos do encanto do passeio em volta do mundo, esquecemo-lo facilmente. Para nos apercebermos de que a era Beaubourg não terminou. O «tubismo», como dizem os italianos, ainda tem uma grande força, brutal e terrível quando é manejada sem vergonha; lírica e gloriosa quando serve a canção de gesta deste fim do século vinte. Ferro, vidro, cabos, pontes suspensas, telhas de pavilhão, vidraças, planos ambiciosos, a tecnologia já não mete medo aos poetas.



Tu Chicago Eu Jahn

Nada mais detém Helmut Jahn, o jovem sem complexos que perturbou a beleza clássica de uma capital do modernismo. O agitador de Chicago termina o seu chesse-cake gigante. Nem redondo, nem quadrado, nem alto, nem largo. E, ao mesmo tempo, isso tudo. O Illinois State Center é um edifício sem verdadeira forma, numa cidade onde as formas são rainhas; carrosserie cintilante, pleno de reflexos, funil azul-branco-prata, ratoeira de sol que faz empalidecer os dossiers e corar os funcionários. Caldeira da idade nuclear, em que o volume, a massa, as quantidades, substituem o estilo.

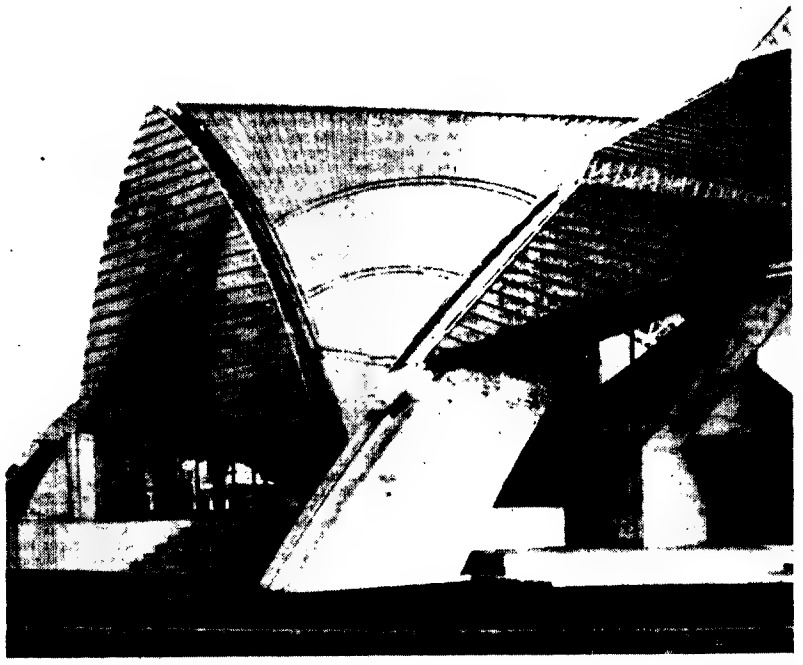


Um edifício forte em Estugarda

Fortaleza do trabalho, a sede, em Estugarda, de uma empresa de contrução da Alemanha Federal, a Züblin, da autoria de Gottfried Böhm, construtor de igrejas. Fechado, apoiado em contrafortes espessos, solidamente instalado num falso arrabalde. Aberto para uma imensa parede central, de vidro. Ratoeira de luz, lugar de passagem, lugar de encontro. Alegre, diz a fotógrafa. À escala humana.

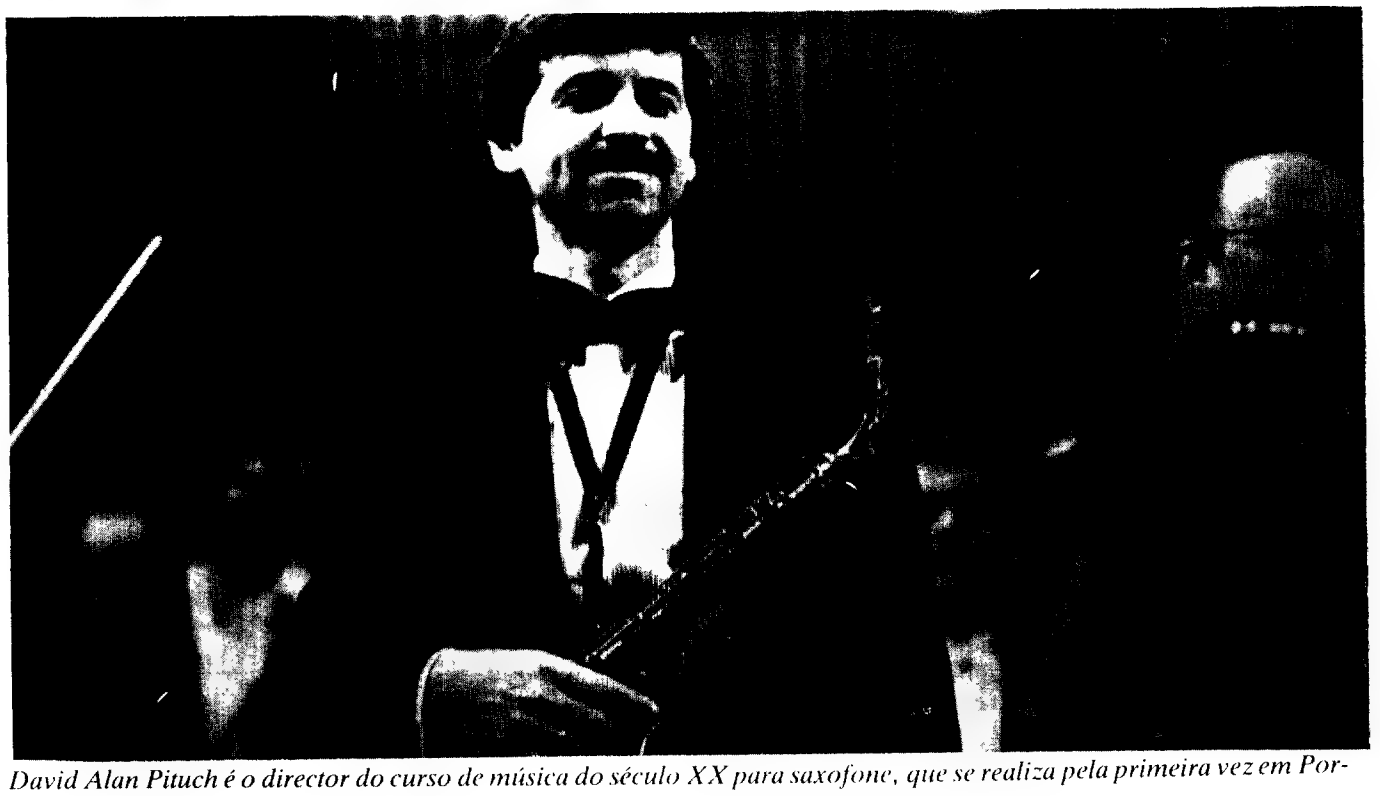
Em Fujisawa paredes em guerra

Um japonês lembra-se dos samurais: Fumihiko Maki, Construiu um ginásio junto ao monte Fuji, em Fujisawa. Mistério das carapaças terríveis, armaduras de brilhantes escamas, fendidas, por uma viseira de luz. O esqueleto vê-se no exterior, espetado no solo, e sublinha a articulação dos volumes que competem a cada desporto. Todos diferentes. Sabiamente juntos. No interior, uma grande calma suspensa, concentrada, uma luz de igreja.



Inglês de ferro para Hong Kong

O arranha-céus do fim do século. Aquele de que ainda se continua a falar. Hino à tecnologia do metal, homenagem a Eiffel por um inglês, Norman Foster, para o Shangai Banking Corporation, de Hong Kong.



David Alan Pituch é o director do curso de música do século XX para saxofone, que se realiza pela primeira vez em Portugal

Piano, saxofone e flauta são temas de cursos na Gulbenkian

Cursos e seminários de música vão ser promovidos na Gulbenkian entre o fim de Abril e o mês de Maio. O primeiro deles é dirigido pelo pianista Sequeira Costa e versará sobre «a técnica e Interpretação Pianística». A sua duração é de cerca de uma semana, com início no dia 29 de Abril e fim a 4 de Maio. O período de inscrições é hoje aberto e decorrerá até dia 24 de Abril, podendo ser admitidos, como participantes activos, pianistas diplomados com o curso superior do Conservatório. Poderão ainda inscrever-se ouvintes pianistas diplomados ou alunos do Conservatório. A idade dos participantes é limitada a 35 anos.

No dia 3 de Maio tem início, na Gulbenkian, um Seminário de Composição dirigido por Emanuel Nunes. O curso termina a 13 do mesmo mês, estando as inscrições abertas entre hoje e 30 de Abril. No dia 6 de Maio, é a vez do «Curso de Interpretação de Música do Século XX para Saxofone» que, pela primeira vez, se realiza em Portugal. A direcção do curso é de David Pituch, um norte-americano de ascendência polaca, que desde 1980 é professor na Academia de Música Chopin em Varsóvia. O curso termina a 10 de Maio, estando as inscrições também abertas entre hoje e o dia 30 de Abril. No curso serão admitidos saxofonistas profissionais e estudantes do mesmo instrumento.

O último curso da série tem início no dia 7 de Maio e incidirá sobre «Interpretação de Música Contemporânea para Flauta». A direcção é de Pierre-Yves Artaud e as inscrições estão abertas no mesmo período de tempo dos cursos anteriores.

Também aqui são admitidos, como participantes, flautistas profissionais e alunos do curso de flauta do Conservatório.

A frequência dos vários cursos é gratuita.

Escritores moçambicanos vão lançar revista em Junho

A Associação dos Escritores Moçambicanos vai lançar uma revista de periodicidade trimestral cujo primeiro número sairá em Junho, disse à NP um dos membros da Associação.

Chama-se Queriguelequeze (ritual de apresentação de uma criança à Lua Nova). Queriguelequeze é também o título de um poema de Rui de Noronha, considerado precursor da moderna poesia moçambicana.

A revista da Associação de Escritores, cujo director será o poeta Rui Nogart, incluirá no seu primeiro número uma entrevista a Marcelino dos Santos a propósito da publicação do seu primeiro livro de versos «Cântico de Amor Natural».

Gulamo Khan, membro do corpo redactorial, disse à NP que além das secções que se pretendem habituais, como ensaio, opinião, e críticas, a revista vai incluir um caderno dedicado às literaturas em português, mediante intervenção dos escritores dos outros países que o falam: Portugal, Brasil, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Angola e Cabo Verde.

Queriguelequeze apresentará sempre uma sinipse em inglês e francês, disse o escritor e jornalista Gulama Khan.

Filme português premiado em Viena de Áustria

Um filme realizado em grupo por estagiários da Casa da Cultura da Juventude do Porto foi galardoado em Viena com o prémio documentário do concurso «Décima Musa».

O filme, com o título «A Janela», é uma obra colectiva dos estagiários de cinema da Casa de Cultura do Porto e foi considerado o melhor trabalho apresentado por autores de um escalão etário, compreendido entre os 14 e os 20 anos, naquele festival anual que este ano se realizou na Áustria.

No concurso foram apresentados 91 filmes de 20 países de todos os continentes.

O concurso «Décima Musa» constituiu a «primeira grande manifestação internacional do Ano da Juventude e o conjunto dos filmes premiados vai beneficiar de uma ampla difusão mundial não comercial em cassetes vídeo», segundo um comunicado da organização do festival.

A vitória dos jovens portugueses, acrescenta, levou a que o Centro Internacional de Cinema para a Infância e Juventude «confirmasse a organização do próximo concurso «Décima Musa» à Casa da Cultura da Juventude do Porto, que decorrerá, portanto, em Portugal em 1986.

A cerimónia de entrega dos prémios será feita amanhã em Lisboa e será presidida pelo ministro da Educação.

Bienal de Arte Bantu em Libreville

O pintor angolano Lusolano Ndombaxi recebeu, quinta-feira à noite em Libreville, o terceiro prémio da primeira Bienal de Arte Bantu.

O prémio foi-lhe entregue pelo secretário de Estado angolano da Cultura, Boaventura Cardoso, na qualidade de presidente da Conferência de Ministros dos países membros do Centro Internacional de Civilizações Bantu.

O primeiro prémio foi atribuído a Wabanga, da República Centro Africana, e o segundo a Ekoreh, do Gabão.

Na bienal, que encerrou ontem, também estiveram representados os artistas angolanos Van-Van, Jorge Gumbe, Salueki, Vaz de Carvalho, Massongui e Álvaro Cardoso.

O presidente do Gabão, Omar Bongo, procedeu quinta-feira ao lançamento da primeira pedra da sede do Centro Internacional de Civilizações Bantu, a cerca de vinte quilómetros a norte de Libreville.

O ministro gabanês da Construção, Boniface Assèle, anunciou que as instalações do centro ocuparão um edifício de 14 mil metros quadrados, num parque de cem hectares, terão uma zona aberta ao público e uma outra reservada a investigação e entrarão em funcionamento no dia 11 de Março de 1987.

Assistiram à cerimónia os ministros da Cultura dos dez países membros do Centro Internacional da Civilização Bantu — Angola, República Centro Africana, Comores, Congo, Gabão, Guiné-Equatorial, S. Tomé e Príncipe, Zâmbia, e Zaire.

TEIRO CULTURAL PORTUGUÊS

Dança

● **«Primeiro Encontro dos Peixes»** é o nome de um espectáculo dançante que esta noite, pelas 22 horas, tem a sua estreia no Forum Picoas. O espectáculo é feito na base de textos de Padre António Vieira, de Schulz, Óscar Wilde e Juan Vadal. Em cena estarão Agnelo Andrade, Ana Rita Palmeirim, Elisa Ferreira, João Natividade, Margarida Bettencourt, Nuno Carinhas. As músicas são de Pat Metheng Group, J. Strauss, Jane Russel, Chick Corea, Marinio Marini, Frank Sinatra, Bing Crosby e Marlene Dietrich. Do espectáculo citamos aqui a interrogação isolada pelos seus organizadores e que consta do «Sermão de Santo António aos Peixes»: «Suposto, pois, que ou o sal não salgue ou a terra se não deixe salgar, que se há-de fazer a este sal e que se há-de fazer a esta terra?»

Cinema

● «Almada Negreiros Vivo, Hoje» e «7 Balas para Selma» de **António Macedo** são os filmes hoje exibidos na Cinemateca, às 21 e 30. Às 21 e 30, no Teatro Gil Vicente de Coimbra, prossegue o ciclo de cinema soviético com a exibição do filme **«Vassa».**

Música

● No Salão Nobre do Conservatório prossegue hoje, às 18 e 30, um ciclo de música portuguesa organizado pela Juventude Musical Portuguesa. O recital de hoje conta com a participação de **Nella Maissa,** piano.

Exposições

● A partir de hoje e até dia 21, a **Rua Augusta,** em Lisboa, vai transformar-se numa «galeria de arte», com vários pintores profissionais, amadores e estudantes trabalhando à vista do público. A iniciativa é patrocinada pelo jornal «A Tarde» e pelo comércio da mesma artéria.

● Uma exposição de fotografia submarina da autoria de **Jorge de Albuquerque** pode ser vista a partir de hoje na Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa. A exposição incluiu 34 fotografias subaquáticas e uma parte da colecção de macologia do Centro Português de Actividades Subaquáticas.

● Também a partir de hoje no B'Arte, ao Bairro Alto, podem ser vistos dez desenhos de **Alberto Oliveira.**

● «Primeiro Andamento» é o título de uma exposição de pintura de **Sofia Prestes** que pode ser vista na galeria Novo Século.

● Na galeria da EPNC encontra-se patente uma exposição de pintura de **Laura Cesana.**

● Barros e Desenhos de **Vítor Sá Machado** podem ser vistos na galeria Átrio/UAP.

● No Atrium da Imprensa encontra-se patente uma exposição de aguarela e tapeçaria de **Ângela.**

● Pintura a óleo de **José Ribeiro** pode ser vista na Sociedade Nacional de Belas-Artes.

● Na Casa do Alentejo continua patente a «exposição-venda» promovida pela organização regional de Lisboa do PCP. A exposição integra mais de 100 trabalhos de cerca de 80 artistas plásticos, entre os quais **Boavida Amaro, Gil Teixeira Lopes, Hogan** e **Noronha da Costa.**

● Uma selecção de **livros** norte-americanos publicados em 1983-1984 e que foram premiados pelo seu mérito literário encontra-se exposta na Biblioteca Americana.

● Uma exposição de pintura de **Guilherme Parente** pode ser vista no Páteo Alfacinha.

● No Casino Estoril continua patente a exposição de pintura de **José Cândido,** bem como uma mostra de **Tapetes de Arraiolos.**

● Trabalhos de **Lud** podem ser vistos na galeria Astolfi, em Cascais.

● Uma exposição de pintura de **Victor Ferreira** é hoje inaugurada na Cet.ria, em Setúbal.

● Também em Setúbal, no Museu do Convento de Jesus, continuam expostas cento e vinte obras da autoria do pintor **Álvaro Perdigão.**

● Uma exposição retrospectiva de gravura de **Manuel Cargaleiro** foi inaugurada, no fim-da-semana passada, no edifício Chiado em Coimbra.

● Encerra amanhã a exposição de pintura de **Rui Aguiar** patente na galeria Roma e Pavia, no Porto.

● Também no Porto, na Fundação Eng.º António de Almeida, encontra-se patente uma exposição de pintura e cerâmica de **João Duarte.**

● Uma feira do livro e do disco e uma exposição de equipamentos de **informática** são algumas das iniciativas integradas na IV semana Cultural da Escola Secundária de Gondomar.

Teatro

● O grupo de **teatro Maizum** está hoje de novo na Ocarina onde, a partir das 19 horas, apresenta o espectáculo de Fassbinder, «O Paraíso Não Está À Vista».

CINEMAS

Uma cena do filme «Paulina na Praia». A nova obra-prima de Eric Rohmer da série «Comédias e Provérbios». Em exibição no Estúdio 444 e Quarteto

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
de David Lean
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15, 21.30, 0.30 h

Alfa 2

REVOLTA NO PACÍFICO
de Roger Donaldson
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa 3

O CAÇA-POLÍCIAS
de Martin Brest
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa Club

A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO — II PARTE
de Hal Heedham
(para maiores de 6 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h

Apolo 70

— T. 763319

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
de David Lean
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15, 21.30 e 00.30 h

Ávila

— T. 539930

NOITES ESCALDANTES
de Lawrence Kasdan
(para maiores de 18 anos)
14.45, 17, 19.10 e 21.45 h

Avis

— T. 547163

A MATULONA
de Sergio Martino
(não aconselhável a menores de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

TERRA SANGRENTA
de Roland Joffé
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h.

Caleidoscópio

PINOCCHIO
Falado em português
3.ª Semana
(para todos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Capitólio

— T. 372358

GEMIDOS DE PRAZER
(interdito a menores de 18 anos)
15, 17, 19, 21 e 23 h

Castil

— T. 530194

OS DESTEMIDOS
de Henri Verneuil
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

O CAMPEÃO
(não aconselhável a menores de 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
OS TAXISTAS DO RITMO
(para maiores de 12 anos)
24 h

Cine Camões

— T. 324194

CÃES DE GUERRA
de John Irving
(não aconselhável a menores de 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

UM AGENTE NA CORDA BAMBA
de Richard Tuggle
(para maiores de 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
TEERÃO 43
(não aconselhável a menores de 18 anos)
24 h

City Cine

— T. 549999

O LUGAR DO MORTO
de António-Pedro Vasconcelos
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
TOM HORN, O COWBOY
de William Wiard
23.45 h

Condes

— T. 322523

SOLTEIROS E... TARADOS
de Neal Israel
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

O CAÇA-POLÍCIAS
de Martin Brest
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
O GRANDE COMBATE
(não aconselhável a menores de 18 anos)
24 h

Estúdio

— T. 555134

GREYSTOKE: A LENDA DE TARZAN REI DA SELVA
de Hugh Hudson
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

ZONA DE PERIGO
de David Cronenberg
(para maiores de 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 779095

PAULINA NA PRAIA
de Eric Rohmer
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova

UM AGENTE NA CORDA BAMBA
de Richard Tuggle
(para maiores dd 18 anos)
14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 h
O ESPIÃO SAI ÀS 9
de Walt Disney
(para todos)
10.30 h

Sala 2

PINOCCHIO
de Walt Disney
(para todos)
14.15, 16.15, 18.15 e 21.15 h

Sala 3

PORKY'S
de Bob Clark
(interdito a menores de 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

SOLTEIROS... E TARADOS
de Neal Israel
(para maiores de 6 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h

Sala 2

O CONFRONTO
de Paul Newman
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

UM AGENTE NA CORDA BAMBA
de Richard Tuggle
(para maiores de 18 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

O CONFRONTO
de Paul Newman
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Sala 2

AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15, 21.30 e 00.15 h

Mundial

— T. 538743

O CAÇA-POLÍCIAS
de Martin Brest
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

UM LUGAR NO CORAÇÃO
de Robert Benton
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

A FÚRIA DA BESTA
(para maiores de 18 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Olímpia

— T. 325309

A FLORESTA DO PRAZER
(para maiores de 18 anos)
Sessões contínuas

Politeama

— T. 326305

O CAMPO INFERNAL DAS MULHERES PERDIDAS
(para maiores de 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Quarteto

— T. 771378

PAULINA NA PRAIA
de Eric Rohmer
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
O EXTERMINADOR
deJames Glikenhaus
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

A CORDA
de Alfred Hitchcock
(para maiores de 17 anos)
15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h

NOSTALGIA
de Andrei Tarkovski
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.15 h
POR FAVOR NÃO MEXAM NAS VELHINHAS
de Mel Brooks
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

TOP SECRET
de Jim Abrahams, Jerry Zucker e David Zucker
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h

Quinteto

— T. 573407

A ESTRADA DE FOGO
de Walter Hill
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
SEXTA-FEIRA 13
(para maiores de 18 anos)
24 h

Roma

— T. 889192

TERRA SANGRENTA
de Roland Joffé
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy

— T. 548560

A DAMA DE FERRO
(não aconselhável a menores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

— T. 579144

ENCONTRO COM O AMOR
de Ulu Grosbard
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
de David Lean
(para maiores de 12 anos)
14.15, 17.45 e 21 h

Sala 3

PROTOCOLO
de Herbert Ross
(para maiores de 12 anos)
14.45, 16.45, 18.45 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

PROTOCOLO
de Herbert Ross
(para maiores de 12 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

GENTE GIRA
de Jaime Uys
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
FEBRE DE VELOCIDADE
de Mário Morra
(para maiores de 13 anos)
24 h

Terminal

— T. 371573

HISTÓRIA DO SOLDADO
de Norman Jewison
(para maiores de 12 anos)
13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.45

Tivoli

— T. 570595

PINOCCHIO
prod. Walt Disney
(para todos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim

— T. 706666

PORKY'S — O DIA SEGUINTE
de Bob Clark
(para maiores de 16 anos)
15, 17.30 e 21.45 h

Vox

— T. 880808

OS DESTEMIDOS
de Henri Verneuil
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Xenon

— T. 368480

FUGITIVOS DO INFERNO
de Hal Bartlet
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cine-Plaza — «Eureka», às 15.30 e 21.30 (16 anos)
CACÉM — Cine-Estúdio Flores — «Operação Zebra Force», às 15 e 21.30 (não aconselhável a menores de 18 anos)
MEM MARTINS — Cine-Teatro Chaby — «Rocky 1», às 21.30 (18 anos)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS — 2000 — «Oficial e Cavalheiro», às 15.30 e 21.30 (não aconselhável a menores de 18 anos)
PAÇO DE ARCOS — Cine-Chaplin — «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.15 (não aconselhável a menores de 13 anos)
CARCAVELOS — Atlântida — «Os Tarados do Rio Louco», às 15.30 e 21.30 (12 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS — 2000 — 1oficial e Cavalheiro», às 15.30 e 21.30 (não aconselhável a menores de 18 anos).
PAÇO DE ARCOS — Cine-Chaplin — «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.15 (não aconselhável a menores de 13 anos).
CARCAVELOS — Atlântida — «Os Tarados do Rio Louco», às 15.30 e 21.30 (12 anos).
ESTORIL — Casino «Top Sesret», às 17 e 21.15 (6 anos)
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Terra Sangrenta», às 15.15 e 21 (16 anos) — **Sala 2** — «O Confronto», às 15.30 e 21.45 (16 anos)
CASCAIS — Oxford — «Solteiros... e Tarados», às 16 e 21.30 (16 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Nova Iorque, 2 Horas da Manhã», às 15.30 e 21.30 (12 anos)
ALMADA — Incrível Almadense — «Os Conquistadores de Domingo», às 15.30 e 21.15 (13 anos).
COSTA DE CAPARICA — Silicine — «Kindar, o Invulnerável», às 15.30 e 21.45 (12 anos).
COSTA DE CAPARICA — Caparica Oceano — Sala 1 — «Zona de Perigo», às 15.45 e 21.30 (16 anos) — **Sala 2** — «Krull», às 16.15 e 21.45 (6 anos).

Porto

PEDRO CEM — «Só Contra Todos», às 15, 18.30 e 21.30 (12 anos) — «Auto-Stpo Alucinante», às 23.45 (18 anos)

SÃO JOÃO — «O Caça-polícias», às 15.30 e 21 (12 anos)

TRINDADE — «Amadeus», às 15.30, 18 e 21.45 (12 anos), «Um Amor na Alemanha», às 00.15 (16 anos)

POUPE COMBUSTÍVEL

Farmácias

Lisboa

PERMANENTE

AREEIRO: Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B (T. 887300); **GRAÇA: Morão**, L. da Graça, 63 (T. 860700); **JARDIM DOS ANJOS: Confiança**, Av. Almirante Reis, 46-A (T. 821653); **JARDIM ZOOLÓGICO; Alegria**, E. de Benfica, 180-A-B (T. 780511); **LUMIAR: Douro**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **OLIVAIS SUL: Marta**, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **PRAÇA DA ALEGRIA: Britles Moita**, P. da Alegria, 33-34; **PICHELEIRA: MarluzC**. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **POÇO DOS NEGROS: Valentim**, R. Poço dos Negros, 88-90 (T. 601453); **SALDANHA: Dalva**, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); **SANTO AMARO: Botânica**, R. da Junqueira, 38-40 (T. 638132); **XABREGAS: Salter**, R. de Xabregas, 63-65 (T. 381185); **BRANDOA - AMADORA: Brito**, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **ODIVELAS: Monserrate**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 9811139); **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO

AJUDA: Moura, T. da Memória, 55 (T. 630944); **ALVALADE: Líbia**, Av. da Igreja, 4-B-C (T. 891681); **AVENIDAS NOVAS - AVENIDA JOÃO CRISÓSTOMO: Cosmos**, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 40592); **BAIRRO AZUL: Bairro Azul**, Av. Ressano Gar ia, 7-A (T. 571451); **BAIXA: Normal de Lisboa**, R. da Prata, 220 (T. 878342); **BENFICA - SANTA CRUZ: Lavinha**, R. Eng. Paulo de Barros, 28-A (T. 708242); **CAMPO DE OURIQUE: Linaida**, R. Ferreira Borges, 30 (T. 660955); **CHILE - ALAMEDA: Nobel**, R. Actor Vale, 53 (T. 842152); **CONDE DE REDONDO -SANTA MARTA: Davi**, R. Conde de Redondo, 68-72 (T. 554342); **PAMPULHA - JANELAS VERDES: Lealdade**, R. do Olival, 226-228 (T. 663441); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Ontra Banda

ALMADA: Silva Júnior, Av. 25 de Abril, 9 (T. 2768030). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Atlântico**, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Baptista Marques**, R. Boa Vontade, 17-B (T. 2298572). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Piçarra**, Av. do Bocage, 65-A (T. 2074771). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **SEIXAL: Soromenho**, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). Até às 22 horas; **MONTIJO: União Mutualista**, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Louro**, R. Frei António das Chagas (T. 24491). Permanente; **Soromenho**, R. Machado Santos, 24 (T. 22691). Permanente; **Mira**, P. Jorge Af. (T. 20427). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Dias Saraiva, Av. Afonso Pala, 17 (T. 2114487). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 219697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Até às 22 horas; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. A. Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro**, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Lopes**, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Amadora, P. 25 de Abril, 3-A (T. 935518). Permanente; **Campos**, R. Elias Garcia, 185 (T. 930072). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ: Correia**, L. do Mercado, 3 (T. 950906). Até às 22 horas; **CAMARATE: Mendonça**, Apelação. Até às 19 horas; **CACÉM: Silva Duarte**, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **ALGUEIRÃO; Vítor Manuel**, E. de Algueirão, 123. Permanente; **MERCES: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**. Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Vila (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias

MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Permanente; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 2531240). Permanente.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

CAMPOS, R. Padre Luís Cabral, 943, Foz; **HENRIQUES**, P. da Batalha, 64-A; **ORIENTAL**, R. do Bonjardim, 727; **DAS OLIVEIRAS**, R. D. Afonso Henriques, 646, Areosa; **MAFALDA**, R. do Monte Cativo, 444.

DE DIA E TODA A NOITE

CLÉRIGOS, R. dos Clérigos, 36; **CARDONA DOS SANTOS**, R. D. Manuel II, 90; **MARTINHO, SUCURSAL**, P. Marquês de Pombal, 122; **MOURA**, R. do Bonfim, 582-A-B; **RAMOS**, P. do Exército Libertador, 91.

TEATROS

Casa da Comédia

Rua S. Francisco Borja, 24 (às Janelas Verdes)
Tel. 60 72 99

(De quarta a domingo, às 21.30).
«EVA PERÓN». Texto, encenação, cenografia e figurinos: Filipe La Féria. Música: Sérgio António. Interpretação: Cândida Vieira, João d'Ávila, Rogério Samora, Sara Lima e Teresa Roby.

Teatro Aberto

Praça de Espanha
Tel. 77 09 69

(De quarta a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00).
«O ESFINGE GORDA». Compilação de textos, dramaturgia e encenação: Mário Viegas. Participação musical: Janita Salomé. Interpretação: Amílcar Botica, Francisco Pestana, Melim Teixeira e Tiago Vidigal.

Teatro da Graça

Trav. de S. Vicente (à Voz do Operário).
Tel. 87 56 26

(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00 e 21.30)
«TODOS OS CÓMICOS ACABAM COM UMA CANÇÃO» de Catherine Hayes. Encenação: Carlos Fernando. Interpretação: Anna Paula, Carlos Fernando e Teresa Madruga. Grupo **TEATRO HOJE.**

Teatro Ibérico

Rua de Xabregas, 54
Tel. 38 25 31

(De terça a sábado, às 21.30; domingos às 17.00).
«CELESTINA» de Fernando de Rojas. Encenação e cenografia: José Blanco Gil. Figurinos: António Filipe. Música: Domingos Morais. Interpretações: Anabela Bandeira, Ana Santos, António Filipe, Custódia Gallego, Fernanda Policarpo, Francisco Soromenho, Jorge Coelho, Juvenal Garcês, Lídia Soeiro, Luís Lopesk, Magda Morais, Manuela Cassola e Paulo Guilherme.

Teatro Maria Vitória

Parque Mayer
Tel. 37 17 40

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45).
«NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO!», de Mário Zambujal, Henrique Santana e Francisco Nicholson. Música: João Vasconcelos, F. Correia Martins e N. Nazareth Fernandes. Encenação: Henrique Santana. Interpretação: Alice Gomes, Carlos Cunha, Carlos Ivo, Eugénio Salvador, Fernando Mendes, Herrique Santana, Ivone Silva, Leonor Edviges, Linda Silva, Maria Cabral, Marília Barroso, Marina Mota, Nuno Emanuel, Raquel Almeida e Soraya Arrais.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70
Tel. 68 63 00

(Domingos e segundas às 21.30).
«DOIS TEMPOS UM PAÍS», c/ Sandra Baptista e Nuno Miguel.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Cascais, 1-A
Tel. 66 15 15 — Cornucópia

(Sábados e domingos, às 15.30).
«Ó QUE MEDO, QUE AQUI HÁ».

Café-Concerto

R. Norte, 24.

(Quintas, sextas e sábados, às 24.00).
«PROIBIDO».

Teatro Variedades

Parque Mayer
— Tel. 32 60 37

(De terça a sexta, às 21.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00 e 21.45).
«BOEING! BOEING!», de Marc Camoletti. Adapt.: César de Oliveira e Raul Solnado. Encenação: Maria Helena Matos e António de Cabo. Interpretação: Aida Baptista, Ana Otero, Fernanda Oliveira, Luís Esparteiro, Nicolau Breyner e Rosa do Canto.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos
Tel. 76 68 09

«ÚLTIMO ACTO», de Simon Gray. Tradução: Maria Teresa Guerreiro. Encenação: Artur Ramos. Cenografia: Fernando Filipe. Interpretação: Adelaide João, Carmen Santos, Fernanda Montemor, Jorge Sequerra. José Brás, Laurinda Ferreira, Luís Beira e Simão Pinheiro. **TEATRO-ESTÚDIO DE LISBOA.**

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A
Tel. 53 85 86

(De terça a sábado às 21.30; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30).
«SUPER-SILVA» de Ray Conney. Encenação de João Mota. Cenografia de Octávio Clérigo. Interpretação: Igor Sampaio, José Renato Solnado, Lídia Franco, Luís Alberto, Luís Mata, Manuela Carlos, Raul Solnado e Rui Mendes.

Ocarina

Trav. do Poço da Cidade (ao Bairro Alto)
Tel. 37 29 99

(Às segundas, quartas e sextas).
«O PARAÍSO NÃO ESTÁ À VISTA», de R. W. Fassbinder, pelo **GRUPO DE TEATRO MAIZUM**

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão Oliveira
Tel. 63 99 74

(Todos os sábados, domingos e feriados, às 16.00).
«GRAÇAS E DESGRAÇAS NA CORTE D'EL-REI TADINHO».

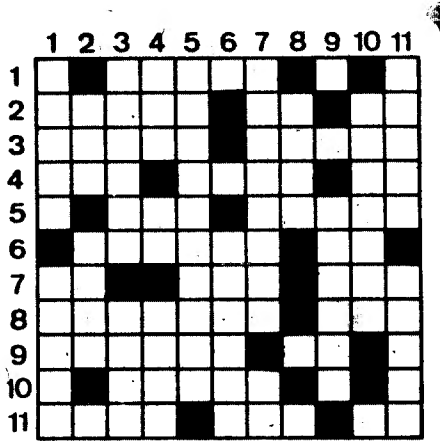
Comuna

Praça de Espanha
Tel. 72 08 18

(Sextas, às 22.00; sábados, às 23.30).
«PÓ DE PALCO», de Abel Neves, Carlos Paulo, Herberto Hélder, Jorge de Sena, José Pedro Gomes, Luís de Campos, Manuel Alegre e Karl Valentim. Coordenação: Carlos Paulo. Encenação: João Mota, Interpretação: Amélia Viodeira, Carlos Paulo, Carmen Marques, José Pedro Gomes e Marques Arede.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 405



HORIZONTAIS:

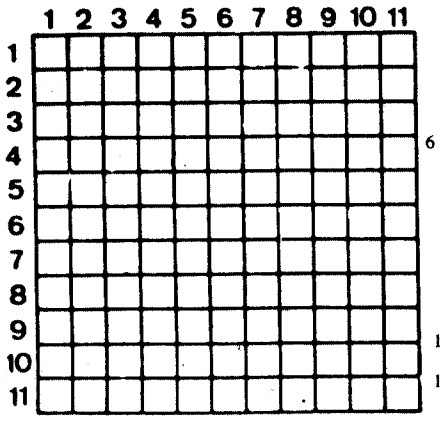
1 Artigo definido. Marido (pop).
2 Rei de Israel. Sufixo que designa estado. Átomo.
3 Invulgares. Contínuo.
4 Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Filtram. Batráquio.
5 Pronome pessoal. Domesticar.
6 Poisai no mar (o avião). Cobre (s.q. e inv).
7 Letra grega. Fruto da ateira. Pêlos de certos animais.
8 Desacertadas. Árvore indiana, de fibras têxteis.
9 Homem e mulher, que casaram há pouco. Crença.
10 Lixo.
11 Patrões. Rezo. Existe.

VERTICAIS:

1 Acções. Imagina.
2 Artilharia antiaérea. Freguesia do concelho de Barcelos.
3 Bairro de Nova Iorque habitado por negros. Esplêndido.
4 Sufixo que designa abundância. Nota musical. Vila e concelho do distrito de Portalegre.
5 Disfarçados.
6 Comprometo seriamente.
7 O mesmo que moradas. Sufixo que designa estado.
8 Movo os remos.
9 Conjunção. Artigo definido. Esposa.
10 Travai luta com.
11 Esbarrar e não andar. Imagina.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 245



HORIZONTAIS:

1 Rei lendário de Creta, um dos heróis da guerra de Tróia. Entre os Caldeus o 5.º mês.
2 Cidade da Índia. Espera resposta (abrev). Nome de mulher.
3 Naquele lugar (inv). Adiantar.
4 Nome de Buda na China (inv). Efeminou.
5 Um dos doze apóstolos. Átomo.
6 Apoio. Região do Oriente aonde Salomão mandava buscar oiro.
7 Sufixo que designa abundância. Curso de água natural e abundante.
8 Caixa dentro da qual as abelhas fabricam cera e mel.
9 Nome de mulher. Inundar.
10 Cidade da Roménia. Um dos Estados dos EUA.
11 Ex-imperatriz do Irão. Cidade da Grécia.

VERTICAIS:

1 Romance de Dostoievski. Amanhã (ant).
2 Constelação do Hemisfério Boreal. Metal precioso de cor amarela.
3 Olé. Ancorar.
4 Nota musical. Aborrecida.
5 Rezai.
6 Rio da URSS. Cidade da Galileia.
7 Freguesia do concelho da Covilhã. Instrumento para soprar.
8 Sigla de Organização do Tratado do Atlântico Norte. Rio da Aquitânia.
9 Associação Cristã de Moços (sigla). Frâncio (s.q). Galicismo.
10 Homem de baixa estatura. Segundo. Acrescentei.
11 Nome com que os negros feiticistas da Baía designam S. Jerónimo. Rataras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 404

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 QUANDO. ESTÁ.	1 Queluz. FORA.
2 Unhão. Mm. Ab.	2 Unta. Ia. II.
3 Te. Gueixa.	3 Ah! Caldelas.
4 Laçadas. Mar.	4 Nadab. Im. Má.
5 Abatam.	5 Dó. Datais.
6 Zil. To. Atoo.	6 O. GATO. Toas.
7 Adia. Fie.	7 Musa. FOLGA.
8 Emito. Sra.	8 Eme. Mai.
9 Oil. Sol. Tar.	9 Im. Testos.
10 Riam. Agiota.	10 Taxa. O. RATO.
11 Sassa. Som.	11 Abarrotaram.

PROVÉRBIO: Quando está fora o gato, folga o rato.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 244

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Juneau. José.	1 Junot. Jónio.
2 Ufa. Piropos.	2 Ufania.
3 Narra. Há.	3 Nara. Careta.
4 Amo. Re. Ca.	4 Casotas.
5 Ti. Calosos.	5 Aparatosas.
6 Acatados.	6 Ui! Ela. Ca.
7 Aso. In. Pi.	7 Odiosas.
8 Oiros. Bar.	8 Johnsson. SSS.
9 Eta. SS. La.	9 Opa. Os.
10 Tascas. Ao.	10 Só. Cs. Palas.
11 Oras. Assis.	11 Esta. Virão.

Rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; **17.50**: Informação regional; **18.05**: A gaita dos sete foles; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Musical; **20.20**: No estúdio e no estádio; **20.35**: Música portuguesa; **21.00**: Cozinha económica; **21.30**: Noites de luar; **23.30**: Último jornal. Noticiários a todas as horas.

Programa 2

15.15: Ciclo João Sebastião Bahc; **15.35**: A música de piano na era romantica; **16.00**: Música do século XX; **16.45**: «Il Dolce Suono... Spargio! Amaro Pranto», da ópera «Lucia di Lammermoor»; **17.00**: Ciclo Beethoven; **17.35**: Música de todos os quadrantes; **18.00**: Um poema, de Herberto Hélder; **18.05**: «La Messe de Notre Dame», de Guillaume de MachUlt; **18.40**: «Suite Bergamasque», de Debussy; **19.00**: Musica, de Brahms; **19.30**: Terra viva planeta azul; **20.00**: Músida de câmara; **20.40**: «dança Macabra», de Saint-Saëns; **20.50**: Antologia dos músicos portugueses; **21.30**: Tempo de bailado; **22.02**: O canto e os seus intérpretes; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.35**: Três peças, de Chopin; **00.50**: Pode ouvir no Programa 2, a partir das 8 horas; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Automóvel Clube de Portugal; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Espaço Informação; **21.30**: Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Porgramas religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: Passatempo; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estereo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Pé de vento; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Musonautas; **22.00**: Blues index; **23.00**: Musical; **24.00**: Só com gelo; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

TELEVISÃO

RTP 1

13.35 — «Ciclo Preparatório TV»

18.15 — «Notícias»

Um «cheirinho» dos principais acontecimentos do dia, a preparar o prato-forte do «Telejornal».

18.20 — «Tempo dos Mais Novos»

Inclui hoje, em atenção à pequenada, «Contos de Andersen» (os contos são sempre de ler), «Yakari (é melhor a banda desenhada), «A Ilha» e «A Criação dos Pássaros».

19.00 — «teleregiões»

Actualidade regional e local.

19.25 — «Feiras de Portugal»

Com 400 anos de história, a Feira de Santa Iria, em Faro,que hoje está em foco, foi criada para «remédio e restauração da cidade», logo após os soldados ingleses, no ano da Graça de 1596, aproveitando uma viagem bélica a Cadiz, terem invadido e destruido a cidade quase totalmente. Conheceu ao longo desta tempo vários locais — Largo do Pé da Cruz, Largo de S. Francisco, Campo da Trindade e margens da Praça do Peixe. Por alvará de 1722, foi decretada «feira franca». Decorre no Outono e além dos aspectos de feira comercial sempre atraentes, regista exposições de material agrícola e de artesanato.

20.00 — «Telejornal»

20.25 — «Boletim Meteorológico»

20.30 — «Direito de Antena»

Partido Comunista Português.

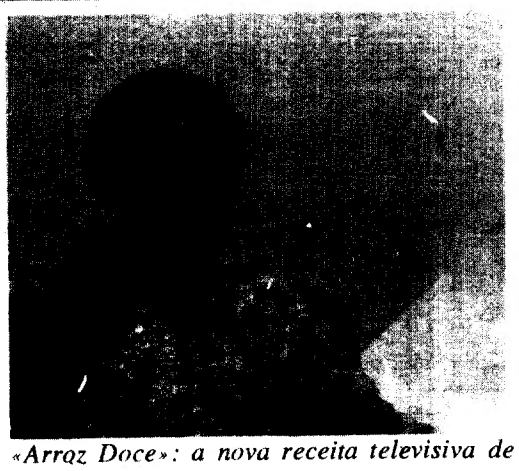
20.45 — «Chuva na Areia»

Manganão está na cabana do Caniço, onde passou a viver. Ana traz-lhe pão e café. Maganão tenta convencê-la a casar com ele e a irem viver para a América. Ana lembra-lhe que ele lhe prometeu voltar para o mar. Entretanto, toca o telefone em casa dos Fontes. É Mariazinha que os avisa do desastre que Tão teve a caminho de Vila Nova da Galé. António Fontes entra em contacto com o hospital e fica a saber que o amigo está em coma e que vinha acompanhado de uma mulher... Em cuidado, dirigem-se à cidade para o visitarem. Na Câmara da Vila estão reunidos o presidente com as senhoras encarregadas da realização do traje típico de Vila Nova da Galé. Está em discussão a quantidade de tecido amarelo que deve ser utilizado na sua confecção. Inês Fontes e Herculano decidem almoçar na Pensão Ancora. Com grande admiração, Herculano toma conhecimento da amizade que liga Guida a Inês. Costa informa Vilela que o negócio da venda dos casebres da praia está concluído e pede-lhe que avise os alemães.

21.20 — «Arroz Doce»

Júlio Isidro leva a casa uma mão cheia de convidados, neste segundo programa da sua autoria (vamos fazer de conta que não há quem se queixe de plagiato): Vítor Pavão dos Santos, director do Museu do Teatri, a actriz Lia Gama, o maestro Jorge Machado, o intelectual e professor Eduardo Prado Coelho, o «Nando» da «Guerra dos Sexos», que é como quem diz, ário Gomes, o cantor Carlos Guilherme, a Brigada VQ TOR Jara e Luís Laureano Santos. Registo ainda para a rubrica «Ele há gente para tudo» e os passatempos «Modelo Fotográfico», «Hula Lois» e a banda desehada ao vivo «As aventuras de Godofre do Leite Fresco».

23.20 — «Último Jornal»



«Arroz Doce»: a nova receita televisiva de Júlio Isidro»

«Chuva na Areia», à hora do costume

«Caminhos do Bem e do Mal»

«Feiras de Portugal»: hoje em Faro, na Feira de Santa Iria

RTP 2

19.30 — «Desenhos Animados»

Serafim, Agente Secreto.

20.00 — «Turquesa do Egipto»

Um programa de origem árabe sobre as riquezas do Sinai.

20.15 — «RTP-Açores»

Ao coreto sobe agora a Banda Filarmónica Estremala D'Alva, numa exibição gravada em Santa Cruz da Lagoa, Ponte Delgada. Produção e realização de Fernando Pessa.

20.40 — «Caminhos do Bem e do Mal»

Filippo vivia e actuava convencido de que os jovens que enchiam as ruas, podiam ser ajudados com ideias e instituições pensadas e criadas em função das suas necessidades e dos seus anseios. Numa pequena capela, organizou lições de canto e música com ajuda do seu assistente, Spiridione.

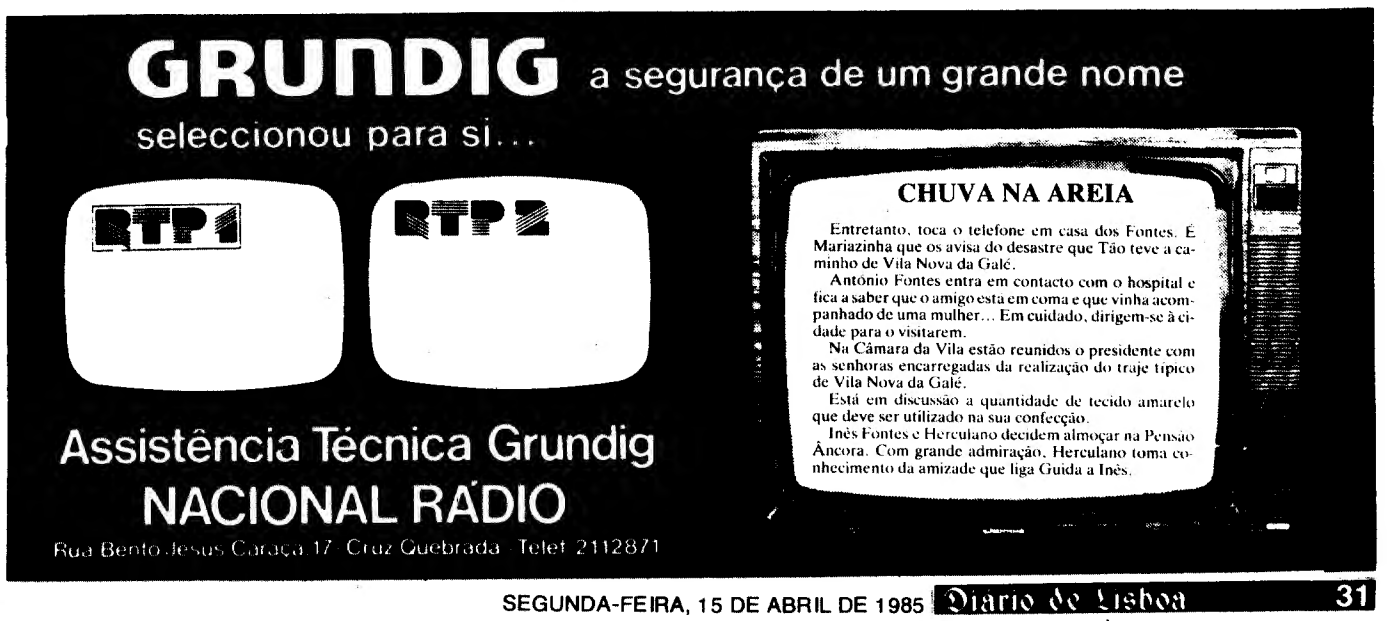
Intérpretes: Johnny Dorelli, Philippe Leroy e Mario Adorf.

Realização: Luigi Magni.

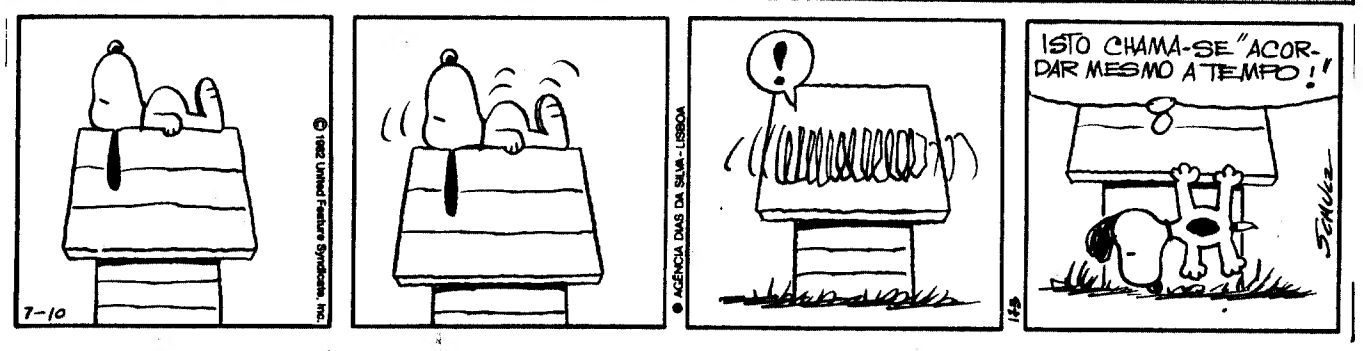
21.35 — «A Sucessora»

Guilhermina, conta a Miguel que a sua sobrinha vem morar com ela, pois quer estudar no Rio. Marina diz a Adélia que tem ciúmes de Alice. Juliana fica irritada por causa da intimidade de Dona Emília com Tião e Isabel. Marina e Adélia vão à casa de Miguel e Marina pede-lhe que guarde em sua casa a caixa de Alice. Adélia discute com Miguel por causa da venda das terras e diz que não o quer mais como seu procurador e que vai nomear o sr. Lopes para substituí-lo. Vasco procura Germana e diz que precisa de se afastar dela por uns tempos. Diante da sua recusa ele diz que irá providenciar a separação. Germana desmaia e é levada para uma casa de saúde. Marina encontra-se com Vasco e levam a menina Alice para passear. Roberto está passando de carro e vê os três a brincar.

22.15 — «Jornal da Noite»



PORTE PAGO
Fundador Joaquim Manso
DL
Director A. Ruella Ramos
Director adjunto Fernando Pitteira Santos
DEPÓSITO LEGAL: 1439/82



MARÉS DE HOJE

PREJA-MAR	BAIXA-MAR
	06.18 **1,50 m**
12.36 **3,30 m**	18.25 **1,60 m**

Dia 16

00.50 **3,60 m**	06.55 **1,40 m**
13.18 **3,50 m**	19.02 **1,40 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	3º
VIANA DO CASTELO	6º
VILA REAL	5º
PORTO	7º
COIMBRA	8º
CABO CARVOEIRO	11º
PORTALEGRE	12º
LISBOA	9º
ÉVORA	11º
BEJA	10º
FARO	14º
SAGRES	12º
PONTA DELGADA	14º
FUNCHAL	15º

Moutinho (R5 Turbo) venceu Rallye Serra do Marão

Joaquim Moutinho, em Renault 5 Turbo, ganhou com facilidade o Rali Internacional Serra do Marão, quarta prova do Nacional, triunfando em sete das oito classificativas.

Joaquim Santos, que acabou em segundo, venceu a primeira prova especial, com menos um segundo que Moutinho, mas teve a partir daí de resignar-se a perder segundos após segundos para o piloto do Renault.

Moutinho chegou ao fim da prova posta de pé pela secção de automobilismo do FC Porto com um minuto e 53 segundos de vantagem sobre Santos, no velho Ford Escort, e 2.55 sobre Carlos Bica, também em Escort.

Bica é o comandante surpresa do Nacional de Ralis, depois da desistência, logo na primeira especial, do anterior guia, José Miguel. Também na primeira prova de classificação ficou pelo caminho Jorge Ortigão.

Outra desistência de um piloto de topo foi a de Manuel Mello Breyner, já na sexta classificativa, o que deu a vitória no Grupo N a António Segurado, ao passo que Tomaz Mello Breyner venceu no A em boa parte devido ao abandono de Ortigão.

1. Joaquim Moutinho-Edgar Fortes, Renault 5 Turbo, 1.39.39; 2. Joaquim Santos-Miguel Oliveira, Ford Escort, a 1.53; 3. Carlos Bica-João Sena, Ford Escort, a 2.55; 4. José Rodrigues-Paulo Brandão, Ford Escort, a 8.18; 5. Santinho Mendes-Rui Cunha, Nissan 240 RS, a 9.36; 6. Tomaz Mello Breyner-Fernando Prata, VW Amazon, a 13.15 (GR A); 7. Pedro Sena-António Guerra, Ford Escort, a 13.43 (GR A); 8. Barros Leite- Antonio Manuel, VW Amazon, a 15.50 (GR A); 9. António Coutinho-Cândido Júnior, Toyota Corolla, a 15.17 (GR A); 10. José Moreno-António Pereira, Opel Corsa, a 16.51 (GR A).

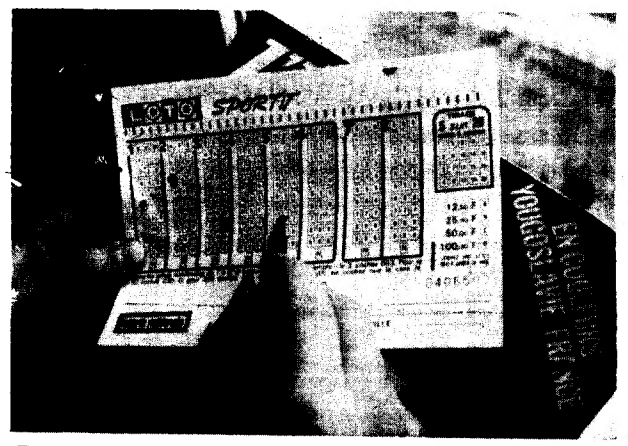
Ponte aérea do Brasil para trazer os "Fórmula 1"

Uma verdadeira ponte aérea entre o Brasil e Portugal está em marcha para trazer até ao Estoril os carros e o material das várias equipas que estarão presentes no Grande Prémio de Portugal, que se disputa no próximo domingo.

Os dois McLaren do campeão Mundial Niko Lauda e do vice-campeão Alian Prost, vencedor do Grande Prémio do Brasil, foram desembarcados no sábado na Portela de um DC-10 da Varig.

Em dois outros voos chegaram ainda três Lotus, um Arrows e dois Ligier, enquanto ontem de manhã um cargueiro Boeing 707 desembarcou na Portela 28 toneladas de material.

A ponte aérea deve continuar até hoje com a chegada de mais dois DC-10.



Loto Desportivo em França

Enquanto o Loto faz subir a febre dos jogadores portugueses, os franceses jogam com outro — o novo Loto Desportivo. Entre as provas escolhidas para a primeira edição do jogo, está acorrida de Fórmula 1 em Portugal...

DECARAS

SOUSA TAVARES, o ex-ministro da Qualidade de Vida, foi internado hoje de madrugada no Serviço de Cardiologia do Hospital de Santa Maria, confirmou o banco do Hospital.

Francisco Sousa Tavares deu entrada em Santa Maria às 4 e 20 de hoje e sofre de hipertensão arterial, segundo informação de Santa Maria.

Está presentemente na Sala de Observação aguardando vaga na UTIC, a unidade de cuidados intensivos para doentes cardíacos.

REAGAN, que tenciona homenagear os «soldados alemães» mortos na Segunda Guerra Mundial, depositando uma coroa de flores no cemitério militar alemão de Bitburg, durante a sua deslocação à RFA, no próximo dia 5 de Maio, viu os seus planos severamente condenados pela URSS. «A reverência de Reagan perante o III Reich não pode deixar de ser considerada uma ofensa à memória de milhões de pessoas que morreram às mãos dos nazis».

OTELO é o «motivo» de uma vigília que um grupo de amigos seus pensa concretizar na noite de 24 para 25 de Abril, nas proximidades da Cadeia de Caxias.

Aqueles amigos de Saraiva de Carvalho, detido desde Outubro do ano passado e a aguardar julgamento sob a acusação de pertencer às Forças Populares 25 de Abril (FP-25), pretendem concentrar-se, na noite de 24, próximo da auto-estrada, num ponto de onde seja visível o Forte de Caxias.

A vigília, no décimo primeiro aniversário da Revolução Portuguesa, terá por lema «Alvorada de Abril», em referência a um livro do próprio Otelo.

Outra iniciativa que entretanto está a ser tomada em relação ao mesmo militar é a de uma mensagem que os presos políticos libertados há 11 anos, após o 25 de Abril, tencionam agora dirigir a Otelo.

COUTO VIANA, poeta, actor e apreciador da boa mesa, foi eleito juiz da Confrataria dos Gastrónomos do Alto Minho, cuja constituição foi decidida no termo do Congresso de especialistas daquela região, realizada no fim-de-semana, em Viana do Castelo. Este é um tema que o «DL» desenvolverá proximamente, mas sobre o qual se pode desde já sublinhar a importância das conclusões aprovadas: necessidade de elaboração de uma carta e de um roteiro gastronómico da região minhota, de concretização de uma feira de vinhos verdes e de presuntos de Melgaço, e o aprofundamento das investigações relativas à arte da cozinha tradicional. O secretário de Estado do Turismo esteve na sessão de encerramento manifestando, entre outras coisas, o seu apoio a este tipo de iniciativas.

■ **JOÃO ALVES:** assumindo o posto que pertencia ao experiente Mário Wilson e considerando terminada em beleza a carreira como centro-campista de eleição, o «luvas negras» está tocado pela estrelinha da sorte, conseguindo quatro vitórias consecutivas para um Boavista que andava descrente e parecia de costas viradas para a Europa. Apostando na colocação intermediária do excelente Phil Walker e implantando na área de disparo o jugoslavo Filipovic, Alves vai somando pontos e contos: atenta, lá está a tesouraria comandada por Valentim Loureiro, o conciliador que viaja permanentemente entre vários amores, todos do seu coração.

RUI MACHETE fala hoje sobre Portugal e a NATO no encerramento do seminário da Associação Luso-Atlântica de Jovens Quadros Políticos, a decorrer no Instituto de Defesa Nacional.

O encontro, que reúne quadros políticos com menos de 30 anos, dos quais 35 são estrangeiros, na sua maioria espanhóis, destina-se nomeadamente a preparar um seminário ibérico.

Durante os trabalhos, que encerram à tarde, intervêm também o secretário de Estado Eduardo Âmbar, que falará sobre a política externa portuguesa, Torres Couto, da UGT, e dirigentes das organizações de juventude do PS, PSD e PPM.

PS domina reuniões com PSD e CDS

A «cimeira» PS/PSD decorrerá na 5.ª-feira na sede do Partido Socialista (Rua da Emenda), uma vez que a última se realizou na Buenos Aires, há cerca de dois meses.

A indicação de que a quinta «cimeira» oficial PS/PSD se efectuará quinta-feira (à tarde) saiu ontem de madrugada do Conselho Nacional do PSD e foi avançada por um dos participantes.

A «cimeira», segundo fontes sociais-democratas, visa «uma análise mais aprofundada e um juízo mais seguro» do papel da coligação.

O PS vai dominar esta semana política. Além da «cimeira» de 5.ª-feira, mandatará Almeida Santos para uma reunião, em S. Bento, com o líder parlamentar do CDS, Nogueira de Brito. Foi o próprio que adiantou essa iniciativa durante os trabalhos do Conselho Nacional do CDS, que também reuniu sábado.

Etre Almeida Santos e Nogueira de Brito, na presença do GP do PS, será analisada a proposta centrista de revisão da Constituição há dias apresentada por Lucas Pires. Há uma semana havia decorrido um encontro entre ambos, mas então sem a participação do Grupo Parlamentar Socialista.

Depois deste encontro, Nogueira de Brito contactará, no mesmo sentido, os grupos parlamentares da ASDI, UEDS e PSD.

Soares e Machete com o CEMGFA

O chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas (CEMGFA), general Lemos Ferreira, recebeu esta manhã o Primeiro-Ministro, Mário Soares e o vice-primeiro-ministro, Rui Machete, a quem expôs a situação em que se encontram as Forças Armadas.

Depois da reunião de trabalho, Lemos Ferreira convidou para almoçar Mário Soares e Rui Machete.

À hora do fecho desta edição, ainda não fora emitido qualquer comunicado oficial sobre a reunião entre o CEMGFA e os dois responsáveis pelo actual Executivo.